3 1761 06862493 1

PQ
9697
P35P3
1920

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/parbolas00peix

PARÁBOLAS

DO AUTOR

Edições da Livraria Francisco Alves

Literatura:

ROSA MYSTICA (1900) *esgotada.*
A ESFINGE (1911) 4.ª edição: 8 milheiros.
MARIA BONITA (1914) 3.ª edição: 7 milheiros.
POEIRA DA ESTRADA (1918) 2.ª edição: 5 milheiros.
FRUTA DO MATO (1920) 2.ª edição: 6 milheiros.

Educação:

MINHA TERRA E MINHA GENTE (1916) 2.ª edição: 11 milheiros.
TROVAS BRASILEIRAS (1919) 1.ª edição: 3 milheiros.
ENSINAR A ENSINAR *(em preparo: conferencias e ensaios pedagogicos).*

Sciencia:

TRATADO DE MEDICINA PUBLICA:

MEDICINA LEGAL (1910) 3.ª edição: 7 milheiros.
HIGIENE (1913) 2.ª edição: 5 milheiros.
PSICO-PATOLOGIA FORENSE (1916) 1.ª edição: 2 milheiros.

São as datas as da primeira edição de cada livro.

AFRANIO PEIXOTO

PARÁBOLAS

2º MILHEIRO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO
S PAULO | BELLO HORIZONTE
Rua Libero Badaró, 129 | Rua da Bahia, 1055
1920

LIBRARY
SEP 20 1967
UNIVERSITY OF TORONTO

PQ
9697
P35P3
1920

I

PARENTES POBRES

"HISTORIAS NATURAES"

(Os outros seres)... nossos parentes...

EMPEDOCLES DE AGRIGENTO.

SEIXO ROLADO

Era uma vez uma ponta de pedra, branca e rija, soerguida na cumiada de uma serrania, a perder de vista a planicie mesquinha. Parecia uma exaltação de orgulho de terra, que, depois de se levantar pela ênfase de impetos sucessivos, culminara num desafio ao céu, arrogante e insolente, arrostando meteoros efêmeros, inaccessivel, dominadora, como um simulacro da divindade, absoluta e, portanto, solitaria, como a imagem mesma do ideal.

Mas um dia, o raio do céu, provocado pela força oposta que sobe do chão, como ameaça, e se acumula nas pontas, chispou-lhe uma faisca de fogo, e a pedra decepada rolou pelos flancos da montanha, logo envolvida pela neve das alturas, como um consolo, nesse breve trajecto, da mágua da primeira decadencia.

Adiante outros raios, agora do sol, derreteram a bola de neve e com a agua do enxurro

desceu tambem o pedacinho de pedra. Correu a veia liquida e foi levando, de queda em queda, atravez de barrancos e ribanceiras, de cachões e socalcos, até a rechã decomposta, de barro imundo, no qual descansou, numa promiscuidade vil, encardida e desprezivel, comidas as saliencias, raladas as quinas, no conflicto que o seu bruto orgulho de pedra veiu travando com as outras pedras vingadoras do caminho.

Porfim, um outro dia, as aguas tumultuosas arrancaram o pedacinho de pedra desse nojo, para outro maior, obrigando-o a correr nos riachos turgidos que desciam da serra, em torvelinhos de lama e de detrictos, até as aluviões empauladas, até o leito dos rios grossos que deslisam, lustrosos e pesados, como serpentes nojentas, que coleam no pântano das baixadas.

E na vasa mole e infecta do fundo o pedacinho de pedra, já sem arestas nem pontas, foi arrastado no bojo túmido da corrente, até o mar, ultimo refugio, imenso calice de amargura que esgota o martirio milenar da terra, trabalhada por tantas dores obscuras, e submersa, finalmente, sob a mortalha fria da onda.

Atirado na praia, entre algas e sargaços, lá

se ficou, poído e roliço, uniforme e indistincto, na multidão anonima de outros seixos rolados, que talvez foram tambem, um dia, outras tantas pontas de pedra, soerguidas e inaccessiveis, desafiando o proprio céu, no orgulho de um ideal, e agora, de degradação em degradação, aparadas as saliencias, roidas as arestas, redondos e eguaes, passivos e dóceis, rolam no fluxo e refluxo, constante e invariavel, da maré morna, da salsugem amarga...

Somos todos, na vida, seixos rolados.

*

BONDADE IMORAL

Em Bello-Horizonte, na rua Sergipe, vi, faz alguns anos, um coqueiro abraçado por uma figueira brava que o suspendia, desarreigava lentamente, e o havia de matar: retrato simbolico da universal ingratidão, da infinita maldade do mundo.

Existia por aí o coqueiro, solitario no descampado, apenas visitado pelas aves do céu, que uma, certo dia, lhe depôs nas palmas a semente

do ficus. Germinara com a umidade, e longa raiz adventicia desceu vertical, como um fio de liana, á procura da terra. Nela penetrou em breve a ponta, dividida e multiplicada, serpejante, munida mais tarde de sapopembas, emquanto a primitiva raiz aerea se fizera haste, engrossada, robusta, ao lado do coqueiro, abraçado por expansões lateraes, sarmentos poderosos que conseguiram e apertavam a intimidade.

O coqueiro acolhera a semente, dera-lhe o apoio, servira-lhe de guia á raiz, de amparo ao caule, aconchegara os braços timidos dos tentaculos que pediam socôrro, e agora, implantada solidamente no chão, esgalhada em basta ramaria, ao seu protector a figueira tolhia o ar e a luz: era o esbulho, do qual é formula civil a herança. E levantando-se, e subindo, levava consigo o coqueiro, agora quase desarreigado, morto amanhã, sempre apertado nos braços que acolhera e lhe davam lentamente a morte.

E' assim a natureza. Consciencia ou inconsciencia do mal não lhe alteram a irreductivel e eterna maldade: a consciencia será luxo ou apenas requinte, da maldade subsistente, infinita alma do mundo. E' a vida continua traição, do que

é ao que foi, do que será ao que é, dos individuos e especies entre si, das especies contra os individuos, com tão inflexivel e impiedosa indiferença, tão revoltante e serena crueldade, que se mudam os termos da razão, e a bondade — essa é extranha e fóra da natureza, essa é que é imoral...

*

INDECENCIA

Uma flor?! Apenas, e sómente, uma indecencia, uma deliciosa indecencia. Uma flor é a alcôva de um noivado.

*

DIÁLOGO MUDO

Junto de um'a murta, talhada em forma de pirámide, pára, admirado e risonho, um cãosinho felpudo, "barbet", aparado como "caniche".

A MURTA

De que ris?

O CÃO

De sua extravagancia... Até ontem você era cone, hoje piramide, depois será bóla ou chapéu de sol... Bem variado!

A MURTA, *milindrada*

Sim. Mais divertido que a tua caricata e monotona fantasia! Teu ridiculo é permanente.

O CÃO, *olhando-se todo*

Sou assim ha tanto tempo, que já me esquece ter sido diferente...

A MURTA

Embora. Deves aos outros cães produzir o mesmo efeito cômico: raspado do meio do corpo para trás, na frente uma juba conservada, e nos pés e no extremo da cauda, essas pulseiras de pêlos... Um leãosinho de louça, vivo, ágil, para encanto da cozinheira...

O CÃO, *examinando-se ainda*

Devéras... Somos ridiculos. Entretanto você parece ainda mais, porque o seu comico é presunçoso... nada menos que uma arte para cor-

tar ramos, podar, entortar, desviar, ageitar e transformar belas árvores em pirámides, cones, chapéus de sol, bolas, ânforas, arcos, quiosques ou divans... A mim fazem-me leão de interior; caricatura para presepe a você... e isto é "arte topiaria".

A Murta

De facto que essa fantasia deve ser de bicho bem perverso... Incapaz de produzir qualquer coisa, desfaz o homem o belo que encontra á mão... e faz isto!

O Cão

Não sei se mau; creio, de preferencia, que apenas estúpido. Deve ser pobreza de espirito. Má é a natureza inteira, mas é respeitavel. O homem é ridiculo.

A Murta

O ridiculo é o desfarce do mau. Quando ele se cança, distrai-se na ruindade passiva, da ruindade deligente. Toda natureza poderia queixar-se da mesma maldade que ele vae espalhando pelo mundo.

O CÃO

Você exagera. Convivo mais de perto com ele. Digo-lhe que é estupidez. Quer prova? O que faz conosco faz consigo mesmo. Já não falo da companheira dele, que tira peles e penas dos bichos, flores e folhas ás plantas, para se enfeitar de postiços...

A MURTA, *risonha*

Engraçadas... Quando saem á rua, paramentadas, parecem umas Marias-malucas... E sem esses "chichis" e sem aqueles vestidos, como Deus as fez, é que elas são lindas, e triunfam, sem contraste... Mas não compreendem... Chamam galanteria aos emprestimos que as deformam e as encobrem, sem graça nenhuma.

O CÃO

Ainda elas acrescentam, sem tirar nada do que lhes é proprio... vá!... mas os tolos dos companheiros delas... o que eles fazem do cabêlo e da barba! E' de morrer de rir... Verdadeira arte topiaria... "brosse carré", pastinhas, corôa, tonsura, escovinha, suiças, pêra, "cavai-

gnac", "andó", barbicha, barba á inglêsa, bigodes para cima, para baixo, torados, raspados... que tudo dá á cara mil feitios comicos e ridiculos...

A MURTA, *convencida*

Tens razão. Que esperar para os outros, quando ele dispõe assim do proprio rosto, feito, segundo pretende, á imagem e semelhança de Deus?! Será mau, porém, convenho, que ainda é mais grotesco.

O CÃO, *satisfeito com o acordo*

Quando o jardineiro se aproximar com as suas tesouras, não se irrite mais, ria-lhe na barba-passa-piolho... é o que vou fazer ás costeletas do copeiro que me tosa...

A MURTA, *apurando o ouvido*

Caluda! Eles aí vem... Já se afeiaram, vem nos afeiar. E' tão estupido que faz rir...

Ouvem-se passos no saibro do caminho. Um murmurio de folhas parece riso discreto e vingador. Levanta o cão a perninha para a direcção donde vem os passos. Empunha o jardineiro as

tesouras. Chama o criado o "caniche". Tem a palavra o homem.

*

MISTÉRIOS

Não ha nada mais evidente que um pedaço de vidro, ainda quando não nos talhe a mão. Entretanto, as moscas não o conhecem, não conhecem o vidro, desde que ha vidro e que ha moscas que o encontram no seo caminho. E' de ver a teimosia irracional, quase imbecil, ia dizendo humana, com que investem contra a vidraça, querendo atravessál-a. Aquele engano translucido desengana-as um curto instante, mas logo recuam, para nova investida. Assim vezes sem conta, horas inteiras, renitentes á decepção, impermeaveis á experiencia.

Quem nos dirá, que, para todas as evidencias chamadas entretanto misterios, não somos nós moscas, pois que as desconhecemos, e apenas pela incapacidade dos nossos sentidos?

*

SEM INVEJA

Gip não gosta de mim: é um cãosinho felpudo, rusguento, latidor, que não sei porque me desconhece sempre, e me agride, quando pode. Não é que lhe tenha feito bem: como homem poderia logicamente ser-me inimigo; mas nunca lhe fiz mal, e, por isso, como tantos homens, é, graciosamente, meu inimigo: deve reconhecer-me algum mérito.

Ontem, deram-me para trazer á casa, vindo de Quissamã, para Petropolis, um imenso "bouquet" de "cosmos". Como estrelas recortadas em branco, rosa e solferino, pareciam as flores um enxame ágil e obstinado que me cercasse, invisiveis quase os longos talos delicados, flexiveis e dóceis á agitação da marcha. Choviam "cosmos" sobre mim!

Assim entrei, sobraçando o meu enorme ramo, porta a dentro, como um triunfador. Todas as atenções se voltaram para mim, para as flores que eu trazia, e me perseguiam, em torno, como colmeia abespinhada, de grandes abelhas coloridas.

Dispara *Gip* ao meu encontro, antecede-me.

volta-se, corre desabalado para lá e para cá, com pequenos ladridos, sacudindo a cauda festivamente... e ainda quando me desembaraço dos "cósmos" sobre um movel, dá provas que sou eu o festejado pela sua alegria: quer trepar-me pelas pernas, agitadas as orelhas, os olhos faiscantes, a boca entreaberta, pendente a lingua trêmula como um galhardete, a cauda inquieta, numa efusão enternecedora de carinho.

Devia ter-me acontecido grande coisa, para chegar corôado de flores: por isso ele se alegrâva, a ponto de esquecer a inocente animosidade. *Gip* não é gente, não tem inveja.

*

DEUS PROVERÁ

Conta-se que a avestruz, ou sua parenta americana, a ema, perseguida pelos caçadores, corre deserto ou chapada em fora, com as longas pernas e o robusto esforço, dificilmente atingida, mesmo a cavalo, dada a infatigabilidade da fugitiva.

Desgraçadamente, vem a perdê-la o proprio

instinto, alem da inteligencia do adversario: não se departe a ave do ninho e obrigada a defender-se, com a evasão, traça em torno desse ponto imensos circulos concentricos, o que orienta o cavaleiro: pode este poupar o alento da sua montaria, riscando por sua vez cordas e diametros nesses circulos, em cuja pista chega enfim a pobre ema a cansar-se primeiro. E' um duelo, resolvido pela geometria.

Então, vencida de fadiga, passa-se para o bicho malogrado uma scena ridicula: para não ver o perigo da captura ou da morte, mete a cabeça dentro da terra solta do deserto, e espera. Se não ha areia, esconde a vista atrás de uma arvore ou arbusto, que entretanto não a dissimula. A' mingua deste recurso, muito filosoficamente, guarda a cabeça debaixo de uma das curtas asas. O que ela evita, o que não quer ver chegar é o desastre certo, que se aproxima. O valente animal que se defendeu com todas as forças, das longas pernas e do fôlego quase incansavel, submete-se num fatalismo cégo e ridiculo, na hora extrema da imperiosa necessidade, quando alguma reacção poupada, algum recurso decisivo de imprevista iniciativa, talvez fosse a

salvação. Mas, então, a avestruz já não seria avestruz.

Conheço um povo que é como estas emas. Quando um perigo o ameaça, não se lhe opõe em propósitos contrarios, continúa no caminho em que irá certamente encontrar o perigo. Fecha os olhos, distrae-se, chega a se esquecer, não julgando mesmo nada, certamente sem empregar o menor recurso idôneo para remover o desastre. As avestruzes ao menos fogem primeiro e só vencidas se resignam; eles se resignam para começar, guardando vista fechada, para não ver. Tambem, quando circunstancias extranhas, imprevistas, desviam o mal, não tiram disso jactancia, dizem apenas que Deus é brasileiro. Descuidados e modestos: podia ser pior..

*

FORMIGAS CARREGADEIRAS

Aos administradores da "fazenda" do Brasil.

No convento de S. Antonio, do Maranhão, houve, no começo do Seculo XVIII, um famoso processo-crime, pelos religiosos movido con-

tra... as formigas. A acusação eram "os roubos, que as formigas grandes e daninhas faziam na despensa da comunidade, minando-a e afastando a terra debaixo dos fundamentos, com que ameaçava ruina". Foi dado curador ás rés, fez-se o autoamento, seguiram-se outras diligencias, requereram os autores instauração de instancia perempta, foram citadas as formigas "em sua propria pessôa", pelo escrivão do fôro eclesiastico... terminando a causa em 20 de junho de 1714. Os autos foram levados, muito mais tarde, a Portugal, por João Francisco Lisbôa, que lá os perdeu.

Divertimento sem graça, de frades desocupados. Complemento, sem ironia, áquele formidavel libelo que mais de meio seculo antes, na mesma terra, fez da tribuna sagrada o Padre Antonio Vieira, aos peixes, — rêmoras, voadores, tubarões, roncadores e polvos... que infestavam o Maranhão; aludira em tempo a outras formigas carregadeiras, os governadores capitães-mores, um que "não tem nada", outro que "não lhe basta nada", donde não saber "qual é a maior tentação, se a necessidade, se a cubiça". No "Sermão do Bom Ladrão" contou como conju-

gavam por todos os modos e tempos o verbo "rapio". "Reis e principes mal servidos, se quereis salvar a alma e recuperar a fazenda, introduzi, sem excepção de pessôa, as restituições".

Não é, pois, de agora, que existem formigas carregadeiras nos conventos, como nas administrações do Brasil. E não cessarão, emquanto o Povo não seguir o conselho do missionario, não lhes tomar conta, ao menos para exemplo, do mal tirado e mal gastado.

*

FRUTO BICHADO

Em todo pessimismo ha uma decepção, como um verme em cada fruto bichado.

*

ROMÊU E JULIETA

No Jardim Zoologico do Rio, inferno dos pobres bichos que aí vêm ter, porque, alem do cativeiro, os aguardam a fome e a morte certa,

existia, na jaula dos grandes felinos, um casal de leões. Porque eram bem casados, em falta de uma comparação notoria de feliz estado conjugal do homem, lhes puzeram nomes de Romêu e Julieta. Eram de facto Romêu e Julieta, como namorados, e mais que eles, porque continuavam, apesar de casados. Isto que é excepção humana — ainda bem que excepcionalmente existe! — parece a regra geral dos brutos.

Indo visitá-los todos no Zoô, nunca me esqueciam os felinos namorados. Certo dia os encontro separados, em jaulas diversas. Pensei uma porção de coisas humanas: incompatibilidade, ciumes, indiferença, separação, divorcio... bem feito! Gente ruim, como nós homens.

Chamei o guarda e perguntei-lhe a causa do sucesso. Depois de alguma hesitação, confiou-me o homem o segredo. Era simples:

— Baixaram as rendas do Jardim; a subvenção não era paga em dia; foi preciso fazer economias, e estas sobre a ração dos bichos. A quantidade de carne lançada aos leões, embora dividida em dois pedaços, não chegava para nutrir um deles. Mas que se havia de fazer? Da-

va-se-lhes assim mesmo. O leão não comeu mais, deixando a sua parte á leôa.

Como eu abrisse os olhos espantados, o homem insistiu:

— Sim, senhor, não uma vez, nem duas, sempre, dias seguidos, a ponto de ser preciso procurar-lhes, a mais, alguma coisa. Foi ficando magro, afundando os vãos, na espinha; o director pensou que podia morrer de inanição e mandou separa-los; nutrem-se mal, mas vivem.

— !

Foi por isso, premio bem humano do amor!, que Romeu ficou sem Julieta...

*

ENTERRO DE FORMIGA

Chegara La Fontaine, para jantar em casa alheia, com atraso de mais de uma hora. Os outros convivas, que o esperavam com impaciencia e fome, indagaram pela causa da demora.

— Encontrei um enterro de formiga. Nada mais curioso, nem mais interessante. Pareciam os parentes muito aflictos. Meti-me no cortejo.

Como tardara muito, é que o enterro fôra lento, a passo, piedoso, como devem ser enterrados os mortos, dos quaes os que os amam custam tanto se despegar. Como em toda a parte se enterram os mortos.

Aqui não: vão a tróte, a galope, cortando becos e travessas, como se apostassem corrida, com escandalo dos estrangeiros que assistem a esse desporto macabro. Vão andar em breve de automovel, a oitenta a hora, como se fugissem dos vivos.

Deviam fugir de facto, dessa mágua apressada de filhos, irmãos, maridos, paes e amigos, que têm pressa de chegar tambem, da incomoda excursão. Não correrão o risco de perder o jantar, como La Fontaine.

*

APRESSADOS

Refere Henry Koster, viajante britanico que aqui esteve no começo do Seculo passado, ter conhecido em Pernambuco um certo Gonçalo, sacristão de seu oficio, no qual se incluia o de

ajudar a morrer os paroquianos. Punha-lhes nas mãos uma vela benta e ia com eles repetindo alto o nome de Jesus, até o transito derradeiro. Um dia em que assim fazia, o moribundo se agitava, talvez ainda indeciso. Exclamou, então Gonçalo, persuasivo:

— Morra logo, e deixe-se de bobagens!

Vem, pois, de longe a impiedade, e a pressa, de acabar com eles, de os afugentar de nós. Temos mais que fazer...

*

E' DEMAIS!

Conta Herodoto ("Euterpe", LXVIII), que os crocodilos do Egipto deixam entrar-lhes pelas fauces a tenros passarinhos, os tróquilos, impunemente, pelo bem que deles recebem com o se nutrirem de bichos, aderentes ás suas mucosas da bôca. Confirmam naturalistas contemporaneos o velho historiador, e põem nome legitimo de *Cursorius egyptius,* no amigo e comensal do crocodilo.

No interior do Brasil os anuns e caracarás

fazem o mesmo oficio ao gado, limpando-lhe a pele de vermes e carrapatos. Dessa intimidade de mútuo auxilio derivam respeito e gratidão.

Os homens, entretanto, matam a tiro, a pedradas, pegam a visgo e alçapão, enxotam a espantalho, os passarinhos que lhes comem nas seáras os insectos daninhos. Por isso os insectos proliferam e destróem as searas. Ingratos, vá, é da natureza deles, mas estupidos, como nem os bois, nem os crocodilos, é demais!

*

O QUE NÃO SE PERDÔA

Cantam os rouxinoes ao luar, a que ladram agressivos os cães. A um grande merecimento, ainda quando consagrado, ou por isso, nunca lhe faltou um detractor.

*

NOSSO PREMIO

Cincoenta volumes festejados escreveu, durante cincoenta anos foi o escândalo, a inveja e a admiração do mundo, essa George Sand, que,

embora não sejam mais lidos os volumes, a inveja e a admiração hajam arrefecido, continúa a ser pedra de escândalo, na boca do mundo!

O seu genio, os seus sofrimentos, o seu grande e sensivel coração, dão-lhe a gloria, contestavel, de ser uma personagem curiosa do romance da historia, que talvez lhe não perdôe. No seu processo, cumpre, entretanto não esquecer os depoimentos de Bondade. E eles são muitos. Um, por exemplo.

Mme. Sand amava não só as paisagens do seu Berri, que descreveu sumptuosamente, como a natureza toda de que eram expressão. Plantas e bichos foram seus amigos preferidos. Tanto, que um dia de inverno rigoroso, doente e recolhida, sentindo que na sua janela bicavam passarinhos, tranzidos de frio e fome, em busca do abrigo e do conforto de sua amizade, não se conteve, e mandou abrir, para os acolher. Encheram-lhe o quarto e pagaram-lhe, acalentados e nutridos, fazendo com os cantos e os adejos festa de primavera no seu aposento de enferma. Eram amigos certos, quotidianos, que vinham procurar a ração e o mimo, que dela não lhes

faltavam nunca. Dois deles não sairam mais do seu gabinete de trabalho e um outro, bem pequenino, quase do tamanho de uma casca de nóz, era tanto de sua intimidade que, para interrompê-la na sua faina, muitas vezes se assentava na aste da pena de ganso com que escrevia. Muitas frases fulgurantes, de paixão ou de ênfase, impediu esse passarinho, que nos dissesse. Desviou, para si, muito genio do coração dela.

Quando morreu, vieram de Paris a Nohant, principes e grandes homens ao seu saimento funebre: entre outros Napoleão, Alexandre Dumas, Renan, Flaubert. Paul Meurice recebera algumas paginas de Victor Hugo, para recitar: "Je pleure une morte et je salue une immortelle...", começava o poeta-rei. Havia outros discursos preparados. O céu chorava, ou chovia. Compreenderam todos a inutilidade das palavras. Cantou um rouxinol, no grande silencio que se fez. A' emoção desse improviso vieram as lagrimas aos olhos dos mais sensiveis. Renan disse então: "eis o verdadeiro discurso que convem aqui; o elogio dele é o que sae de um peito cheio de amor, dos simples e dos puros".

Assim teve George Sand o necrologio e as homenagens que bem mereceu. Podem agora os homens caluniá-la...

*

"BRASILIA SIVE PAPAGALLI TERRA"

As historias de papagaios espirituosos são frequentes. Não contando as européas, docilmente reproduzidas nos livros, já os nossos fastos registam algumas, engraçadas.

A mais nobre é aquela, de velho exemplar achado por Humboldt, em Maipures, que ninguem entendia, por falar a lingua dos Aturés. Fôra esta gente do Orinoco dizimada pelos Caraíbas: ficara para lembrá-la o fiel papagaio, de cuja bôca, digo, de cujo bico, ouviu a posteridade as unicas palavras que pode recolher do espolio de um povo. Por isso, de Curtius a Humberto de Campos, vem ele sendo louvado em prosa e verso.

Conta a tradição popular de um que, depois de domestico, tornou ás selvas, não sem transmitir aos de sua grei o que aprendera. Ouviu-se

um dia pelos ares ladainha tirada pelo bicho, a que os parceiros respondiam: — "Kyrie eleison!" "Krystie eleison!" — "Ora pro nobis!" — "Ora pro nobis!"

Outro, pertencente a um vendeiro, de tanto ouvir dizer mal de certo toucinho ardido, preveniu um comprador incauto. Irritado, vingou-se o dono do indiscreto, atirando-lhe um caneco de agua fervendo, que o depenou e quase mata. Foi o papagaio posto do lado de fora, á intemperie, para se não entremeter mais nos negocios ilicitos do patrão. Eis que num dia de chuva acolhe-se ao beiral da casa um pobre pinto pelado, tranzido de frio. Contemplou-o o louro, com o seu olho redondo, e perguntou-lhe, induzido pela experiencia: — Você tambem falou do toicinho?

Logicos, pedagogos, até filologos, podem os papagaios temperar a sua loquela com um laivo de humourismo.

Esta é do Dr. Emilio Goeldi, grave naturalista que em tempo dirigiu o musêu do Pará: conhecera aqui um papagaio que, a cada detonação de foguete, gritava: "Viva!" e em voz

baixa, reservado, acrescentava "Tolo!" Sublinha o sabio: "nunca deixei de achar graça neste modo original de apreciar a febre de foguetes, que infesta o país".

Podia ter ajuntado, e era tambem historia natural, que ha por aqui, na terra dos papagaios, bipedes implumes, imensa maioria, a qual ao ouvir o espoucar festivo de um foguete será apenas capaz do primeiro comentario.

*

UMA TEORIA DA LINGUAGEM

Dizem que os povos fazem os seus heroes populares á sua propria imagem. Seriam, pois, a seu geito "representative men", em edição barata de Emerson. Ulisses é grego, Panurgio gascão, Pedro Malasartes iberico, todos representativos daquela ladineza dos povos meridionaes da Europa, com que embaçavam, em proveito proprio, outros menos astutos ou mais leaes.

O Quaresma é brasileiro. Pouco importa que tenha existido; toda a gente o conhece no Brasil:

é um heroe nacional. Quem lhe reunisse as façanhas, anedotas, ditos, faria uma epopéa da galhofa e da maravilha. Duas amostras apenas.

Quaresma era caçador. De uma feita deu com uma porção de macacos, instalados numa sapucaia, banqueteando-se com as frutas maduras. Como não queria volver á casa sem descarregar a arma, apontou Quaresma, e deu um tiro. Com pasmo e terror, e ainda agora, quando o conta, um arrepio de pena e comoção de arrependimento lhe tremem no gesto e na voz, viu e ouviu uma macaca, que passava aos braços de outra um macaquinho, dizendo-lhe: —"Mana, toma Gregorio, que estou ferida!"

De outra feita, fôra mais feliz, era numa varzea, quando passou ao alcance de tiro uma nuvem de marrécas. Era só *tá... tá... tá...* atirando nas marrécas, e as marrécas caindo. Alguem que o ouvia perguntou: — "E você não parava, para carregar a arma?" — "Qual nada! Tinha lá tempo? Era só *tá... tá... tá...* e as marrécas caindo..."

Pois bem, esse Quaresma, tão pitoresco, tem nada menos de uma teoria da linguagem que

faria inveja aos Broca, Max Müller ou Whitney, na sua admiravel razão, e entretanto maravilhosa simplicidade. Aliás a verdade não tem complicações.

Quaresma notara que os papagaios têm a lingua redonda, ao contrario das outras aves: entre si perguntou, se não seria a faculdade da linguagem, que possuem, um atributo dessa disposição natural.

Formulada a hipótese, segundo as regras do método experimental, Quaresma não se deteve e, de tesouras em punho, marchou para o poleiro. Aí, a uma por uma das criações foi arredondando as linguas pontudas, das galinhas, patos e perús...

Ouviu então uma vozeria que se dirigia a ele:

— Senhor Quaresma, dê-nos milho!

— Isto não chega, senhor Quaresma!

— Não pode continuar assim, "seu" Quaresma, providencias!

Todos, a um tempo, falavam: parecia uma reunião de estudantes. Empunhou o experimentador de novo as tesouras e tornou a apontar a

lingua dos bichos. Silencio geral. Estava confirmada a teoria.

DOMESTICAÇÃO E EDUCAÇÃO

A' margem da "Rondonia": a Roquette Pinto, naturalista e pedagogo.

No interior do Brasil ha zonas de criação em que o boi é tão selvagem que só a tiro se consegue capturar. Entretanto, por aí mesmo, pela abundancia, esses bichos não só provêm ao sustento e á industria dos naturaes, em carne, leite, couro, sinão tambem que, domados, servem á tracção nos carros e porte das cargas e até para a montaria.

Para chegarem a este ponto, não é pouco o trabalho. O garrote laçado na malhada é trazido, depois de muita peleja, para o corral, e atado solidamente a um poste. Fura-se-lhe então o septo nasal, pelo qual se enfia um atilho de couro. Passa a noite no moirão, urrando, esper-

neando, á magua da ferida e á humilhação do laço. Pela manhã põem-lhe nos lombos as cangalhas: são arreios toscos, duas forquilhas de pau juntas por um travessão, protegidas por maunças de palha, cobertas com capa de couro e fixadas pelos arrochos, peitoral e rabicho.

A este vestido incomodo resistem como desesperados: dão pulos, investem de raspão contra cercas e troncos de arvore, lançam-se ao chão, repetem os safanões, até que desfazem, arrebentados em estilhas, pelo campo, os petrechos com que os adornaram. Recompõem os vaqueiros as cangalhas desfeitas, tornam a repô-las no boi furioso, para se repetir a mesma scena, duas, tres, dez vezes, até que, vencido, o animal se submete e, passivo, recebe a carga. Com o tempo e o mesmo regime acaba num bom cargueiro, docil a vóz que o faz parar ou proseguir no caminho:

— "Ê... cô! ê... Azeitão! — "Quéta Caboclo!"

Domar um boi é fazê-lo domestico, trazê-lo á utilidade humana, social...; é o que se chama, transposto para homem, para fazê-lo gente. E'

o mesmo processo, apenas mais brando e, por isso, mais demorado; daria o mesmo resultado se fôra empregado sempre e não se julgasse o homem, ás vezes, tão diferente dos outros bichos.

Criminosos, rebeldes, violentos, energumenos, malcriados, grosseirões... são bois chucros, que não tiveram vaqueiros... Depois, por isso mesmo, só a tiro, como os bois selvagens da vacaria. O humoristico, bem humano, é que são eles que dão os tiros... nos bois mansos.

*

"BICHO-HOMEM"

Célebre facínora do sertão da Baía, depois dos seus crimes, perguntava sempre á victima agonizante: — "Conheceu, papudo, para que presta o bicho homem?"

O "bicho-homem" — nem o bronco sertanejo sabia quanto tinha de razão — presta-se mesmo para isso; não importa se a maldade é individual ou colectiva, assassinio ou guerra, contanto que lhe dê azo á inteligente crueldade.

E' a diferença que eles fazem dos bichos propriamente ditos.

*

CIVILIZAÇÃO

A civilização é a "domesticação" do homem. Sempre relativa, muitas vezes precária.

*

CÃO E GATO

Virtude é acção e traz força (*vir, viri,* o varão *); por isso só ela convence e obriga: palavras não movem como exemplo. Melhor do que tudo o que se diga da moral leiga da sciencia, está a brandura de costumes que ela infunde aos que a servem; num gesto suave de Messias vae mais de persuasão, que na sublimidade da sua doutrina.

(*) *A viris virtus nomen est mutuata... Appellata est ex viro virtus...* CICERO. Tusculan, II, 18.

Conta-se que Newton ao terminar um dos seus profundos tratados, que lhe custara noites e dias de incessantes cogitações, assistira ao total incendio da papelada, porque o seu cãosinho passando por cima da mêsa virara sobre ela a lampada, desastrosamente. Quando o sabio acudiu, tudo era fumo e cinza: contentou-se com dizer, não sem orgulho, mas sem raiva inutil:

— Diamante... nem sabes o mal que fizeste ao mundo.

Tambem Mahomet certa vez chamado a uma necessidade espiritual do seu ministerio, ao querer levantar-se do tapete onde repousava, deu com um pobre gatinho que dormia sobre o seu manto. Acolhera-se tão confiadamente a essa intimidade, que não o quís trair: não o acordaria com a violencia de repelão. Como havia urgencia, pediu de umas tesouras e cortou o taco de pano necessario á paz do bichano: não faltaria assim a nenhum dever.

Por isso, por essa simples lição de facto, dizem que todos os muçulmanos, sempre lembrados do exemplo, tratam com piedade carinhosa aos animaes, impuros segundo a sua

crença, mas criaturas de Alah, para as quaes até o seu Profeta tivera a suavidade de um gesto de amor. Deu a semente, porque de acção, seara de infinitas virtudes, como talvez o Koran, infinitas palavras, vans como todas as palavras, não será capaz de obrigar.

*

VIDA DOLOROSA

Tragedia em tres actos: a Pritivo Moacyr.

Venho assistindo, desde ha dias, a uma tragedia mais terrivel e comovente que essas que andam por aí nos teatros ou na vida dos homens.

Descobri num arbusto, quase á beira do caminho, no meu jardim, um ninho de tico-tico. Vi-o voar, quando me aproximava, e pude notar tres ovinhos depostos na fôfa cama bem feita. Pareceu-me que um dos ovos era diferente na forma e na cor, dos outros dois, mas não insisti na minha malicia. Seria lá com o tico-tico. Não

perturbei mais o misterio dessa maternidade com a minha indiscreção.

Muitos dias depois, distraido, vou pelas mesmas bandas e oiço inquieto pipilar. Pé ante pé, chego á espreita: o tico-tico depois de saltitar de galho em galho, acerca-se do ninho, trazendo no bico a nutrição para a ninhada, que o chamava sôfrega. Olho para o ninho e vejo um passarinho só, grande, bem maior que o outro, vestido de penugem negra, de amplo bico aberto, á espera do alimento... O filho do tico-tico era um melro!

O drama intimo se me revelava então sem desfarce. Junto aos ovos do tico-tico pusera o melro o seu.

O mesmo carinho solicito, as mesmas penas suaves incubaram tres. Nasceram provavelmente os tres, e, terrivel lei da natureza, a prole legitima sucumbira á usurpação: o intruso, mais forte, mais guloso, tomou o pequeno espaço e a limitada providencia materna das aves. Não vira o coração cego do tico-tico nada disso, nem sentira sequer a diferença, senão que lhe sobrevivera o filho mais forte, e que, ainda bem, ficara

para lhe consolar a maternidade diligente e sofredora.

Natureza, como és cruel na tua indiferente simplicidade! Guardei o meu segredo e saí daí, comiserado e triste, pensando nos homens... cuja ruindade nem ao menos é original. Pobre tico-tico!

Daí a dias, já o ninho estava abandonado... Cuidei que findara a tragedia. Não; eu vinha ainda a tempo para assistir ao ultimo acto. Perto, no chão, comecei a ouvir um pipilado insistente, como chamado. Era o meu tico-tico, ensinando a andar, a buscar a vida, ao melro.

O contraste era enorme, entre os dois. O pequenino agil, travesso, com suas rajas e seu elegante cocoruto, ia na frente, aos pulinhos leves, fazendo lembrar

Même quand l'oiseau marche on sent qu'il a des ailes

... até encontrar na terra um bichinho, que tomava, matando-o á bicada, emquanto chamava o filho... Este, um melro grande, todo emplumado de negro, com a passada incerta e pesada, achegava-se e comia então o bocado preparado,

no chão. O tico-tico proseguia, até nova descoberta, novo e insistente chamado.

Nisto um graveto parte-se ao meu lado e os dois passarinhos assustados voam, em rumos diversos... Fiquei pesaroso de ter interrompido assim, sem o querer a educação do intruso. Mas, emquanto reflectia sobre a scena, vejo tornar aflicto e inquieto, o meu tico-tico. Trilos e pipilos, pipilos e trilos, do chão para as hortensias proximas, dos ramos do caminho para o intimo das moitas... numa tortura, numa ansia... que fazia pena. Procurava o seu filho, que, incubado, criado, educado, ganhara mundo, para a vida dos melros, os "chupins", como ironicamente tambem o povo lhes chama, os indignos "vira-bostas" que é o nome proprio deles... que vivem a enganar os japús e os tico-ticos, e sei lá quantas mais avesinhas credulas e generosas.

O meu tico-tico dolorido e desvairado não cessava de procurar o filho ingrato, que não tornaria... Não é pungente, dado o engano, que não seja duradoiro? A vida, porem, aí estava, novo engano viria, para outro desengano. Pobres tico-ticos...

*

LEMBRA-TE DE DESCONFIAR

(*Moto grego, divisa de Stendhal e de Merimée*)

O caramujo é sceptico: desconfia de tudo, até da propria casa; por isso, anda com ela ás costas.

*

O BELO SEXO

E' o nosso. A vaidade dos machos é a mais sensivel na natureza. Penas de galo, galhas de veado, jubas de leão... não correspondem á modestia de trajo das galinhas, corças e leôas. Os homens primitivos, barbaros de Africa, ou da Oceânia, fazem o mesmo; os nossos aborígenes furavam lábios, orelhas, nariz, nos quaes introduziam adornos, e enfeitavam-se de plumas, colares, pingentes, que recusavam ás mulheres.

Disto se infere que é conquista da civilização, sobre a própria natureza, ter mudado os valores e dado ás nossas companheiras o primado da vaidade, na garridice com que encarecem os seus dons naturaes. E' exacto que ha

a indumentaria religiosa, os fardamentos militares, os uniformes academicos e diplomaticos...

Bem apurado, será talvez dificil saber qual dos dois é o "belo" sexo: entre humanos, o "tolo", sabe-se, com certeza.

IMAGENS

A Amadeu Amaral, poeta cujos versos têm poesia.

I

As lagartas e as borboletas, as ostras e as perolas deram á poesia as mais formosas imágens que a inteligencia inventou. De larva asquerosa deriva esse encanto alado, como da miseria do instincto o divino sentimento. Uma obra prima, joia da natureza, resulta do sofrimento que a produziu, como simbolo de dor que custa toda criação.

II

Ha no sertão do Brasil especie de abelhas que os naturaes chamam "lambe-olho". Per-

segue o viandante pelas estradas resequidas, em busca de uma gota de umidade, ainda do suor ou das lagrimas. Faz dessa amarugem, de fadiga ou de magua, o mel de seus favos. Não é imágem do poeta, que labuta e sofre, para a alegria que dá aos outros a obra-prima?

*

O AUTOMOVEL E O CARRO DE BOIS

A Alberto Faria, cuja modestia encobre o merecimento.

Passa na estrada poeirenta, num trilo prolongado, um carro de bois, atulhado de espigas de milho. Vae tocando na frente, vara de ferrão em punho, pitando descançado o seu cigarro, o carreiro, emquanto a junta sonolenta puxa, sem pressa, as rodas chiadoras.

Atrás, ainda á distancia, ouve-se a busina de um automovel e logo após o arfar impaciente do motor que se aproxima. Desvia o carreador o seu veículo para a direita, á beira do caminho, dando passagem ao outro, apressado, que dispara em frente, envolto numa nuvem de poeira. Sufocado, o caipira pragueja: — "Diabos te leve!"

Meia hora depois, chega, finalmente, o carro de bois á fazenda, onde encontra, parado, o automovel.

O AUTOMOVEL, *risonho*

Custou chegar, hein? D'ali aqui... uma hora!

O CARRO DE BOIS

Não tenho pressa. Não fui buscar fogo...

O AUTOMOVEL

De fogo não preciso eu... E' o que não me falta. Queimo com ele as distancias.

O CARRO DE BOIS

Sim... Espanando o pó das estradas e empestando o caminho com esse cheiro repugnante de alcatrão...

O AUTOMOVEL

Isso é nada. O essencial é que ando por esse mundão afora, num abrir e fechar de olhos. Parto e chego. Você parte quando póde, chega quando Deus é servido...

O CARRO DE BOIS

De caminho faço o meu passeio, distraio-me;

pelas manhãs ouço a passarada, canto com as cigarras ao meio dia, e, ás tardes tristes, o sol, mais cançado do que eu parece que me inveja não ter duas rodas. Você, quando passa, não atende a nada, não vê nadá... Você apenas é visto, malvisto...

O AUTOMOVEL

Mas chego, chego antes da hora. Encurto o espaço, poupo o tempo. Nesta vida breve vale isto mais que dinheiro, que sangue... E' uma outra vida que se vive, graças a mim. Viagem não é mais fadiga, é recreio; necessidade já não será remanchação, porem serviço...

O CARRO DE BOIS, *ironico*

Você diz bem, é o seu merito: Você chega, é "arrivista". Chega aonde não devera, é "parvenu". E' o que você é.

O AUTOMOVEL

Que culpa tenho eu de você não poder chegar... pesado carroção, atravancado de madeira... bichos pesados que se mexem com tanta lerdeza...? "Arrivista" e "parvenu" eu?! Sim,

porque tenho dentro de mim um motor, de cincoenta cavalos. E' por isso que hei de chegar e vencer. Razão que seu despeito não quer ver e troca por insulto...

Não pôde o Carro de bois responder, porque, arfando de novo, o Automovel se pôs a marchar, abafando com a busina a inveja do outro.

Depois de esvasiar no paiol as suas espigas de milho, tambem o carreiro, com a aguilhada em riste, tocou a junta e, pesadamente, rodou nos gonzos ressequidos o Carro de bois.

Lá adiante, no meio da estrada, estava parado o Automovel. Em mangas de camisa, suado, esbaforido, remexia o motorista a sua maquina, da qual se escapava ainda um vapor de fadiga: o monstro era entretanto insensivel ao mau trato das ferramentas de concerto.

O CARRO DE BOIS, *com alegria maligna*

Que é isto? Empacou?

O AUTOMOVEL, *envergonhado*

Eu não empaco, porque não tenho vontade minha... enguiço. Transtorno cá dentro, a que

eles não sabem prover, e dão por isso um nome qualquer, como fazem os medicos ás doenças.

O CARRO DE BOIS, *perverso*

...mas que o reduz á pior condição que a de um carro... sem bois... *Compassivo.* Quer o meu auxilio? Ando de vagar, mas sempre puxo. Não sei quando chego, mas chego...

Prendem o carreiro e o motorista com uma grossa corda o Automovel á trazeira do Carro de bois.

O AUTOMOVEL, *humilhado*

Paguei pela lingua... pelo motor!

O CARRO DE BOIS, *reflectindo*

Não deve a gente ter vaidade do que é. Tambem eu fui injusto, negando merecimento á sua maquina. Dezenas de cavalos, embora de vapor, galopam e hão de chegar, necessariamente, sem por isso merecerem a pecha de "arrivista", como o despeito e a inveja do triunfo alheio nos fazem ás vezes dizer. Má lingua é sempre filha de despeito e inveja. O que vocês não devem, na sua victoria, é humilhar aos

pobres carros ronceiros, que, mal mal, sempre prestam para alguma coisa...

O AUTOMOVEL, *conformado e penitente*

A "panne", o enguiço... é o castigo do nosso orgulho. Bem feito que eu, com os meus cincoenta H P, seja puxado por uma junta de bois... Quanto maior é o merecimento da inteligencia ou do caracter, maior deve ser tambem a humildade do coração. Não ha que ter vangloria de nada: a vida é feita de compensações. *Risonho.* Chia, amigo, agora na minha frente, que depois eu te jogarei poeira nos olhos...

*

IRONIA A CIVILIZADOS

A sciencia dos homens — não fôra deles! — é inclemente. Sobre os bichos ensaia, sem pena, todas as maldades e torturas que chamam experiencias. Descobriram que a tal preço nos podem dar ensino, senão utilidades de remedio. E não se contentam com os bichos de casa, ou do país: nos confins do mundo uma pobre alimaria não

está segura que um sabio, de Munich ou Oxford, não a reclame para o sacrificio.

Destina o Instituto Pasteur, de Paris, parte consideravel dos seus proventos á aquisição de macacos, grandes macacos antropoides, os nossos parentes mais chegados, para ver como se comportam á avaria. Do fundo das Indias ou das florestas africanas chegam pobres orangos e gibons, comprados á razão de milhares de francos, tanto morrem em caminho, por mudança de clima e de habitos, que os sobreviventes valem esse preço.

Visitei no bioterio do Instituto a gaiola dos macacos, que me mostrava um serviçal, calçado de luvas e botas de coiro, para não ser atingido pelos dentes e garras contaminadas dos bichos. Vi neles inoculada toda a miseria humana dos hospitaes... Nem o fim longinquo a conseguir, seguindo a intenção, me desfarçou da comovida piedade por essas inocentes victimas da curiosidade humana.

Num canto de jaula pararam os meus olhos numa bola de bichos... Que era aquilo? O serviçal explicou, sem admiração, tanto estava acostumado a ver: aquilo era um casal de macacos,

abraçados um no outro, reclinadas as cabeças nos ombros, estreitados numa imutavel posição que nem a fadiga desatava. Vieram assim, chegaram assim; á força se os separava, dava-se-lhes comida, e, mal deixados a si, os dois bichos abraçavam-se de novo, continuando a mutua fidelidade, consolando a reciproca miseria, talvez a saudade e a nostalgia das florestas nataes, com a carinhosa presença amada...

Como parecesse achar extraordinario o serviçal os separou, não sem grunhidos e ameaças. Deixados a si lá voltavam êles a sua posição de repouso, dormitando um nos braços do outro, presos no seu continuo amplexo, apenas interrompido á força da maldade humana.

Tentei, olhando para êles, através dos seus olhos baços, da sua testa sem horizonte, das suas monstruosas formas veludas, através desse caos do instincto animal, descobrir o sentimento que os atava em um nó, fundindo duas miserias num consôlo... mas não consegui nada. Irresistivelmente, porêm, com essa renitente tendencia que tem o homem de referir a si tudo o que sente, pensei que esses macacos deviam parecer absurdos e ridiculos a esses outros bichos que os hos-

pedavam. Ironia talvez fosse, a deles, a esses Parisienses, os mais civilizados dos homens... que não concebem o par senão composto de tres... ou mais, ainda assim sem compromissos... de fidelidade.

*

CIGARRA E FORMIGA

> Bahia, 4 de fev. 1918. Suicidou-se hoje o menor José Tetamanti, contrariado pelo avô, que não lhe permitia dedicar-se á poesia (*Dos Jornaes*).

Nada ha mais tenaz que um velho erro: se ele é pessoal e passa á calunia, então, irremovivel. De Esopo até a consumação dos seculos será a formiga poupada e previdente, a cigarra folgazan e dissipada... Não importa que as Atenienses as exalçassem a adorno dos seus belos cabelos; que Xenarco as invejasse — feliz gente, cujas femeas não falam...; que Anacreonte as louvasse, felizes, melodiosas, embaladoras, poupadas pelo sofrimento e pela velhice, quase semelhantes aos deuses... no duelo contra a formiga, será a cigarra vencida e caluniada.

Demonstrou Fabre entretanto que a "penuria extrema" de Bocage, "quand la bise fut venue", de La Fontaine, não se podia, não se pode dar, pela razão muito simples que não ha cigarras no inverno. Depois, no verão, são as formigas sequiosas, que recorrem ao mel que as outras sabem tirar das arvores. Tal a verdade.

Essa fábula é porem, humana, e já ha dois mil anos quase, lhe deu Jesus a solução, de utopista e visionario que era: na disputa de Marta e Maria, uma que o contemplava com os olhos no ideal e o coração nos olhos e a outra que o servia, embaraçada e inquieta na lida caseira, como havia de o hospedar, com agrado e conforto...

E' a eterna luta do sonho e da realidade, da fantasia e da acção, dos astrologos que caem no poço, dos vintens que se ganham e poupam e fazem feliz abastança. Ai! dos que não sabem ganhar dinheiro, o menos perdoavel dos vicios á consideração dos homens! Ai! dos que abdicam de si mesmos e não vivem a sua vida, que de Marias se fizeram Martas, de cigarras perderam as asas em formigas!

Quando compreenderá o mundo que não ha

vontade sem a emoção inicial, que não haverá efeito sem previa idealização, que o pensamento move o braço apreensor e é apenas justo seja o objecto apreendido tanto do musculo como do cerebro? A America descoberta era apenas imaginario caminho ás Indias e não fora este procurado, ela não seria achada. Filosofos e poemas traçam o endereço dos povos. A idéa é alma da vida.

Mas não o reconhecem; reconhecerão algum dia? Até lá, só a submissão dos fracos; só a deserção da vida aos que se não quiserem renegar. Pobre e doce criança! teu gesto de desespero ante a cegueira dos homens tem mais tragica e comovida poesia contra o bronco entendimento deles, que todos os versos imperfeitos com que os podesses cantar nas suas paixões mesquinhas, nos seus feitos presumidos... Talvez que a vida te cortasse as asas adiante; quiseram, por segurança, t'as arrancar com tempo... Uma cigarra, de menos; sobrem formigas ao mundo!

*

"REYS DO BRASIL"

São as formigas, dizem Marcgraf e Piso, repetindo a ironia dos pobres colonos, cujo labor de mêses e anos era muitas vezes destruido numa noite, sem recurso contra tamanha ruina. Numa só lástima julgavam a monarquia e acusavam, por comparação, aos daninhos insectos, tantos e tão poderosos que seriam os donos da terra.

Continuam a ser ainda, mas outras formigas, as grandes, mais vorazes, as "orçamentivoras", que consomem todos os anos o labor incessante do povo. De 2.500 mil contos que produzimos são tomados 1.000 para as saúvas do Estado. O dia está proximo em que consumirão metade do trabalho nacional. Reys do Brasil.

*

IMORTALIDADE

I

Em versos de intima e delicada sensibilidade, o mais espiritual dos poetas francêses, Sully Prudhomme, declarou o seu amor a uma

desconhecida, estrela cuja luz vem caminhando ainda pelos páramos celestes e que chegará á terra, depois muitos seculos que ele cessasse de existir. Ultimos sobreviventes da humanidade contae-lhe que foi ela o seu ideal:

Quand luira cette étoile, un jour,
La plus belle et la plus lointaine,
Dites-lui qu'elle eut mon amour
O' derniers de la race humaine!

Não se pode exprimir, com mais sentimento, a ansia de prolongação ao infinito, que tem o homem, tentando sobreviver...

Nem só a poesia, mas a sciencia tambem exprime essa confiança, na imortalidade, que são os proprios fóros de nobreza de nossa especie. Halley, matematico e astronomo, amigo de Newton, observara que o cometa de 1682 se parecia com os de 1607 e 1531, segundo as observações feitas no tempo. Olhou ainda mais para trás e achou concordancia com os de 1456, 1380, 1305, ..., 1145, 1066: havia ritmo nessas aparições, espaçadas de 75 anos. Para compreendê-las traçou pelo cálculo no espaço a maior

elipse que a imaginação humana descreveu em torno do sol, muito alem dos mundos ainda então não conhecidos e determinou que esse era o caminho do astro errante, que no ano de 1759 devia volver á nossa vista... se não lhe mentiam as suas esperanças de sabio.

Estava cançado, envelhecido, não podia esperar mais setenta e cinco anos para ver a maravilha prevista pelo seu engenho... não importa, outros veriam o que ele sonhara e seria realidade através dos seculos. Nesse dia, lembrasse á Posteridade tal predicção.

Na época prefixa recordaram-se os homens e chamaram, desde aí, ao astro vagabundo — cometa de Halley. Outra vez viram-no em 1835 e nós mesmos, da geração presente, vimo-lo em 1910. Por nossa vez, ai de nós! não o veremos mais, mas outros o verão, nas horas eternas já marcadas, em 1985, em 2060... e assim até a consumação dos seculos.

O mais nobre da vida do homem é conseguir sobreviver... ainda na esperança ou na profecia... Que importa o momento que passa, a nossa miseravel vida efemera que se apaga, se viveremos no futuro, na previsão, amando até as desconhe-

cidas cuja face maravilhosa apenas contemplarão no espaço infinito os ultimos sobreviventes de nossa geração!...

II

Não nos enfatuemos, porem, com esse nosso instincto de imortalidade. Ele é o proprio instincto da vida, comum ás vidas mais humildes... Um pobre louva-Deus *(Mantis),* realizada a obra do amor, serve o macho, daí em diante sem prestimo, de comida á femea, necessitada então de subsistencia, para a procreação. Que importa esse destino— destino simbolico! — se cumpriu o insecto a sua missão, sacrificando-se aos que hão de vir?! Outro, um marimbondo caçador (*Sphex*), para que não falte ás larvas vindoiras nutrição adequada, caça alguns bichinhos, por picada certeira nos centros nervosos, e aí juntinho os depõe, paralisados, para alimento dos orfãos que vae deixar. Cumprida a sua tarefa, chegada a sua hora, morre o insecto previdente, tão mesquinho no seu tamanho, tão precario no seu tempo, mas tambem tão comovente e tão maravilhoso nesse amor á prole que não verá e para a qual prepara a vida, que essa não se extingue...

...Vida votada por fracas criaturas contingentes a esse magnifico assombro da Perpetuidade!

*

MUCHARANA

Aí no centro da cidade, numa casa de bichos, entramos para ver um, bem raro. Era Mucharana. Explicou o guarda queria dizer "filha sem mãe" e de facto o era: matara-a o caçador e recolheu o cachorrinho, criado á mamadeira, depois com pequenas rações de carne, para não "embrabecer". Assim fora, estava agora formosa onça sussuarana, de corpo esbelto, flexivel, entretanto forte, sob o fôrro maravilhoso da péle, pintada de arabescos negros, como cortes a micrótomo num cabo submarino, colado em fundo de veludo ouro.

Em repouso, era imponente sua serena gravidade, quando se movia, ágil, sinuosa, tinha a graça provocante dos felinos, que só as serpentes e as mulheres excedem. Entretanto, o goso da contemplação não ia sem um arrepio de pavor...

Se aquela fragil gaiola de arame viesse a desfazer-se?... E não precisaria de mais, para isso que o repelão de um tranco... Os caninos acerados na bôca cor de rosa; as garras robustas na polpa afofada das patas, a musculatura de aço flexivel sob o manto real da péle mosqueada... eram tácita ameaça, que nos temperava o prazer de vê-la com um gráo emotivo de apreensão. Um de nós, para nos distrair, filosofou:

— Misterio da vida... Considerem nesse encontro de acasos, erro de caminhos, que conduzem uma féra á civilização... De um fundo de floresta amazonica ao fundo de uma loja na rua da Assembléa; do pavor de caçada primitiva, em que o homem astuto venceu o monstro poderoso, á liberdade que tres conversadores sem que fazer tomam, a trocar emoções, diante da jaula frágil de Mucharana... Para onde vamos? que caminhos cruzados, imprevistos, nos levam aos enganos e sortes da vida?... Andamos tontos, á mercê do Acaso, nome colectivo das vontades anonimas dos outros, da conjuração desconexa das coisas... Como a Muchurana, para que jaula, geena ou empíreo, nos conduz a vida?

Desse misticismo nos trouxe uma criança, que

se aproximara, disse á féra o seu nome, carinhosamente, e, depois, confiada, encostou a face contra o arame da grade. Iamos, assustados, a acudir, quando vimos a onça deitar-se, ressupina, patas para o ar, bôca entreaberta, lingua a passeiar pela rêde de metal, como a lamber o rosto oferecido, com pequenos rosnados de satisfação, como os cães acarinhados que desejam brincar. Embevecidos, depois do susto, cada qual continha suas emoções desencontradas.

O segundo dos amigos reflectiu alto, para todos:

— A mim me está lembrando a edade de ouro... As féras não eram féras, não tinham necessidades, que esse é o outro nome da ferocidade, dos brutos e dos homens. As onças brincavam com as crianças. Quando ela tornar, essa edade que procuramos através dos nossos erros, não haverá mais anarquistas, mais bombas, mais exercitos, mais guerras, mais governos, mais opressões, quando não houver mais necessidades e os bens comuns bastarem ás exigencias comuns da vida. O terror que é a nossa sombra, terá sido a punição do crime colectivo da usurpação que fez a desegualdade do mundo. Para garantir a

propriedade, que é roubo, põe a sociedade uma sentinela ao pé de cada cofre. As desegualdades passarão como mau sonho, e as féras todas serão mucharanas...

Brincava Muchurana, porque era criança e inocente; não lhe pesava ainda a solidão e a virgindade. Quando lhe chegasse a sua vez, sina de toda criatura que sofre a ansia de amor, já não brincaria e seria má. Se estivesse livre faria sofrer; prisioneira havia de sofrer...

Era o que pensava talvez o ultimo companheiro que rematou para os outros as suas scismas:

— São assim tambem, como a virgem Mucharana as outras, que adoramos, as nossas féras humanas, quando na sua primeira flor... inocencia no olhar, rosnados amaveis, movimentos sinuosos, coração dissimulado, e, sob patas de veludo e na bôca cor de rosa, garras de exterminio, presa de laceração... Depois... não serão mais como a virgem Mucharana... serão como as outras onças, quando aprendem a vida...

Saimos para fóra, para o sol, para a nossa vida. Reparei então que a mesma observação reflectira emoções e idéas diversas... Realidade,

acaso existes?... E' como se não existisses. Cada um de nós ratrata em ti o que sentiu, como sentiu. Tu és, apenas, como a imagem, a ilustração de nossas emoções, de nossas idéas, de nossos sonhos...

E' por isso, talvez, que a natureza é uma e sempre a mesma, e o encanto dela, que é a poesia, essa variada e infinita... Como a meada de fumo, subtil, azulada, ondeante que se esvae para longe, que se esgarça e se perde no alto, e enche o mundo, desapparecido nele... nada que é... Que se escapa de brazeiro quente, que arde e se consome, e encinza a terra, ainda depois de extincto... Realidade, só tu existes! Reentremos na vida!

*

FEROS

Contou-me Euclydes da Cunha que uma das suas primeiras impressões de espanto, na floresta virgem da Amazonia, fôra, á noite, o ronco atroador de um bicho, féra sem duvida, que estremecia o ar, reboava na mataria e crispava

o terror nos nervos inexpertos dos viajantes. Os camaradas dormiam, entretanto, a sono solto: devia acordá-los para o perigo?

Teve o pudor de parecer tímido. De arma aperrada, velaria por eles, até o momento em que todos devessem afrontar o inimigo. Ateiou a chama mortiça da fogueira, protegeu-se contra a umidade, e esperou... Esperou longas horas... entre o anuncio repetido do monstro e a impaciencia de lhe castigar as ameaças.

Pela manhã, tresnoitado, disfarçou o melhor que poude a sua emoção, e indagou do que teria sido... Era o sapo coró, pequeno batraquio dos alagadiços, que enche as noites, nas cercanias, de inofensivo e inocente pavor...

E o grande homem, grande até na coragem com que enfrentou a governos, tiranos, jagunços, a natureza hostil e até a propria morte, sorriu de ter acordado em sobresalto, tremido de susto, perdido o sono, na vigilia aflicta, e esperado longamente um combate, que, felizmente, se não realizara, contra um miseravel sevandija dos charcos...

Ha ironia, entre a realidade e o sentido que

a observa: desse par, vem, ao mundo, a contradição.

*

POLTRÕES

Conta-se que os antigos quando temiam a guerra, decepavam a cabeça do dedo polegar direito e se esquivavam assim, incapazes de atirar com a flecha e o arco; *polex truncatus,* chamavam os Latinos.

Houve por isto etimologistas — são as criaturas de mais imaginação — que derivaram da primeira silaba de cada uma dessas palavras a nossa injuria: *poltrão!*

Tambem se descobriu que os caranguejos, quando tomados por uma pata, voluntariamente (deles se pode dizer assim?) cortam ou separam, por violenta contracção de certos musculos (autotomia, dizem os sabios) o membro prisioneiro.

Vão-se os aneis, dizemos por comentario, e fiquem os dedos; os caranguejos e os poltrões são menos poupados: vão-se os proprios dedos. Não sei se a guerra, que é pia instituição, pela

qual patrioticamente os homens dão cabo uns dos outros, e completamente, aprovará os poltrões, que apenas dão cabo da cabeça de um dedo; a ética dos caranguejos certamente que os absolve, por fugirem á panela. Verdade aquem dos Pirenêos, erro da banda de lá, dizia Pascal. Incoerencia, és o outro nome do mundo!

*

INCOERENCIA

Diante de um tropeço ou ameaça, o homem de vista curta toma dos óculos e serve-se deles: é então que o caranguejo mete os seus na caixa...

*

BOM ENSINO

Ha um trecho da "Carta de guia de casados" sobre amores ancilares: D. Francisco Manoel increpa os maridos calaceiros de criadas e, na regra, traz por comparação os bichos. "As proprias aves de rapina que não têm outro oficio senão caçar, e prear o que encontram costumam

ir ao longe d'onde habitam, fazer seus empregos. Porque serão os homens menos fieis e menos doutrinados?"

Lembra-me imagem mais exacta. Visitava em Berlim, com um companheiro, a antigo condiscipulo do Brasil, cuja familia nos recebia carinhosamente a jantar. Ao nos retirarmos, veiu até a porta nos reconduzir o amigo, iluminada a escada por uma chibante criadinha, loira Gretchen, cuja frescura formosa bem podia fazer esquecida a humildade de seu encargo. Meu camarada, imprudente, fez um sinal brejeiro ao dono da casa, aludindo ás ocasiões que ele de certo haveria. O outro compreendeu e replicou com fleugma saxonia:

— Cachorro bem ensinado não suja a propria casa...

E' verdade. Mas ha homens que o fazem.

*

SCEPTICISMO

Todos os dias, subindo a ladeira que ia dar no Colegio, ao passar em frente do seu portão, ele, um grande cão de guarda me assaltava fu-

rioso, embatendo-se contra as grades, em ladridos iracundos. Eu me divertia contra aquela raiva impotente e açulava, provocando-o, o pobre cão enjaulado.

Um dia, porem, — horror! — deixaram o gradil aberto e eu vi no topo da ladeira, solto, livre, o meu inimigo... Quando me olhou, de longe, reconheceu-me logo e veiu feito sobre mim, para a sua desforra.

Era agora! Olhei em torno, procurando uma porta aberta onde me acolher: estavam todas cerradas. Correr seria certamente ser alcançado e para uma vingança tremenda. Veiu-me com o medo uma inspiração. Encostei-me a um muro, perfilei-me, imovel, sem respirar, sequer sem bater os cilios, como uma estatua.

O cão chegou, sorpreso. Sumira-se o seu inimigo. Enganara-se sem duvida. Havia apenas uma forma hirta, sem animo, sem vestigio de vida... Farejou, olhou, como não querendo crer, cedendo emfim á evidencia.

Ia partir, desenganado, quando o tomou uma duvida talvez, resolução certamente: aproximou-se, deu de trazeira, levantou uma das pernas, e... Partiu depois, ladeira abaixo. Senti

o oprobrio, mas continuei estatua, até que o perdi de vista. Limpei-me e guardei experiencia desta lição:

Não se bole com o cão alheio, ainda preso. Os cães respeitam, ao menos a dentes, as estatuas. Pelo sim, pelo não, até essas estatuas lhes merecem scepticismo. A mais original maneira de manifestar o scepticismo.

*

TELA DE PENELOPE

Conversava com um amigo sobre a "Entr'aide", o magnifico livro de Kropotkine que completa e explica os de Darwin. A lucta pela vida só é verdadeira porque se entenderá entre as especies animaes e não entre os individuos da mesma especie animal. Entre estes não é regra o conflicto, mas excepção ou crime, porque o comum é o auxilio mútuo, a solidariedade, a assistencia, o egoismo colectivo da associação, para a lucta pela vida.

Abanou a cabeça o meu amigo. A tese devia ser verdadeira, apoiada em tanta prova. Entre-

tanto, factos miudos não lhe serviam. Ainda hoje uma galinha nova posta no seu galinheiro fôra morta a bicadas pelas outras, que lhe abriram a cabeça, em nome dessa solidariedade dos individuos da mesma especie.

Talvez. Citei-lhe porem outro caso: a poligamia desses mesmos bichos, tão faceis ás complacencias de sexo, que passou em proverbio humano, insultuoso. Uma galinha, é o supremo desprezo da continencia. Pois bem, o outro dia, no meu galinheiro introduzi um galo novo, que foi logo batido pelo antigo dono do terreiro, com o auxilio de suas fieis companheiras... Retirei o chefe da comunidade e deixei o intruso com essas mesmas galinhas. Fizeram-lhe a "greve" mais acintosa, outras Lisistratas, procurando os poleiros aonde subiram, deixando-o na sua cruel decepção, de repelido e rejeitado.

Que concluir daí? Nada. Uma observação não vale, sem repetição que lhe dê fóros de generalidade, ao menos de possibilidade reiterada. As galinhas no galinheiro não estão na natureza, mas numa restricção forçada, a que as coagimos, uma sociedade restricta e fechada. Kropotkine e a sabedoria popular não se aplicam aos casos

artificiaes e fortuitos. Observar não é facil; observar bem é extremamente dificil e, portanto, muito raro. E' por isso que as sciencias naturaes, a psicologia, a filosofia, ainda tacteiam nas trevas... Só desatravancar o conhecimento dos nossos erros, prevenções, experiencias e observações erradas e enganosas...

E' o que faz a sciencia de um dia, com a sciencia da véspera... E' porque a verdade "humana" é o erro da véspera, emendado pelo do dia seguinte...

*

ÉTICA AMOROSA

Embora dono e galan unico do seu serralho, o galo no poleiro não esquece a cortezia. Quando pretende algum favor afectivo de uma de suas companheiras, é de ver-se a atitude atenciosa e solícita que tem para ela. Com breves beliscos na pequenina crista, ou pelo pescoço, tanto tem o ar de catar-lhe algum sevandilha incomodo, como de fazer-lhe festinhas carinhosas. Ela abaixa o cocuruto, ia dizer talvez ruborizada,

em todo o caso dócil, como compreendendo a que ele quer chegar, emquanto o galante abaixa tambem a cabeça e, lado a lado, miram-se com os seus olhos redondos, sem expressão, talvez com uma expressão bem significativa no galinheiro. Depois, são pios e piados, a meia voz, que serão prosas de amor, certamente veladas, sem ainda toda a comoção silenciosa do desejo, que não se declara mais, porem que sente e se transmite. Chega, finalmente, o convite deste: é a asa arrastada, em meio circulo, junto dela, aos lados dela, como se a quisesse encerrar, presa mimosa, num paréntesis de afeição tácita, á qual não escapará, preludios todos que desculpam e preparam o acto bruto e divino da posse, intimo e delicioso.

E' excepção rara a agressão inopinada, mesmo entre as grades apertadas de um poleiro, entre um só galo e suas numerosas companheiras, sem os preliminares dessa corte sentimental, que prolonga o prazer intensivo do macho, para o acordo com o prazer extensivo da fêmea.

E' uma lição de moral, ou de ética conjugal, a receber e guardar. Os homens fazem a sua côrte, longa e cheia de peripecias, — todo o li-

rismo, todo o romantismo da humanidade, escrito e vivido —, de uma vez, em grosso, por atacado, antes do casamento (de mão direita, ou mão esquerda, não importa ao caso), e, depois dela, se julgam quites para sempre. Sempre, que é, por isso, efêmero e transitorio. Impõem o seu desejo a suas companheiras, quando as querem, á revelia delas, quando menos os desejam, sem correspondencia, sem disposição, sem a predisposição do sentimento, acordado pelo afago, que prepara e acende o fogo do amor, o esplendor ardente do amor. Por isso ele é frio, apagado, sem chama, sem brazas, no triste amor do habito, da complacencia, do medo, ou da necessidade.

A natureza nos ensina; os poleiros, — como as aves, os insectos, todos os brutos que têm a divina razão do instincto, não turvada pela fuligem da inteligencia humana, — são mais naturaes e mais felizes que os lares humanos. Não só a posse definitiva de uma esposa, de uma amante, carece da côrte propicia que procura a capitulação do consentimento para o enlace, mas cada acto de amor, que para ser glorioso e divino, como o é, se os dois parceiros se

exaltam no mesmo fervor, precisa ser desejado, pedido, conseguido, com todos os carinhos que preparam a harmonia do extase.

Tantos pares por aí ha desunidos e atraiçoados, por culpa desse cuidado inevitavel, que esqueceram. Conquistaram a felicidade, tão dificil de prender!, e, tão facil de reter, não a sabem conservar... Por isso andam por aí, nos braços uns das outras, a procurá-la, presa um instante, esquiva e fugidia sempre...

*

LIVRE ARBITRIO

E' a ameba um animal modesto: tem por corpo uma celula, só ao microscopio se deixa ver, e, entretanto já tem uma vontade. Sim, como o homem. Não que a vontade da ameba seja egual a do homem, mas o que chamam vontade no homem, já existe na ameba.

Com efeito, a reacção do animal, — e porque não da planta? — chame-se irritabilidade, reflexo, intincto ou vontade, é resposta a um estimulo. Se a fonte de excitação é suficientemente

intensa, a orientação no sentido dela é directa: a ameba orienta-se imediatamente á acção de uma corrente galvanica, ficando ao comprido, com uma extremidade para um pólo, outra para o outro, para o anódio e o catódio, como dizem os fisicos. Quando a excitação não é bastante, ha movimentos ao acaso, para a direita, para a esquerda, ensaios previos á direcção que prevalece: destes erros e ensaios e orientação definitiva viria a determinação do estimulo mais forte, para a situação decidida.

Se não ha um, decisivo, tambem o homem vacila entre motivos, prós e contras, incerto, sim e não, perplexo, antes da escolha e da deliberação: domina, finalmente, o mais forte motivo, que, necessariamente prevalece, e a isto, depois de feito, chama-se a vontade de um homem.

Apenas ele afirma que a ameba é determinada, e ele... ele tem livre arbitrio...

*

VONTADE

Vingou-se Xerxes, ao que conta Heródoto, do Helesponto que lhe subvertera mil e duzentas triremes, fazendo açoitá-lo. Refere-se Spencer a selvagens do Brasil que, topando nas pedras, entram em tal furia, que as mordem como cães. Tambem as crianças tiram desforço do soalho sobre o qual resvalaram.

Conferimos uma vontade ás coisas; não é muito a que atribuamos tambem a nós. No que não reflectimos sempre, é que é o mesmo absurdo.

*

IMBECIS

Simpatico animal, não o imbecil, mas a anta, porque misantropo. Respeitavel, senão respeitado, ainda quando trazido das suas florestas originarias onde vive longe do accesso humano e de tenra edade se faz domestico. Um grande porco, bem limpo, esbelto, que passeia, como filosofo ou sabio, obsecado na sua idéa, sem fazer caso dos que o cercam, ainda mesmo da

curiosidade que o espia. Nada o destrai da sua preocupação e, como tem força, para ela não contam, quando selvagem, as oposições debeis ou tenazes no seu caminho. Dir-se-ia, se fora gente, que tem convicções. Antes quebrar que torcer. Porque não torce o rumo que traz, rectilineo, com o impeto forte, prescripto o destino, um banhado ou corrente onde vae matar a sêde, quebra os galhos, rompe as lianas, afasta os arbustos que vae topando na passagem. Se a arvore tenra resiste, desenraiza-a: se é tenaz, agarrada a terra por invenciveis sapopembas, o tapir estaca, forceja horas e dias, e retrocede, de preferencia a modificar a sua trajectoria, num pequeno desvio, tangente ou contorno, que poupe esforço ou consiga transpor o obstaculo.

Bicho de caracter! Como tu, só os idiotas, os imbecis têm vontade tão obstinada, que é a força com que dominam o mundo. As arvores arraigadas te resistem, porque as antas são poucas e solitarias, pela circunspecção e pelo respeito proprio; nada resiste a eles, porque são infinitos e porque se ajuntam solidarios na infinita sandice da vida!

*

NEM OBSTINAÇÃO, NEM VELEIDADE

Tem os muares fama injusta de estupidez: não é a inteligencia que lhes falta, é a vontade que neles é debil. São espiritos de contradição: quer-se que façam isto ou aquilo, obstinam-se em não o fazer, e empacam. Nem a tiro se demovem — não, não e não.

Tambem os equinos são injustamente louvados, e por vicio oposto: a facilidade á rédea, á direcção, o elance a que chamam generosidade ou entusiasmo, que os leva muitas vezes ao freio perdido e á morte, são apenas uma sugestibilidade pronta, que é outra fraqueza da vontade.

Os homens bem podem ser divididos em... perdão, em negativistas e sugeriveis. A maior parte da humanidade está incluida nestes dois grupos. Restam apenas, de fora, duas pequenas fracções. A dos indecisos, que vacilam continuamente entre o sim e o não, pró e contra, acabando muitas vezes por não tomarem partido, como aquele asno de Buridan. E a dos reflexivos que não se recusam ou não aceitam a idéa ou acção, senão depois de pesados os motivos ou

razões, determinados ao "não", ou ao "sim", por essa reflexão: estes seriam verdadeiramente homens, se tal nome podesse ser qualificativo.

Oposição e credulidade, está aí nos extremos, a historia da humanidade. O filosofo americano James disse que a historia da vontade seria a do espirito humano: mais, é toda a historia. De Luiz XVI conta-se que a primeira palavra que lhe ocorria a uma proposta qualquer, era — "Não". De outro, chefe de Estado, que nos desgovernou, dizia o general Pinheiro Machado "como as cadeiras, pertence sempre ao ultimo ocupante".

Aquele negativismo, como esta sugestibilidade indicam vontade fraca, sem deliberação, nem resolução decididas e fortes, porque reflectidas. Daí, quando qualquer deles tomava um proposito, ainda indeciso, porque negação ou acquiescencia foram sem devida ponderação, não saberem mantê-la, retractarem-se, proseguirem, volverem, até no fim a Revolução ou o permanente estado de sitio necessario para não ser lapidado na praça publica um, como o outro foi guilhotinado.

Na vida ordinaria não é diferente: por toda a parte, espiritos de contradição ou homens de bôa fé, nomes rotineiros desses débeis da vontade.

Pois que não é possivel reformar a humanidade, deviam os prepostos a dirigi-la conhecer a psicologia, para tratarem e conduzirem esses débeis, conforme suas diversas fraquezas o exige. Alguns, raros, têm a intuição, o tino, desse conhecimento: diz-se que conhecem os homens, são os grandes politicos. Pode a psicologia educar homens, para conhecerem os outros homens, e multiplicar, generalizar essa raridade do genio. Seremos então muito mais felizes e a vida acorde, perfeita, no dia em que os dirigentes, como os tropeiros ou cavaleiros, aprenderem a tratar os muares como muares, equinos como equinos, e os homens, os raros homens, como homens.

*

"PEDIGREE" E HISTORIA

Os criadores de animaes que lhes apuram as raças por selecção, criação e vida prescripta, regrada e sadia, escrevem-lhes essas historias de filiação e descendencia, e isto é o que chamam *pedigree*. A Historia, como foi escrita até bem pouco, era o "pedigree" dos reis.

Apenas a zootecnia e a veterinaria apuravam qualidades selectas, feitas por combinações, subtrações, convergencia de elementos adequados, para o conseguimento de bons animaes. A politica, com as razões de Estado, e ás vezes as veleidades dos soberanos adoptaram sempre cegamente os processos nefastos da má consanguinidade, acumulando taras, ampliando defeitos, com o que criaram a degeneração das raças reinantes — e, por fim, a feliz extincção delas — embora depois de tantos maus soberanos.

E como os reis, sem razões de Estado, mas por interesses, de riqueza, de posição, de achego, cegamente, ás vezes até por amor, nunca por acerto, para a geração do futuro, a arraia miuda do povo se pôs, e continuará a imitar a insensatez dos nobres e dos soberanos. Daí a defor-

midade, a loucura, a monstruosidade, as vidas que não vingam, a decrepitude apressada, a doença, as mortes precoces, o fim das familias, no tormento dos individuos e dos que os sofrem. A regeneração, quando intervem, é sorte de acaso, nunca procurada.

Tudo isto é o pago de ter saido o homem fora da natureza, e nela não querer reentrar, como se houvesse uma moral humana, e a outra, dos brutos, fosse apenas regra de criação de animaes, como se a Historia, a nossa feia e cruel Historia Universal, não devesse ser, simplesmente, o que é, um capitulo da Historia Natural.

*

COMPENSAÇÕES

As roseiras muito adubadas perdem os estames e ganham petalas nas rosas, que ficam mais lindas, embora menos fecundas. O milho que nasce no esterco — riqueza e fausto das plantas — cresce e engrossa o colmo, enfolhado e prospero, mas não apendôa, nem espiga. Os

animaes bem tratados e protegidos nos jardins zoologicos adquirem propriedades de cordura e docilidade — a domesticação dos brutos, que é a civilização dos homens — a custa da maior, vegetativa, de se reproduzirem.

As raças nobres e finas, cultas e intelectuaes, florescem em heroismo, artes, sciencias, industria, comercio, construcções, e decrescem em povoamento. Já os Romanos chamavam aos pobres, necessitados, que vivem do seu penoso trabalho *proletarii*..., porque tinham prole. Um facto e sua derivação natural na mesma palavra. Só tem muitos filhos quem não tem sustento para lhes dar e, apesar disso, e por isso, inconsciencia para os chamar á vida. Com o bem estar, a consciencia das responsabilidades, a apreensão dos deveres, tambem o egoismo e ás vezes a aberração do vicio, as civilizações fartas, cultas e felizes declinam, na depopulação...

Sociologos, economistas, politicos, moralistas, medicos, patriotas... porque não atentais nessas idéas associadas, prêsas pela mesma causa, em vez de vos fatigardes (e a nós então?!) com as vossas proclamações, objurgatorias, anátemas,

projectos e remedios, absurdos e contrarios, uns aos outros, e, o que é pior, á Natureza, que desconheceis e não faz caso, dos vossos casos?

*

COMPARAÇÕES

Do homem, se valesse a pena acusá-lo de um vicio, para contrapor aos outros bichos, poderiamos dizer deles que todos têm necessidades, ele necessidades e paixões. E' por aí que lhe escassêa tanto aquela isenção, sem a qual não ha juizo que não seja inclinado. Esta verdade, das poucas que lograremos, sentiram bem os Gregos, tanto que um deles definiu-a para sempre: o homem é a medida de tudo: *anthropos panton metron...*

Não pode ele fugir de si e todos os caminhos do entendimento das coisas lhe passam pela mente, centro para onde convergem e onde se entrecruzam os raios que dela despede ou lhe envia a ficticia realidade.

Nessa ausencia de isenção, chega a ser generoso, confere aos outros o seu ridiculo. Os pais

têm os seus fracos naturaes pela sua geração; não se diz de sentimento, no que teriam razão, mas de juizo, o que é ás vezes loucura. Para traduzir esse contrasenso é que dizemos: ao estupor das suas criaturas, acham lindas as corujas. Aos seus filhos chamam os escaravelhos (*) grãos de oiro.

*

A ALMA DAS MULTIDÕES

Na zona criadora do interior do Brasil reproduz-se, de quando em quando, um facto curioso, por aí chamado "arranco" ou "estoiro" das boiadas.

Passam pelo campo tranquilo bois mansos, num compassado e soturno tropel, abafado pela terra fôfa, cabeça pensativa derreada, galhas sem ameaça, corpos roliços embolados na contiguidade, caudas pendentes e esquecidas dos moscardos, os grandes bichos inofensivos seguem, como automatos, a trilha que lhes traça na frente o sincerro das madrinhas.

(*) Insecto escuro e fétido que lida com esterco e dele se nutre.

Apenas, a espaços, uma voz cantada ecôa para animar á marcha dos que remoram no engôdo de um colmo de graminea, á passagem; apenas uma vez por outra, galopando no murzêlo, o vaqueiro contorna em cerco, com a vara de ferrão na dextra, as rezes que dos lados tresmalham em outra direcção.

Mas o abôio ou o desgarro passam, e torna a monotonia tranquila ao campo em que transita, compassada e tristonha, a boiada.

Inopinadamente, a um minimo incidente, a queda de uma folha seca, o bater de asas de um'ave sorpreendida, a fuga precipitada de um lezardo, assusta-se uma rez: súbito, uma vibração sacode em infrene debandada o rebanho pacato e o precipita, cego, impetuoso, tremendo, entrechocados em confusão os chifres, os corpos, os cascos, sob os quaes a terra treme e resôa, como se trovejasse em estoiro a quebrada das serranias.

Não ha grimpas nem barrancos, varzeas ou ipueiras que os detenham: arvores, plantações, choças, viventes, tudo quanto o acaso colocou no rumo certeiro do arranco é partido, amol-

gado, contundido, arruinado, como se um cataclismo devastasse de raspão a terra, numa furia de horror e de destruição.

Torna-se o susto de um, medo panico da multidão. Este fenomeno de contagio, por imitação, é frequente entre todos os animaes. Acorda e canta tresvariado um galo no meio da noite: cantam todos os galos nas cercanias, como se o motivo de um determinasse a favela de todos. Quando pela porteira entreaberta de um corral se escapa um bezerro, é inutil tentar obstaculo, passam todos, como o primeiro. Os gansos do Capitolio assustaram-se de vez num grasnar denunciador, ao medo do que desconfiou dos Gaulêses invasores. Os carneiros do mercador de Rabelais atiraram-se ao mar, onde pereceram, porque Panurgio um deles havia aí precipitado.

Não ha detê-los, vão todos, numa inconsciencia só, para o tumulto, para a fuga, para a morte, como fazem tantas vezes tambem os homens reunidos em multidões.

Gente, tropas, assembléas, todas as reuniões humanas que em comicios, exercitos, revoluções fazeis e desfazeis a Historia... não vos orgulheis

porque os vossos feitos e a vossa voz, como de povo, sejam inspiradas por Deus... são obscuros fenomenos de conservação da especie, pelo medo, de interferencia psicologica, pelo contagio, em que vos anulais uns aos outros, no bruto e só subsistente instincto primitivo da animalidade.

E isto, apenas isto, é que faz as grandes acções que os homens guardam memoria...

*

MATAR POR MATAR

Noticiaram os jornaes um caso interessante ocorrido nas vizinhanças de Paris. Uma empresa cinematografica fez conduzir para as orlas da floresta de Fontainebleau alguns leões, com o respectivo domador e as disposições para os bichos se exibirem, sem jaula nem empeços, como em situações naturaes.

Assim foi. Entretanto, a despeito de todas as precauções, um leão mais cubiçoso de largos movimentos esgueirou-se através do cerco que lhe faziam, e, em alguns passos bem acertados,

ganhou a liberdade, e se meteu pelo campo afora.

Imaginem o susto: dos empresarios, dos serviçaes, dos assistentes, do povo, que, dentro em breve, pelas cercanias, apavorado, vinha a saber que *os leões* se haviam escapado e ameaçavam sinistramente a todos. Só o domador estava relativamente tranquilo, quanto a sorte dos individuos, que já se sentiam mastigados pela fera, embora inquieto pela sorte do leão. Que seria do pobre bicho, solto entre tantos homens?..

De facto, organizaram-se batidas, de camponeses, guardas florestaes, gendarmes vindos de Paris, mas o medo via tantos leões, e por tantas direcções opostas, que a pista não foi alcançada, do fugitivo. Havia apenas tiroteio de quando em quando, umas vacas foram feridas e algumas mulheres desmaiaram.

Do leão errante pouco se soube. Alguns depoimentos, por inverosimeis, não eram acreditados. Uma velha que puxava pela estrada a sua carroça de legumes vira, de repente, a fera na sua frente, dera um grito, e caira para trás: quando acordou não havia mais nada. Apal-

pou-se toda, não estava mordida nem engolida, e os legumes, a carroça, tudo posto na mesma ordem.

Um camponês que fenava na eira, ao levantar os olhos para o campo vira o leão estacado, a uns duzentos metros, que o contemplava. Com o medo, não sabia como o fizera: tomou do garfo, fez um gesto de ameaça, e a fera amedrontada, em grandes saltos, correu pelo campo afora, sumindo-se da vista.

Numa aldeia viram-no rapidamente atravessar a rua principal, onde havia crianças a brincar, gansos e porcos em passeio, provocando grande vozeria de medo, a que a fera correspondera fugindo assustada, sem fazer mal a vivente.

Multiplicavam-se esses depoimentos; a conclusão era, — um leão manso ou um leão degenerado e medroso.

Cresceu a coragem então nos caçadores, que agora queriam dar mesmo cabo do bicho. De facto, ele foi alcançado numa toca, a que se abrigara, mal ferido de um tiro, a que outras descargas succederam, sem atingir felizmente o

alvo. Chamado, o domador pôde, a custo, salvar o leão das garras dos caçadores que, vendo-o agora até sem poder fugir, se assanhavam, de longe, numa grande coragem destruidora.

Em todas as suas tres ou quatro horas de excursão a fera não fizera mal a ninguem: em outra escapula não se havia de meter, tanto susto apanhara, tanta bala lhe fora dirigida, tanto grito e tanta sanha desaproveitada provocara: que bicho feroz, o homem!

Um jornalista que ouvira ao domador dizer que isso mesmo imaginara e mais cuidado havia da fera, que do mal que ela podia fazer, replicou, indignado:

— Que maus sentimentos...

— Diga, ao contrario, bôa logica. O leão havia comido a fartar-se, antes de ser exibido e de fugir. Os bichos não agridem senão com fome, para satisfazê-la, ou provocados, para se defenderem. Só o homem cutila, dispara e mata, por gosto, para distrair-se, por vaidade, para fazer mal, a passarinhos, faisões, bichos inofensivos do mato, até, tantas vezes, contra os outros homens...

*

UM MONSTRO

Já não se discute mais a curteza mental do homem, que nem olhos tem capazes de ver a natureza: de facto, eles percebem apenas do lado de fora o que têm dentro da cabeça, e como não é bom o que aí têm, por isso tanto erro encontram por toda a parte.

Sabemos como ele calunia animaes e plantas, aos quaes irroga os maiores disparates; quando se lhe dá para louva-los, é o mesmo desconchavo. Foi assim que, á conta dos brutos, inventou uma porção de lendas absurdas: no cordeiro simbolizou a doçura, embora as marradas; representa a castidade nos pombos, mau grado dos costumes luxuriosos; a águia que fita o sol, o pelicano que abre o proprio peito á prole faminta... emfim imaginação, sempre imaginação, nunca a exacta, a simples observação da realidade.

Um dos seus erros mais comicos é o relativo a essa admiravel avesinha, o colibri, ao qual damos o nome de beija-flor, que denuncia logo um bando de suposições erroneas sobre o bicho,

se não fossemos ainda mais adiante nas discrições admirativas e nos embevecimentos poeticos.

Na verdade esses milagres de leveza, de movimento, de colorido... são verdadeiros monstrosinhos. Brigões como não ha exemplo, uns com os outros, agridem-se e agravam-se, tão pertinazmente, que ao chão caem, embarafustam-se pela abertura das janelas, contra as paredes caiadas... e rolam exanimes, mas atracados, numa sanha canibal. Provocantes e destimidos, atacam grandes insectos e avesinhas proximas, aves maiores, até as de rapina, que perseguem sem trégua e com afronta. Finalmente, as flores que eles procuram, infames!, são profanadas, porque aí vão buscar, não o nectar que não lhes basta para sustento, mas os insectos que vivem dele e que os malvados sabem, certamente, onde, encontrar. De sorte que de um colo de lirio, de um regaço de rosa fazem eles a armadilha fatal da traição, a incautos e inocentes, que andam uns a proteger o namoro das plantas, outros a preparar as colmeias e o mel, e vão, todos e tudo, polem, essencia, ambrosia, mensageiros, artifices, artistas... encher-lhes o papo faminto.

Para o homem cégo, que tanto calunia os outros, o colibri é entretanto um emblema de ternura e de graça... é o beija-flor!...

*

INJURIAS

O Dr. Joaquim Murtinho, medico, professor e homem de Estado, de grande e justo renome, era misantropo. Entre outras manifestações desse seu genio tinha o habito de procurar nos interlocutores, nos individuos que dele se aproximavam, o bicho que possuia cada um incluido na fisionomia, no porte, nos ademanes, e que era mister revelar. Para ele era o mundo como um jardim zoologico. Na chefia da nação, na administração, no exercito, na sociedade, sem escapar as mulheres, havia pavões, sabiás-cicas, sapos, zebras, garôpas...

Tambem assim se vingava aquele escultor, personagem de Ibsen, que, impedido de cumprir a grande obra original, era condenado, para viver, a fazer o busto a todas as vulgaridades:

consolava-se em figuras ambiguas, insultando o homem com um bicho parecido.

Neste era o amor proprio de homem, vingando-se com o insulto mais caro aos homens. O outro era ilogico porque, misantropo, reabilitava os homens, descobrindo neles os seus nobres parentes. Era bem homem, aliás, — e a gente não pode fugir disso... — usando da injuria mais á mão...

NOSSOS PARENTES POBRES

Quem buscasse na velha historia da humanidade as palavras que os homens chamam, uns aos outros, quando possessos de desespero ou de cólera, revelaria aos de hoje que taes sentimentos sempre tiveram uma voz e que a insulto humano, desse tempo até agora, não variou. Sempre foram os animaes os nossos motivos de comparação ultrajante.

— "Cão"! é o insulto que Aquiles dirige a Heitor, agonizante a seus pés; "coração de veado", "olho de cachorro" são outros desabafos

de desprezo e de raiva que o heroe lançara a Agamenão, rei dos homens, quando lhe roubou Briseida, por cujo ciume se passa a *Iliada,* como pela outra, a divina Helena, se peleja a guerra de Troia. Na *Odisséa,* diante de Telêmaco, esta se acusa de "cadela".

Não era mais polida a gente do Olimpo; Atenê é para Ares "mosca de cão", desprezo sobre desprezo; "mosca de cão" é Afrodite para Hera, a quem Artemis chama "cadela rabujenta". Palas, o divino pensamento de Zeus é, ainda, nestes sentimentos, "violenta e audaciosa cadela" (*Iliada,* VIII Rapsodia). Não admirar: são homens os deuses.

Eram "cães", os idólatras para os Hebreus. Tu me tomas por um "cão"? diz Golias a David. Abner é tratado com o maior desdem, como "cabeça de cachorro". "Cão" é o que pratica o pecado nefando (*Deuteronomio,* XXIII, 18), tambem o impudico, no *Apocalipse,* XXII, 15. Tal como anel de oiro em focinho de "porco", é a formosura da mulher sem juizo, diz uma parabola de Salomão (*Proverbios,* XI, 22). São Pedro compara os falsos doutores, que ensinam

o erro depois de conhecida a verdade, á "porca" lavada que tornou ao lodaçal (II *Pet.* II, 22). O proprio Jesus proíbe que se dêm coisas santas aos "cães", isto é, aos homens impuros, o que seria como deitar perolas a "porcos" (*Mat.* VII, 6). A preferencia pelos cães é porque são bichos mais proximos na domesticidade.

Tem os modernos mais cabedal de injurias; a descompostura, porem não varia: serão sempre os que desejamos agredir burros, camelos, viboras, onças, raposas, galinhas, morcegos... e tantos mais, todos que, alem de outros prestimos, com que os amesquinha, servem ao homem para se vingar do seu semelhante. E' o primeiro que lhe acode... desabafa-se na zoologia!

Desprezo e desapreço, é o mesmo sentido; quando se decae de um, na estima, chega-se ao outro no ultraje, e ha sempre um bicho perto com que insultar o nosso irmão, com o nosso parente, sem sair da familia.

Nossos parentes?! Sim, diz a sciencia. Pelo trato que lhes damos, pela vergonha que nos inspiram, devem ser, na criação, os nossos parentes pobres...

II

INTIMIDADES

"HISTORIAS ANTIGAS E MODERNAS"

O homem, medida de tudo...

PROTÁGORAS DE ABDERA.

PROFECIA

De todas as incapacidades humanas a mais certa é a de prever. Tão verificada, que, a quem não acontece, uma vez em cem, logo se lhe confere a admiração e a santidade, e é profeta. Todos entretanto amam esse ridiculo e por isso nada dá certo. Supersticiosamente, afirmou até Flaubert que o previsto não acontece. Por isso, um humourista aconselha que se profetize só o que já aconteceu; está-se mais seguro.

Evidente exemplo dessa enfermidade humana do juizo é este Brasil. Foi a maior obra das que Portugal fez no mundo. Pois nem sequer desconfiou disso, trocando missangas por negros da Costa, trazendo porçolanas e tempêros das Indias, e nos esquecendo, decadas e seculos. Tanto era o desprezo, que o Brasil, depois de Africa, era o ultimo castigo dos degrêdos. O rei de Portugal que se ufanava, no titulo, de todos os feitos dos seus navegantes, omitia o Brasil, e

ostentava a Guiné, "por uma caravelinha que lá vai e vem", como disse o rei do Congo, e repetiu indignado Frei Vicente do Salvador. Nem tomaram conta efectiva, nem povoaram como podiam, nem aproveitaram como deviam, e, entretanto, deu nisto... o Brasil!

*

O SÍMBOLO DO BRASIL

No Curanja, Alto-Purús, confins do Amazonas, um dia, certa comissão peruana mandada a encontrar-se com outra, brasileira, para demarcação de limites, depois de longas discussões e susceptibilidades, naturaes a dois povos vizinhos que desejam o mesmo tracto de terra, pôs, finalmente, termo aos seus trabalhos, convidando-nos para uma festa de despedida.

Euclides da Cunha representava o Brasil. Com os seus companheiros de missão fora recebido, cercado das deferencias devidas, no acampamento dos extrangeiros, que os levaram ao salão do banquete, magnifico salão improvisado na floresta, recinto de verdura e de ramagens,

palmas e palmeiras da mata, a que apenas a mesa do festim e as bandeiras, que o enfeitavam, compunham um aspecto civilizado. Olhou em roda Euclides, procurando entre as outras que se ofereciam á vista as côres nacionaes e... não as encontrou... Fora omitido o pavilhão brasileiro!

Mal lhe sofreu o animo esperar pelo desagravo, mas esperou, vencendo-se, para honrar a missão que lhe confiaram. Quando chegou, porem, a vez dos brindes, das palavras amenas de confraternidade internacional, da evocação dessa Sul-America em que somos como que irmãos na mesma familia, explicaram os extrangeiros, pedindo desculpas, não estar ali, entre tantas amigas, a bandeira nacional, porque não viera nas suas provisões...

Do Perú haviam trazido todos os pavilhões americanos e, vindo para o Brasil, não trouxeram o brasileiro. Não era, pois, ofensa, por omissão; talvez fosse ironia, de esquecimento; com certeza descortezia, por descuido. Euclides da Cunha empunha então a taça e, sem alusão ás escusas, louva os peruanos que acabaram de dar a nossa Patria a mais formosa expressão de

deferencia. Não a quiseram representar por um pedaço de pano colorido, retalho de polidez, ou simples agrado á vista, que se adquire nas lojas, por algumas moedas, sem emoção, quando é um extrangeiro que a adquire. Vindos ao Brasil não entenderam trazer-lhe os seus hóspedes mais um trapo comprado; num requinte de cavalheirismo e galhardia buscaram na propria terra brasileira um símbolo nobre e direito que a representasse, na gloria, de luz e de esperança, de suas côres nacionaes: eram aquelas palmas todas, todas aquelas palmeiras, que os cercavam e onde se desbotavam, por contraste, todos os outros pavilhões americanos. No caule liso e altivo, apontado para o céu, estava bem a lança do nosso pendão, representando os designios do Brasil na America do Sul, e no mundo, onde só desejamos expansões para as alturas do nosso ideal. Soerguidas, acima dos interesses rasteiros, no tope que procura o azul, bem estavam as palmas auriverdes, côres da nossa bandeira, onde o esplendor da rica natureza se acrescenta á esperança forte da gente, nas certezas que nos promete o nosso destino, confiança que se vai realizando... Cada

palmeira alta e nobre, lisa e direita, coroada de raios e de palmas, de flâmulas e de bençãos, é um símbolo do Brasil! Bemdito e perfeito, símbolo de minha terra!

*

ANTECIPAÇÃO

E' a infancia uma divina antecipação. Um mundo de ensinamentos, pedagogicos, moraes, economicos, sociaes, ha nesta observação psicologica. Dela se pode tirar imensa vantagem. Porque até hoje o nosso bronco entendimento de homens se tem comprazido em fazer das crianças crianças, quando elas querem, e são, no seu entender, gente grande. Pirralhos de quatro e cinco anos fazem de papae e mamãe e se metem "en menage": já vi dois, deitadinhos, na cama, para fingirem melhor. E' o brinco das bonecas arremedo da maternidade. Os pequenos montam a cavalo, dirigem carros-cadeiras, comandam soldados de chumbo. A fábula do "novelo de linha", que cortado ia adiantando a idade com os desejos, é símbolo dessa sublime impaciencia.

Não interessa ás crianças o que fazem outras crianças, mas o que faz a gente adulta. Os contos infantis não devem ser historias de outros meninos, mas aventuras maravilhosas, do que eles querem e serão um dia. Não uma admoestação prolongada, um pequeno drama vivido. Nas escolas a imitação dos maiores, imitação ou sedução moral e civica das responsabilidades, é um ensino eficaz, que começa numa distração interessante.

Sei duas pequenas historias que ilustram estas generalizações.

Ofereci certa ocasião á pequena Elisabeth, filha de amigo, uma grande boneca, do seu tamanho, pensando dar-lhe com isso maior prazer. Dias depois entro na sala em que ela brincava e vejo-a, ás voltas com uma bonequinha de celuloide, toda carinhos e cuidados. Chego á fala, maneiroso, meias palavras, a perguntar quaes as suas predilectas. — Esta, que é minha filha... — E a outra, a grande, a que eu lhe dei?, pergunto, despeitado. — E' bonita, é; mas ainda não posso brincar com ela... Só pode ser filha de mamãe.

Contou-me Aluisio de Azevedo que, chegado um dia para jantar á casa do irmão, o Arthur, á hora de sentarem-se á mesa, faltava a enteada deste, uma interessante criaturinha, de cinco para seis anos de idade. Procurou-se por todos os aposentos, em vão. Estava aberta a porta e pensaram logo num desastre, saida á rua, atropelo de carro... Mas nada, tudo está calmo, nenhuma denuncia de maior nas imediações. Tornando á casa, ouviu Aluisio uma conversinha de criança, dentro ao desvão de uma escada. Aproximou-se, de mansinho, agachado, e ouviu e viu: — a sobrinha tinha o casaquinho aberto, ao cólo uma boneca, a quem dizia: — Mama, minha filha! Você está hoje sem vontade!...

E tanto era o desvelo á sua criatura, que não atendera á bulha que lhe andava á procura, toda ocupada em cumprir os seus deveres de mãe...

No entanto, vivemos a preparar jogos, brincos, livros, modos, processos educativos *infantis,* para as crianças... que já são, ao menos na ficção propria da idade, apenas gente grande.

Estou convencido que ha nessa idéa um rendimento pedagogico magnifico, se um dia sou-

bermos tirar, sistematicamente, todo o significado que comporta. A infancia é uma antecipação.

*

MÉTODOS

Dois graves educadores discutiam, pró e contra, os processos de soletração ou de sentenciação na arte de ensinar e aprender a ler. As razões eram de grandes para pequenos e, portanto, as mais alheias á psicologia infantil. Era como se saber ler fosse agora o caso deles, se tivessem de recomeçar, sabendo o que já sabiam... Em suma, adultos inveterados no prejuizo academico das idéas feitas.

Em quanto isto, observava eu a Florinda, seis anos, desatenta, irrequieta, a quem não interessavam nem as consoantes que se articulam naturalmente ás vozes, como pretendia um dos pedagogos, nem as sentenças breves, as palavras monosilabicas, como queria o outro, do método oposto. Bem se importava a Florinda com eles!

A mestra deixou-a de lado e procurou prender as outras. Por fim, já adiante, no curso, surgiu uma frase no quadro negro em que havia uma palavra, de magica influencia: gatinho! Florinda no banco em que a deixavam estar sobresaltou-se e perguntou, sem considerar na disciplina: — Onde estava o gatinho? — Porque? — Tinha um em casa, queria saber o nome dele. Como se escrevia? Que letras são essas?

E por uma palavra de muitas letras, algumas sílabas, e não das mais faceis, antes das consoantes que se articulam e sem sentenças monosilabicas, por essa larga porta, entrou Florinda a aprender a ler.

Métodos, sistemas... Só existe um, eficaz: qualquer, contanto que suscite o interesse, desperte a curiosidade. E' sabido isso; Herbart fez daí o centro de pedagogia, já lá vae um seculo... Talvez, por isso, tão esquecido na pratica. Discutem ainda os pedagogos.

*

EDUCAÇÃO, INSTRUCÇÃO

Conta o reverendo Simão de Vasconcelos que um dos Padres da sua Companhia andando pelos sertões do Brasil deu com uma india velhissima á qual, por querer salvá-la, pôs-se a catequizar, exercendo "cumpridamente o seu oficio". Depois de ter esgotado os casos de fé, volveu ao temporal, e vendo-a num extremo de fraqueza indagou se não lhe saberia algum manjar ou gulozeima, conforto de que seria capaz de provê-la. Transcrevo da *Chronica*:

"Respondeu a velha, catequizada já: meu neto, tudo já me aborrece; só uma cousa me pudera abrir agora o fastio: se eu tivesse uma mãosinha de um rapaz Tapuya de pouca idade tenrinha, e lhe chupara aqueles ossinhos, então me parece tomara algum alento; porem eu (coitada de mim) não tenho quem me vá frechar um destes".

A catequeze, instrucção religiosa, dava nisto; como dizem os sertanejos, "agua que escorre em costas de pato", sem as embeber nos seus princi-

pios salutares: a alma doutrinada para uma banda, o corpo com os seus apetites por outra.

A educação, religiosa, moral, ou outra, essa é que muda e ageita a natureza ao que se quer, ao que deve ser, com o que se consegue outra alma, ou se conformam, corpo e alma, num só querer.

*

HONRAS

Entre as mostras de tino politico que nos deu D. João VI, está a mão larga com que destribuiu titulos e condecorações pelo país, que assim conhecia logo na sua vaidade. Diz um historiador, Armitage, "que, durante o periodo da sua administração, concedeu maior numero de insignias, do que haviam conjuntamente concedido todos os monarcas da casa de Bragança, seus predecessores". Filho e neto não foram mais poupados: uma das rendas do erario, estimulo a obras pias de beneficencia, eram comendas e nobrezas.

Com a republica, por imitação americana foram supressas as insignias: cresceu a guarda nacional, apareceram as medalhas militares, impor-

taram-se fidalguias, de pontifices e soberanos peregrinos.

Entretanto, ha incriveis excepções. Conta Vasconcelos de Drumond que tornando de Pernambuco, onde servira á causa da Independencia, redigira, a pedido de José Bonifacio, a lista das pessôas que deviam ser galardoadas com a Ordem do Cruzeiro, pelos patrioticos serviços prestados. Assim fez. "Ao lê-la José Bonifacio apertou-me tres vezes a mão em prova da satisfação de não me achar contemplado nela. Tinha intenção, disse-me então, de o distinguir, não o contemplando no despacho. Era o mais que lhe podia fazer, porque o igualava a mim; mas se o seu nome viesse nesta lista não teria remedio senão mudar de proposito, e isto muito me custaria. Agradeci a José Bonifacio esta grande prova de amisade que me dava".

Ora, que sempre existem destas excepções, neste Brasil: homens que não se honram com outros nomes alheios, com titulos ajuntados, mas que procuram honrar os proprios nomes como titulos, á inveja dos contemporaneos, á admira-

ção dos vindouros! Se tem dessas felizes excepções, é que deve ser exacta a regra.

*

ESAÚ E JACOB

Eram dois irmãos, um rude e intrepido, aventureiro e generoso; o outro delicado, timorato, arteiro e dissipado. Andava um todo o dia ao monte, nas caçadas, ou roteando o campo, no plantio, colhendo e preando o que em casa se comia; ficava o outro indolente, junto ao borralho, ou rusgando com os velhos paes, sempre amimado por elles e, por isso, tinha maiores meritos. Que pena não fosse o mais velho, para lhe darem a benção da primogenitura! Ainda pela fraude, era justo que lhe coubesse. A razão intima é que, não havendo necessidades, o que mais se preza é a companhia; e como as primeiras eram obviadas pelo esforço de um, taes comodidades tinham menos preço, que o prazer da conveniencia amavel do outro, o mimoso segundo filho.

Por isso, quando foi da divisão dos bens, os

legados respectivos corrigiram, com o sentimento, a justiça. Ao mais velho foi dado o campo, a floresta, o sertão, onde ha minas por explorar, madeiras a abater, terras por cultivar, que lhe dariam, com muito trabalho, é certo, riqueza garantida: alem das especies extrativas, o país era essencialmente agricola.

Ao mais moço, que era fraco e não sabia trabalhar, puniram com o litoral, os portos de mar, as alfandegas, as recebedorias... onde vem ter os productos do interior, as comodidades do exterior, para a troca do comercio, para os arranjos da industria: taxaria impostos de importação e exportação, imporia preços, e ainda, como complemento, desse pouco, teria suas industrias protegidas. O que trabalhava e produzia havia de vender, pelo preço vil que o outro, o consumidor, entendesse dar, no seu bom alvitre, para evitar, a si mesmo, a carestia da vida; pagaria, alem disto, impostos exhaustivos, para as obras sumptuarias, tão indispensaveis! de aformoseamento do litoral, que o irmão empreendia; havia de comprar, pelo preço muito mais alto que ao mais moço conviesse ceder-lhe a sua má mer-

cadoria, conseguida assim victoria sobre as bôas mercadorias extrangeiras, expelidas felizmente do mercado do país, essencialmente industrial.

Protecção é sempre proteger alguem contra outrem. Protege-se a industria do litoral, contra quem? Contra a lavoira do interior e do sertão. A arte contra o trabalho, o superfluo contra o necessario: Jacob, vaidoso e desperdiçado, contra Esau, modesto e laborioso. Dos dois irmãos brasileiros um vive a custa do outro: um produz, o outro consome; um paga impostos e mais impostos, de exportação, de importação, de consumo, o outro constroe avenidas, jardins, theatros, dá festas e recebe soberanos; impõe este áquele suas más manufacturas, por preços exorbitantes, e quando, por isso, e pelo papel fiduciario, que emite a cada uma das suas necessidades frequentes de perdulario, a vida encarece, inventa as compressões economicas da proíbição de exportar, das tabelas de preços dos comissariados de abastecimento...

Na fraude biblica, da venda dos direitos de primogenitura, houve um prato de lentilhas: aqui é o Jacob brasileiro quem troca, e quem

come; decide pelo outro, explora-o, e ainda o afronta com as suas festas e banquetes. O Esaú nacional trabalha, sofre e assiste, de longe, a esta farra imoral. A antinomia brasileira é esta, e não é outra: é o litoral e o sertão. Esse é o desequilibrio, a heterogeneidade, a discordancia nacional, mantidos pela injustiça, o parasitismo, o roubo, que uma mofina civilização de quatro seculos não corrigiu e ainda vae agravando...

*

GLORIA...

Aquy jaz Pedralvares Cabral doe na Isabel de Castro sua molher cuja he esta capella he de todos seus erdeyros aquell depois da morte de seu marydo foi camareyra mor da Infanta dona Marya fylha del rey dõ João noso señor hu ter ceyro deste nome.

E' o epitafio de Pedro Alvares Cabral, na Egreja da Graça, em Santarem. Aos contemporaneos, aos herdeiros de seu nome e de sua casa, era *maior* galardão ter sido a mulher camareira

mor da Infanta D. Maria, filha de D. João III, do que o marido haver descoberto o Brasil. Maior não, que é comparativo, e não existe comparação — uma parenta, criada do paço, essa é que era a honra da familia.

E nós falamos de gloria eterna, quando, até ela... muda, muda tanto de apreço, no juizo dos homens inconstantes...

*

SCIENCIAS E LETRAS

A Miguel Couto, sabio que não passará, porque tambem sabe escrever.

Jacques — Alexandre — César — Charles interessante nome, de quatro prenomes! — foi notavel fisico francês, cuja sciencia admirou Franklin e dela deixou traços duradoiros nas experiencias sobre electricidade e dilatação dos gazes. Inventou o megascopio e substituiu nos balões o ar quente pelo hidrogenio, tornando possivel e pratica a aerostação. De uma curiosidade pueril fez invenção maravilhosa, que ainda

não deu tudo de que ainda é capaz. Suas ascenções celebres maravilharam Paris, como muitos anos depois as do nosso Santos Dumont, que deu direcção a esses balões cheios de gaz.

Entretanto, o seu nome se teria perdido, ninguem falaria dele, se, tarde na vida, não se lembrasse de casar com uma linda rapariga, cuja mocidade se estiolava na mediania e na sombra de um recanto provinciano. Madame Charles, Julie Françoise Bouchaud des Hérettes, encantou-lhe a velhice com a sua presença amavel, seu respeito carinhoso, e, teria ela mesma passado, com a sua graça melancolica, se, antes de morrer, levada pela consumpção, não se encontrasse com Alphonse de Lamartine, que a amou, e por ela escreveu *Le lac, Immortalité, Le Crucifix,* que a fez a sua Elvira (depois de Grazziela, que fora antes Elvira, antes de Mme. Lamartine que seria depois Elvira, da filha finalmente, que se chamaria Elvira), a mais tocante musa do poeta, de cujo amor e cuja saudade fez ele as suas *Meditations.*

E' exacto que as *Meditações* inspiraram o romantismo, fizeram as emoções ternas e comovidas do coração humano durante um seculo, a

milhões de seres ainda haverão de enternecer e de comover. Não é, porém, ironia pungente que o nome de um sabio, bemfeitor da Humanidade, se salve do olvido, apenas porque á mulher dele amou um poeta?

Discutiam homens graves as vantagens da sciencia sobre a literatura. E' certo que os sabios desdenham os letrados; o povo, porem, beneficiado pelos primeiros decora os versos e guarda o nome dos outros. Não emito um voto; está aí um depoimento, para juizo.

*

CARNAVAL

As coisas mais faceis de compreender são, ás vezes, bem dificeis de definir. Sobre a ironia e o "humour" muito se tem escripto, toda a gente sabe em que consistem, ninguem entretanto lhes acerta com a definição...

Nestes dias de mascarada, mais que outros a eles consagrados, tive a noção exacta de como se parecem e, entretanto, como são dessemelhantes. Companheira de brincos do pequeno Octávio,

uma pretinha de sete anos, Zilda, se quís tambem fantasiar. O menino ia de africano, com o rosto untado de fuligem e graxa, luzido e retinto, delicioso negrinho. Vê-lo, de alvo e loiro mudado em negro e encarapinhado, preto de traços finos e raça apurada, "mais" que se mostrava "menos", fazia rir. Zilda, por oposição, talvez para dar ilusão ao seu desejo, quís ir, como pediu, de "menino branco". Puseram-lhe uma cabeleira loira, de boneca, sobre a carapinha, meias e luvas imaculadas e talco e giz no rosto e no pescoço, carmim nos labios e nas bochechas, sem a conseguirem dissimular, negra empoada de branco, "menos" que pretendia ser "mais"... fazia sorrir, de ridiculo, mas logo depois fazia pena, porque dentro dessa caricatura havia um'a mágoa.

Quando o riso comenta a felicidade é graça; quando acentua uma incoerencia logica, um desparate intencional, um sentido oculto, é ironia; quando disfarça uma tristeza é humourismo. Em linguagem matematica: mais que se dá por menos, fantasia feliz da razão, $+ \times - =$ a ironia; menos que se alça a mais, arremedo in-

feliz do sentimento, — × + = a humourismo. A ordem dos factores bem que altera o producto.

Não sei se é isto. Mas no carnaval ha tanto mais por menos, menos por mais, homens serios — de palhaços, mulheres alegres — de princêsas, que é bem, no seu riso tonto, a festa da folia, feliz e desgraçada, consoladora ou desconsolada, que é bem a festa da ironia e do "humour".

*

ATÉ O CÉU

Conta-se que Don Fradique de Toledo Osorio, que em 1625 veiu mandado pela Metropole a restaurar o Brasil, dos Holandêses, passando revista a suas tropas, foi sorpreendido por uma carga dagua, o que lhe fez dizer: "*En el Brasil hasta los Cielos mienten*" Até o Céu, quanto mais os homens. Não ha indicio seguro de tempo, nem fiança em palavra de gente. O mesmo Padre Vieira que refere o caso, supõe que ter o clima do Brasil influido ociosidade, nos trouxe a mentira, porque "um vicio influe outro vicio". Será, não

sei; mas culpar ao céu ou ao clima, de tudo, me parece bem. O fausto e a pompa desta natureza, tanta luz, tanto calor, tanta verdura, serranias sem conta que se arrepelam, aguas infinitas que se desatam, panoramas, paisagens, flores, insectos, aves, festa no céu e na terra, põem no homem tonto, ênfase, demasia, exagero, variedade, inconstancia, que somam impressões multiplas, variadas, successivas, fugazes, apenas retidas, mal guardadas, pior lembradas, refeitas e completadas, e, por isso, mal feitas na evocação, de onde a mentira.

Não é este o vicio dos viajantes, dos caçadores, dos oradores aplaudidos, das actrizes festejadas? Tambem o inesperado das impressões, o imprevisto das peripecias, o clamor do triunfo, o delirio das ovações distraem a atenção, conservam sem precisão e reproduzem sem fidelidade, o mal visto, mal ouvido, mal sentido e, depois, só depois, por isso, mentido. Essa prodigalidade de imagens acende a imaginação e um passo vae, facil e resvaladio, da ficção consciente, á de habito, automatica, inconsciente, que é já mentira, tanto não sabe o que é.

Na ironia do espanhol ha apenas a modificar

aquele *até*, por um *porque*, para ser então completa a verdade: porque os céus, o clima, a natureza mudam e variam em tanta forma e tamanha maravilha, o juizo dos homens, tambem é vario, e inconstante, e até a mesma memoria instavel se desmanda, braço dado com a imaginação vagabunda, nesse vicio nacional por excelencia.

Dirá só isto a Psicologia; a Moral, pela opinião de Vieira, insistirá na influencia da ociosidade... E' lá com ele.

*

FRANQUEZA

Ouvido de uma formosa e estouvada rapariga, num grupo de senhoras, diante de linda criança: — se eu tivesse a certeza de ter um filho assim, entregava-me ao primeiro homem que encontrasse.

Na roda entreolharam-se varias damas, e, aos pares, uma a outra, disfarçavam, sob olhos baixos, o comentario. Só eu, depois da malicia que me veiu á boca: — Quem sabe?! Porque não experimenta? — mas que não disse, a justifiquei

na sua franqueza, que é virtude, oposta á hipocrisia, de conformação á natureza, que é lei divina. O seu instincto materno, dever imposto e irrefreavel, falara alto, não fazendo conta das reservas que impõe o prazer, culto dos outros, escondido e discreto, com ou sem consequencias. Os outros seriam talvez imoraes, ela é que levantava escandalo...

*

DESEJO E FASTIO

Uma das belas ruas da Baía, o Porto do Brasil, era a do Rosario. Chamava-se, no meu tempo, Rosario de João Pereira, naturalmente para se distinguir de outro Rosario, que não era de João Pereira. Quem seria, porem, esse varão cujo nome servia para distinguir uma rua?

Indagou minha curiosidade e soube-o com uma historia capaz de proveito.

João Pereira era proprietario abastado e morava em bela casa, exactamente no Rosario, que tomara o seu nome.

A razão da notoriedade vinha dum restau-

rante que possuia no comercio, famoso por certa especialidade culinária. Eram saborosos pequenos bifes, preparados pelo proprio patrão. Toda a gente da Baía comera e comia os bifes do João Pereira.

O plural, entretanto, é um tanto inveridico, porque a ninguem, sem excepção, era permitido comer mais de um bife por dia. Regra da casa, que nenhuma solicitação, dinheiro, zanga, favor conseguiu jamais demover. Na minuta do restaurante havia outros acepipes com que podia o cliente satisfazer a sua fome: o bife, delicioso, bem pequeno, só um por dia.

Questionado sôbre êsse capricho, ilogico para negociante, João Pereira respondia: — E' porque pretendo conservar a sua freguezia, que poupo o seu apetite, evitando-lhe o enjôo, dando-lhe até mais vontade. Te-lo-hei amanhã aqui, por muito tempo, sempre desejoso, talvez reconhecido, nunca repleto e saciado... Cuido do meu interêsse, não lhe favorecendo o fastio.

Era um artista o João Pereira, pois que fazia obras primas de "bom gosto", mas tambem, fino psicologo: no seu proveito, que vinha a ser o proveito dos outros, despertava o desejo, para não

o satisfazer nunca. Achara, no seu tanto, a formula da felicidade. Tivessem todos um João Pereira, intendente intimo dos seus prazeres, que lhes impedisse o tédio da fartura!... E ainda haveriam, a menos, e de lucro, a inveja dos que só têm apetite...

Ao acaso das idéas associadas contava esta historia a um amigo, no momento aborrecido, sorumbatico, senão mal humorado. Quando me levantei para acender um cigarro, ouvi que sua jovem esposa se inclinava ao ouvido dêle e lhe dizia em tom brejeiro:

— Comeste hoje bifes, demais... Agora, hei de fazer como o João Pereira...

*

PREFERENCIA

A beleza ou o genio? Não é uma alternativa, pois que, segundo o sexo, cada humano tem a sua preferencia. Se raros homens, fátuos e ridiculos, desdenhariam talvez o genio, nenhuma mulher deixaria de cobiçar a beleza: aliás todas elas crêem que a têm.

Entretanto, no mesmo sexo, um ou a outra, dada a ocasião, levam a melhor. Conferira a natureza a partilha desses dons, na sua perfeição, a Mme. de Stael e a Mme. Recamier, esta contente, a outra não satisfeita. Um dia, diante da solicitude de Talleyrand, quís Corina força-lo á declaração e indagou:

— Se as duas estivessemos a nos afogar, a quem salvaria?

— Oh, Madame, respondeu o grande malino, — a senhora sabe nadar...

A beleza, que era Julieta, teria pois a preferencia. Mme. de Stael, o genio, haveria as suas compensações. Outro dia jantavam á mesma mêsa e entre elas fica um imprudente, que exclama:

— Estou ao lado da Beleza e do Genio...

— E' a primeira vez, replicou Mme. de Stael, corrigindo a *gaffe*, pois que a Recamier não tinha espirito, — que me acham bonita...

E' que a beleza sem o espirito é ás vezes humilhante; mas, sem a beleza, o espirito é apenas um triste consolo.

*

MENINA E MOÇA

Aos doze anos, quase ainda menina, já quase mulher, na promessa de uma beleza que seria feiticeira, persistia a irregularidade de proporções que marca essa idade de transições na qual a criança que perdura e a moça que começou têm os seus traços e dimensões confundidos, numa crisálida, entre larva e borboleta. O que ainda não era formoso ia certamente ficar e já no corpo airoso e na alma que se debruçava nos olhos negros pestanudos se lhe via com admiração, e, ás vezes, com medo... A formosura tem um prestigio tão forte! força que vae sempre para o mal... Pobre Paguadgí!

Era o nome que lhe davam, desde o dia em que um irmão mais velho, lendo um livro de aventuras, aprendeu esse, da lingua dos Peles Vermelhas, e que designa entre eles mulheres, como as ha por toda a parte, que não se podem chamar — "Agua que canta", "Manhã de sol", "Estrela que dansa", "Noite de luar", "Sonho de amor" — e que, com maior propriedade designam por "Coisinha selvagem". Desde esse dia, como o nome calhava, ela foi Paguadgí...

E ia deixando de ser menina e ia ficando moça na mesma inconsequencia, capricho, extravagancia, incoerencia, de bela e absurda "coisinha selvagem".

Recitava alguem certo dia umas trovas populares diante dela. No meio, veiu esta:

Mulheres ha para tudo
Para amor e para taca:
Umas acabam no altar,
Outras na ponta da faca...

Ela aprumou o busto em botão, cerrou os olhos a meio como se vendo por dentro, repetindo talvez mentalmente o sentido da canção rústica... Depois, com voz grave, na qual a mulher parecia já falar, disse:

— Eu... sou destas...

Quem sabe? Deus queira que não. Mas ha frutos venenosos, e esses vem sempre de uma flor que assim esteve um dia, a desabrochar.

*

QUEM É QUE SABE?

No magnifico livro que é a *Vida do Duque de Palmela* pretende D. Maria Amalia Vaz de Carvalho que as expansões exageradas de amizade de Madame de Stael sejam confissões de amor, e mais, que o Oswaldo, de *Corina,* seja ou tenha sido o politico português.

Opõe-se D. Claudia de Campos, noutra formosa obra, de eloquente polemica, *A Baronesa de Stael* e o *Duque de Palmela.* Aí não somente se prova que o fraco, indeciso, misterioso e enigmatico Lord Nelvil, não podia ter sido D. Pedro de Souza e Holstein, como o modelo foi Benjamim Constant, amante sabido e confessado da Corina real (que aliás no *Adolfo* a retratou, retratando-se tambem), com este ou aquele traço que lhe aprouve acrescer a fantasia de autor; aí se põe ainda em dúvida a propria realidade dos amores da madura escriptora e do jovem diplomata.

Muito bem. O que entretanto parece discordancia é que a mesma D. Claudia de Campos se compraz em narrar todas as aventuras de Ger-

mana Necker Stael, com o Conde de Narbonne, Sismondi, Benjamim Constant, Whilelm Schlegel, Albert de Rocca, alem das tentações a Camille Jordan, a Vincenzo Monti, a D. Pedro de Souza e Holstein... O Duque de Palmela não teria sequer a vangloria das primicias.

Madame de Stael não mereceu certamente o elogio de virtuosa, nesse sentido; é ler, porém, com o significado actual e portanto com malicia injusta, todas aquellas expansões da amizade, tão exageradas na moda e no caracter do tempo... Não esquecer que o Romantismo, que deu o escandalo de todos os arroubos, é filho de Jean Jacques Rousseau e dessa Madame de Stael. Adalbert Chamisso, que conviveu na corte de Corina, parece ter visto justo, quando observou que a "amizade aí era mais ciosa, que o amor." Era, pois, amizade, apenas, a tal paixão desordenada.

Não se compreenderia outra cousa. Conta Sainte Beuve que certa fidalga italiana, de muitas graças, conseguira, no outono da vida, reunir agradavelmente em torno da sua mêsa, numerosos dos seus amigos, amigos uns dos outros. Um mais ousado que entrara por último, passando-os em

revista, olhou para ela, maliciosamente, e perguntou:

— *Tutti?*

A que respondeu, com deliciosa indecencia:

— *Tutti...*

Fazer dos amantes amigos, amigos dos rivaes, tinha sido a sua maior graça. Pode ser raro, mas se compreende; a simultaneidade de paixões que D. Claudia de Campos atribue a Madame de Stael, sobre não ser natural, seria torpe. Pelo menos custa crer que homens, e homens superiores, o tolerassem, e o tolerassem a uma mulher passada na idade, e, de sobra, bastante feia. O genio e a riqueza não lhe chegariam para tanto. A idéa de comparar a côrte da Stael a um serralho, do qual seria a sultana... é perversidade, bem de mulher. Os homens, ainda quando o façam, nunca chegam a pensar tanto.

Entretanto, se, em vez do amor, botarmos a concorrencia e as expansões da amizade, tudo se concilia. O coração, como os templos, se tem apenas um altar-mór, onde o amor oficia, tem muitos outros menores, disputado pela amizade, que não é exclusiva. Nos textos inflamados de Ma-

dame de Stael nada se opõe a esta interpretação. Aliás a malicia me obriga, para não ser credulo, a citar o velho dito dessas ocasiões, e uma anedota pessoal que tem o seu valor.

O dito é aquele da Marquesa de Lassay a seu marido, muito afirmativo da pureza de Madame de Maintenon, acusada de descaidas: — *Comment faîtes vous, mon ami, pour être si sûr, de ces choses-là?*

A anedota ocorreu-me em Vichy, certo dia em que entrava numa venda de tabaco, para comprar um jornal. Estava no seu tamborete, de caixeira, uma fresca rapariga, a quem, por falta de moeda miuda, paguei com uma grande, de prata, que se insinuara debaixo da balança. Ficamos, um instante, ela a espera dos seus soldos, e eu do meu trôco. Dei com o equivoco e mostrei-lhe o dinheiro, dizendo, meio atrapalhado:

— *Voilà, madame!... Pardon... Mademoiselle!*

Atentou a menina no começo da frase, no tardio reparo a uma qualificação, para a qual não tinha eu elementos, e aludindo a êle, não me deixou tambem sem o trôco imediato do espirito:

— *Qu'en savez-vous?*

Quem sabe, de facto, quem pode dizer certamente, dessas cousas? A malicia presume de mais, de menos a bôa fé; ninguêm justamente. Na duvida abstenhamo-nos, de ter vista curta, o que é ridiculo, ou de ser linguareiros, o que é mau, e, peior do que isso, — bem vulgar.

*

FEIAS E BONITAS

A felicidade dela dava comentarios ás outras. Contavam-se anedotas sobre os ciumes e o apêgo do marido, entretanto belo homem e frequentador da sociedade. Portanto as homenagens que assim de publico prestava á mulher seriam de conhecedor, o que lhes dobrava a valia.

Entretanto ela não era bonita, seria mesmo feia, ao que diziam, ou ao que ela propria dizia. Insinuava uma amiga maliciosamente que a outra teria mimos secretos com que agradar. De facto alguem se lembrava de ter-lhe um dia ouvido, em roda de moças, queixar-se da sorte: fei-

ções irregulares, sem simetria, má pele, mãos grandes, dedos grossos... Ao consolo comiserado das companheiras, readquirira seu orgulho e exclamara:

— Tambem só mostro o que tenho de feio...

O mais, porque o não mostrava, seria bonito. O juizo era suspeito. Entretanto, confirmava-se agora, por depoimento irrecusavel, o do marido, belo rapaz, corrido no mundo, que punha estremos na afeição e até ridiculo no zelo.

Esta ponta de maledicencia ouvi-a num'a mêsa de chá, fingindo-me desatento. E fiquei de facto, por causa dela. Apesar da experiencia da vida, a gente nada aprende. Existe acaso mulher feia? Em absoluto, em certa idade, nenhuma. Aliás o feio é relativissimo, com o aspecto que se considera. E esse relativismo não terá compensações, que reparem e sobre excedam a aparencia? Dizem que as feias, ou as que feias se supõem — devem ser poucas — mas enfim as ha — porque ha de tudo — sabem melhor amar, porque nesse empenho empregam todo o seu cuidado, o que não acontece ás bonitas, seguras de mais de um rostinho formoso e de um corpinho bem feito, e só ocupadas com eles.

Um amigo meu, que fora em seu tempo bem querido das mulheres, repassando na lembrança e na saudade as suas conquistas, deduzira esta lei: as mais bonitas atraem, as menos bonitas retêm. Reparem que não dizia feias. A mulher que nos ama nunca é feia; a que amamos é sempre bonita.

Está de acordo com o povo, que diz parecer-lhe bonito ao que o feio ama. Com a historia, que mostra não serem as mulheres mais formosas as mais amadas. E a razão será a daquela moça feliz, da malicia de minhas companheiras de chá, que só mostrava o que tinha de feio: — essas taes, feias e amadas, são as que reservam só para o seu amor o que tem de bonitas. E não deve ser pouco, quando se ama e se quer ser amada.

*

IDÉAS ENCONTRADAS

"A toda cousa deu a natureza o seu bicho & inimigo; o da molher he o homem": diz assim o nosso classico Jorge de Vasconcellos, que tanto sabia a lingua, na qual era douto, quanto das mulheres, sobre as quaes discorreu, como doutor.

Aí errou; a tentação não está fora delas, nem são os homens. Tentadores, sim; não a tentação, que, se chega, acha sempre o tentador. Nem sempre, porque ha muita mulher inocente, e outras tantas que, embora combatidas, persistem intemeratas. A *casta est, quam nemo rogavit,* de Ovidio, será malicia: é proprio das leis a contradição. Manda por isso a prudencia fugir ás ocasiões, porque as proprias praças fortes assediadas vêm a cair. As tentações se evitarão mais, que os tentadores, menos perigosos. E são tantas as tentações e tão sem suspeita, que só a graça divina pode com elas: no demonio como no mais intimo e modesto objecto de uso pode haver perigo. Refere o Padre Fernão Cardim, na sua narrativa de viagem ao Brasil, que um missionario da Companhia, para fazer cofre a umas relíquias de santo pedira e obtivera das devotas, em falta de vidraças, que lhe dessem os seus espelhos. Conclue, malicioso, o jesuita: "e o padre visitador nesta parte fez mais fruto com o seu relicario em tirar os espelhos, que os pregadores com as pregações".

Talvez. Grande falta, por certo, ha de fazer a uma mulher bonita o seu espelho, tentador que

abre a porta á tentação. Aliás, terão as mulheres, para sua gloria, melhores espelhos, que os olhos dos homens?

*

GUERRA AOS HOMENS

A' memoria de José Verissimo e de Luís de Castro, que se interessaram por estas paginas.

Personagens

D. BEATRIZ, *dona de casa, separada do marido.*

GEGÉ, *viuva, ainda com pretenções.*

SUZON, *"sportwoman", americanizada, independente.*

MILOCA, *solteirona, azedando...*

SILVIA, *brigada com o noivo.*

D. LAURA, *casada e feliz.*

DULCE, *mulher politica, tipo "suffragette".*

D. BRANCA.

D. NADIR.

ANA, *a criadinha.*

Acção no Rio, em nossos dias.
Cinco ás sete. Interior confortavel.

SCENA I

Beatriz, Gégé e Laura

LAURA, *avançando*

Aposto que falam de uma amiga...

BEATRIZ, *risonha, levantando-se*

Como você sabe?

LAURA

Duas mulheres juntas falam de uma terceira. Falam mal. As amigas são as preferidas.

GÉGÉ, *um laivo de provocação*

E mais de duas?

LAURA, *vai a ela, beija-a*

Fazem a mesma coisa, se não falam mal dos homens... Vocês vão ver daqui a pouco. *(Uma pausa)*. Mas eu não as interrompo: de quem se trata?

BEATRIZ, *informando*

Gegé trouxe novidade: o casamento de Silvia se desmanchou...

LAURA, *sceptica*

Com aquela ninguem pode dizer nada. Já reatou a esta hora...

GÉGÉ, *vivamente, com certo prazer na insistencia*

Qual nada! Desta vez é devéras... O rapaz não pôde mais. Dizem até que fugiu para São Paulo.

BEATRIZ, *indulgente, com ironia*

Coitadinho, não era preciso esconder-se...

GÉGÉ

E' que você não sabe quem é Silvia; seria capaz de vigiá-lo, ainda depois de brigados... Ciume ali é mato...

LAURA

E por que romperam?

GÉGÉ, *solícita*

Por isso mesmo... Tantas foram as scenas que o rapaz arribou. Espantou a caça antes de prêsa.

BEATRIZ, *apiedada*

Coitadinha... inocente. Mais uma. Como se eles valessem alguma coisa. Ciume é zelo. Os homens só valem desprezo...

LAURA

Exagero... exagero!... Não ha homens, ha um homem, o nosso marido, ou pretendente, pelo qual julgamos os outros...

GÉGÉ

Os homens bons são os que não se casam comnosco...

BEATRIZ

Você é feliz, Laura... tirou a sorte... quantas têm bilhetes brancos?

GÉGÉ, *maliciosa*

E ninguem sabe do bilhete sorteado... Ha os brancos e os que não se sabe que são brancos... Questão de esperar. Mais dia menos dia.

LAURA, *sentindo-se provocada*

Não é assim. O destino é diferente para todos. As mulheres têm os maridos que merecem.

Entram Silvia e Miloca.

SCENA II

As mesmas e mais Silvia e Miloca

MILOCA, *depois de beijar as outras, maternal*

Convenci esta menina (*para Silvia*) que devia frequentar mais vezes as nossas reuniões... Aqui ao menos a gente se distrai.

LAURA

E se vinga...

MILOCA, *vivamente alegre*

E você já precisa de vingar-se?

GÉGÉ, *maligna*

Ainda não: está praticando, para breve.

LAURA, *indulgente*

O que nós menos perdoamos, umas ás outras, é a felicidade...

MILOCA

E você chama a isto felicidade? Um mau humor vitalicio, um aborrecimento acompanhado... Felizmente Deus me preservou da tentação.

GÉGÉ, *com ar de inocencia*

Você foi muito tentada, Miloca?

(*Risos discretos de todas. A solteirona quase perde o aprumo*).

MILOCA, *vingativa*

Tanto como você, ainda hoje... minha bela...

GÉGÉ, *corando*

Eu pús ponto final. A felicidade não se acha duas vezes. Depois, o casamento é uma abdicação. Guardo este resto de vida para mim... Vivo á minha vontade.

LAURA

Só se vive á vontade, quando alguem faz a nossa vontade.

GÉGÉ

E quem ha de fazer a nossa vontade?...

LAURA

Naturalmente, os nossos maridos...

GÉGÉ

Ha tanta extravagancia por esse mundo, que não duvido haja alguns casaes em bôa harmonia, mas a regra é a lucta, lucta sem tréguas...

MILOCA, *para Silvia*

Eu não lhe dizia? Mire-se nesse espelho. E ainda ha tolas que queiram casar...

SILVIA, *com uma ponta de melancolia*

Eu sou muito bôa de genio... muito facil de acomodar...

GÉGÉ, *irritada*

E eu, todas nós, somos diferentes? Haveria criatura mais meiga e mais docil, quando casei? Pois bem, menos de um ano depois, meu marido definia assim a felicidade conjugal: só ha um meio de contentar uma mulher, fazer sempre o contrario...

MILOCA

Contrario, de que?

GÉGÉ, *rindo*

Aí é que está o segredo...

BEATRIZ, *sentenciosa*

Chama antes que te chamem. Tambem o meu, na primeira oposição que me fazia, chamava-me logo espirito de contradição...

MILOCA

Eu, de homens, conheci meu Pai, meus irmãos e alguns da sociedade. Todos, sem excepção, a mesma coisa. Quando fazem bem a uma, é que fizeram mal a muitas. Minha Mãi, como as outras, dizia-se feliz, mas concluia sempre, minha filha, não cases!...

LAURA

Entretanto...

MILOCA, *interrompendo vivamente*

Tomei o conselho... Pretendentes não me faltaram...

LAURA, *para acalmá-la*

E' que não chegou a sua hora. Entretanto, ia dizendo, todas casam ou querem casar... (*persuasiva*) Você ainda pode esperar, ha de se resolver...

MILOCA, *acomodada com a lisonja*

Mas não quero; tenho opinião. Sou feliz sosinha... Para que me arriscar? Quem está bem, deixa-se estar.

LAURA, *carinhosa*

E' tão bom fazer a felicidade de alguem... Olhe, Miloca, eu conheço uma pessôa, direita, bem colocada, até um senador... que é só você querer.

MILOCA, *risonha e interessada*

De-véras? Você sabe de alguma coisa? (*Aproxima-se de Laura, para um segredinho: as duas saem para o lado, a conversar*).

BEATRIZ, *maternal, a Silvia, que ficou triste e pensativa*

Não se amofine, minha filha. A deliberação que você tomou foi de juizo. Felizes os que se arrependem antes...

GÉGÉ, *maliciosa*

A arrepender-se, melhor depois.

BEATRIZ, *grave, para Gégé*

O seu morreu, é por isso que você diz assim... Está livre e senhora do seu nariz... Eu tive de romper com o meu, que anda por aí a dar com a cabeça, como sempre, emquanto aqui estou, presa, vigiada pela sociedade e ao alcance da maledicencia...

SILVIA, *admirada*

O que me inveja é como a senhora é calma... A senhora é feliz: recebe, distrai-se, sabendo que "ele" vive por aí a dar com a cabeça... eu não podia...

BEATRIZ

Que é que você queria que eu fizesse?

SILVIA

Não sei... eu não teria paz... andaria atrás dele, a vigiá-lo. Ao menos havia de saber.

BEATRIZ

Pobresinha!... isto é no começo...

GÉGÉ

Depois, cansa...

SILVIA

Creio que não me cansaria... Sabem de uma coisa? A minha maior raiva é não ser homem, porque havia de o acompanhar, saber de tudo, de tudo o que "ele" faz...

GÉGÉ, *rindo*

Agora mesmo estarias em S. Paulo...

BEATRIZ

Se você fosse homem, não se importaria com o que "ele" faz.

GÉGÉ

E que te deve importar, se rompeste com ele, se o mandaste passear?

SILVIA, *tomando a expressão a serio*

Não o mandei passear. Queria que fosse um homem digno. Uma vez que rompemos, ao menos se portasse bem, respeitasse o nosso antigo sentimento...

GÉGÉ

Mas, se assim fosse, não haveria razão para romper. Você sabe, minha cara, você ainda gosta dele, apesar de tudo... Quando a gente desparafusa assim, sem seguimento, é que está chumbada.

SILVIA, *revoltada*

Eu?... Só se não tivesse dignidade!

GÉGÉ, *persuasiva*

Agora, pense que a gente vive neste inferno antes de casar, quando eles ainda dependem de

nós, o que será depois, quando eles se tornam senhores e já não temos remedio senão aturá-los.

SILVIA

Eu não aturarei... Na primeira vez que ele me fizer tanto assim (*mostra um pedacinho de dêdo*), faço uma dos pecados. Servirá ao menos de exemplo. Ele ha de ver...

BEATRIZ, *bondosa*

"Ele" quem?

(*Todas riem-se*).

SILVIA, *ressabiada*

Ele... o meu futuro marido...

GÉGÉ, *maldosa*

E você ainda pensa em cair noutra? Coitadinha! aonde é que se foi a dignidade...

BEATRIZ

Nós todas caimos noutra... Só não são enganados os velhacos... Você mesma, com tanta experiencia e tanta sabedoria, é só aquele senador querer mudar-lhe o nome...

GÉGÉ, *desdenhosa*

Não vê! um velho "courreur"... que frequenta cinematografos...

BEATRIZ

Velho, não; no ponto. Disseram que ele anda nos cinemas, precisamente para vê-la... faz tudo para que você compreenda...

GÉGÉ

Ah! (*como admirada, compreendendo*). Pois olhe, eu não sou nenhuma tola... (*mudando de pensamento*) Mas tambem não me hei de atirar nos braços dele.

BEATRIZ, *para Gégé*

O amor é timido, no começo, (*para Silvia*) depois fica bravo. Você deve saber. (*Notando o espanto da moça á mudança da outra*). Aprenda, minha cara, não ouça teorias que a gente faz para uso das outras: cada uma de nós tem o seu caso particular que deve resolver sem se importar com a galeria. Se ha irremediaveis, como o meu, ofensas que se não perdoam, ha susceptibilidades, maus modos talvez, como o seu, que não contam. O amor é menino, e só os

meninos malcreados são interessantes. Se o seu amuou, faça-lhe uma festinha.

SILVIA, *ri-se tristemente. Neste momento a criada dirige-se para o grupo e chama com os olhos D. Beatriz, que vai ao encontro dela. Segredam: a dona da casa segue-a.*

Que ofensa haverá em amor que se não perdoe? *(Curiosa e penalizada)* Porque D. Beatriz rompeu com o marido?

GÉGÉ

Uma bagatela... "le plat du jour du mariage": incompatibilidade de genio...

SILVIA, *espantada*

Isso?!... mas é o trivial... desde antes do casamento.

GÉGÉ *ri-se da mudança de humor da outra e torna, maliciosa*

Foi o motivo para a galeria... Em amor ha muito tempo que não se inventa nada de novo: metade da humanidade está casada com os genios incompativeis; a outra metade, separada, com os genios incompativeis.

BEATRIZ, *que foi até a porta do fundo, á espera de uma visitante, levanta a voz*

Imaginem quem nos aparece! Suzon, aquela maluquinha que manda saber se aqui ha lugar para uma mulher livre...

GÉGÉ, *maligna*

"Dejà"?...

(*As outras riem-se da malicia; Silvia córa, confusa*).

MILOCA, *como a explicar*

Sim, livre dos escrupulos que todas temos, de alianças desiguaes... que seria muito capaz de casar-se com o dansarino que lhe ensina o tango...

BEATRIZ, *junto á porta, impondo silencio com o dedo na bôca*

Psiu...!

Suzon entra.

SCENA III

As mesmas e Suzon

SUZON

"Bonjour la compagnie!" Qual é o numero de hoje?

BEATRIZ, *amavel*

Faltava você para o inventar, ou para o trazer. Estas senhoras não têm imprevistos.

SUZON

Então não são mulheres... A mulher é a novidade. Felizmente. Basta que o homem seja o que todas nós sabemos.

MILOCA, *maliciosa*

Todas, não.

SUZON, *com desdém*

Quem é aqui que ainda tem dentes de leite? *(Para Miloca)* Você deve ter feito a sua primeira comunhão ha bastante tempo... Pois é dessa época que a gente começa a conhecer os homens. Primeiro, pai e irmãos dentro e fora de casa, com as outras; depois, os irmãos e até os pais das outras, comnosco. E sempre os

homens são os homens... Monotonos, na estupidez e na maldade... Moços e velhos... Eu assisti hoje a uma conferencia literaria na Bibliotheca e venho de um campo de "tennis"... a mesma cousa... "Oh comme les hommes sont bêtes!"

SILVIA, *que parece reflectir*

Você diz muito bem, eles são tolos principalmente.

GÉGÉ

Monotonos e tolos... como vocês são brandas! Brutos é que eles são.

MILOCA

Egoistas!

BEATRIZ

Hipocritas!

GÉGÉ

Cínicos!

SILVIA

Ingratos!

MILOCA

Interesseiros!

BEATRIZ

Perfidos, velhacos!

GÉGÉ

Grosseiros, violentos!

SUZON, *rematando*

Fazem-me pena... "c'est tout dire!"

LAURA, *que se conservara silenciosa*

E entretanto, apesar disso...

GÉGÉ

Só temos blandicias para eles...

MILOCA

Não eu.

GÉGÉ

Todas... tivemos... temos... ou teremos...

MILOCA, *que evita a discussão pessoal*

Que confissão triste!

GÉGÉ

Mas de quem a culpa?

BEATRIZ

Da nossa bondade...

MILOCA

Dos nossos escrupulos...

GÉGÉ

Da nossa generosidade...

SUZON

Da nossa fantasia...

SILVIA

Do nosso zelo...

BEATRIZ, *convencida*

Nós somos leaes...

GÉGÉ

Dedicadas...

MILOCA

Meigas...

SILVIA

Solícitas...

SUZON

Inteligentes... e bravas, fortes e capazes de heroismo e de carinho, de sacrificio e de amor... e entretanto...

GÉGÉ

Uns brutos, traiçoeiros, ingratos, malvados, egoistas... que não resistem a um rabo de saia... que nós podiamos ter a nossos pés, como rafeiros, e entretanto nos dominam e nos humilham...

MILOCA, *impondo silencio*

Querem que eu diga de quem é a culpa? (*As outras concordam e esperam*). A's mulheres só falta, para vencerem ao seu ruim adversario, uma qualidade — a união. E' preciso confessar, nós somos as criaturas mais desunidas que o céu cobre...

SILVIA, *convicta*

Não apoiado!

MILOCA, *sem fazer caso da interrupção*

Cada uma de nós, partidaria natural do sexo, é inimiga das outras do mesmo sexo...

GÉGÉ

Muito bem!

MILOCA, *continuando*

Nós somos as nossas maiores inimigas... O adversario sabe disso e nos ataca, para vencer uma a uma, porque todas nós o ajudamos.

LAURA

Muito bem, Miloca! Cada mulher sacrificada por um homem é por ele sacrificada a outra mulher...

MILOCA

Se as mulheres fossem melhores umas para as outras, os homens seriam menos maus para todas nós...

SUZON

Deve-se reformar o sexo!

SILVIA

Como? Para que?

MILOCA, *com convicção*

Para a guerra aos homens...

SUZON

Muito bem! Vamos á acção. Que devemos fazer? Por mim, suspendo, de hoje em diante, todos os "flirts".

MILOCA

Não basta... porque ha quem não os tenha: eu,

por exemplo, e a colaboração deve ser de todas... Precisamos primeiro, unidas, mostrar-lhes que não precisamos deles...

GÉGÉ, *espantada*

E esta?!

MILOCA, *sem atender*

...que nos bastamos... Nas festas, nas obras de beneficencia, na instrucção, nas idéas, na vida.

SUZON

Comecemos por nos divertir sosinhas...

GÉGÉ

Coisa sem graça...

MILOCA

Não... pois que temos entusiasmo, "verve", alegria...

SUZON

Precisamos de um "cercle", de um "club" o "Ladies' Club"...

Entra D. Dulce.

SCENA IV

As mesmas, D. Dulce, Branca e Nadir

DULCE, *entrando*

Um club revolucionario? uma agremiação politica?

SUZON

Não... um club para a defesa das mulheres contra os homens.

DULCE, *espantada*

Então, um club sem homens?

GÉGÉ

Naturalmente.

DULCE, *decidida*

Não posso entrar... Com quem conversarei sobre as aspirações nacionaes, sobre as reformas economicas, sobre a crise financeira, sobre...

GÉGÉ, *interrompendo*

Sobre tudo o que a senhora quiser... comnosco.

SUZON, *para Laura, à meia voz*

Será uma prova de heroismo aturá-la...

LAURA, *para Suzon, à meia voz*

Que perspectiva para vocês... Antes os homens...

DULCE, *dubitativa*

Não sei, mesmo sobre as reivindicações femininas, como conversar com mulheres... Em fim, ensaiemos. Vamos ao Club.

SUZON, *entusiasmada*

O "Ladies' Club".

SILVIA, *medrosa*

Não sei... podem julgar-nos mal...

MILOCA

Nós somos independentes...

BEATRIZ

Sejamos modestas. Vamos devagar. Ofereço este salão ao "Ladies' Club" para as suas primeiras reuniões.

MILOCA

Aceitamos. Proclamemos a nossa presidente *(para Beatriz). (Palmas geraes. Vozes: "Muito bem!")*

GÉGÉ, *para Silvia*

A nossa secretaria.

BEATRIZ, *para Miloca*

A nossa oradora...

SUZON, *para Gégé*

A nossa tesoureira...

MILOCA, *para Suzon*

A directora das nossas festas... A nossa "verve"!

SUZON, *grave, para Dulce, reservada*

A nossa parlamentar, com o inimigo, para os armisticios, os tratados...

(Risos e aplausos).

BEATRIZ

Está instalado o "Ladies' Club" e empossada a sua directoria. O fito é a guerra aos homens. Para começar devemos nos unir e atrair adesões. O melhor meio de conseguir mulheres é dar festas... Pensemos numa, desde já. Cada qual trará a sua idéa na proxima sessão.

SUZON

Porque não faremos um ensaio já? Uma canta, outra recita, todas brincam...

BEATRIZ

Quem começa? *(silencio)* Nesse caso, na minha qualidade de presidente dou a palavra... a ilustre D. Miloca.

MILOCA

Ora essa! Mas eu não a pedi. E porque hei de ser a primeira?

BEATRIZ

Pois, não foi aclamada oradora?

MILOCA

Sim... Mas é que não se trata de fazer discurso.

TODAS

Vamos, Miloca; não se faça rogada.

MILOCA, *levantando-se*

Que maçada... *(reflectindo)* Que hei de recitar?... Ah "Qu'est-ce que l'amour?"

TODAS, *batendo palmas*

Bravo! bravo!

MILOCA

Guardem as palmas para depois

(Recita. Palmas).

Entram Branca e Nadir; cumprimentos.

BRANCA

Oh! que entusiasmo!

BEATRIZ

Que milagre! a Branquinha!

SUZON

Com a incomparavel Nadir. Vão entrando e sentando-se. Estamos ensaiando a nossa primeira festa.

NADIR

Que festa?

MILOCA

A festa do "Ladies' Club".

BRANCA e NADIR, *rindo*

Que bicho é esse?

MILOCA

Um club cujo fim é guerrear os homens.

BRANCA

Pois, queridinhas, não contem comnosco. Somos muito felizes com os nossos maridos.

MILOCA, *incredula*

Pois, sim!

BEATRIZ

Agora, Silvia.

SILVIA

Não estou disposta...

TODAS, *protestando*

Oh! oh!

SUZON

"Voyons, pas de manières"...

SILVIA, *aborrecida*

Mas não estou fazendo partes... E' que realmente não estou...

TODAS

Está, está...

SUZON

Assim não ha meio de organizar festas.

DULCE

E' o que eu digo: festa sem homens...

BEATRIZ

Então, Silvia!

SILVIA

Bem, não quero ser desmancha prazeres. *(Palmas. Recita).* Agora é a sua vez, Suzon, cante-nos um fado.

SUZON

E' que...

SILVIA, *imitando-a*

"Voyons, pas de manières"...

SUZON, *levantando-se*

E' que eu preferia uma cançoneta.

TODAS

Não... não... um fado...

LAURA

Mas, se ela prefere uma cançoneta...

AS OUTRAS

Não... não... queremos um fado...

MILOCA

Assim, não ha meio de organizar festas.

BEATRIZ

E' a maioria quem resolve.

SUZON

Entretanto "une chansonnette"...

AS OUTRAS, *levantando-se, menos Laura e Dulce*

Um fado... queremos um fado...

DULCE, *calma*

E' por isso que gosto de reuniões de mulheres: degeneram sempre em barulho.

AS OUTRAS, *protestando*

Oh! oh!

SUZON

Pois, canto o fado... Mas quem me acompanha?

DULCE, *levantando-se*

Se quer... acompanho-a eu...

TODAS

Bravo! bravo!

GÉGÉ, *levantando-se depois do fado*

Eu, para evitar novas discussões, encerro a festa recitando meia duzia de versos...

AS OUTRAS, *menos Laura e Dulce*

Não... não... não...

DULCE

Lá recomeça o barulho... do mesmo modo...

AS OUTRAS

Oh! oh!

BEATRIZ, *levantando-se*

Silencio! Recite, Gégé. *(Senta-se e Gégé recita).*

SUZON, *levantando-se*

Peço a palavra...

BEATRIZ

Tem a palavra a organizadora das nossas festas.

DULCE

Que prometem...

AS OUTRAS

Psiu...!

SUZON

Nós precisamos absolutamente de um hino... de um hino feminista...

TODAS, *menos Branca e Nadir*

Apoiado... apoiado.

SUZON

Então, mãos á obra.

GÉGÉ

Mas quem faz os versos?

SUZON

Ora! improvisam-se. Só os poetas é que julgam dificil fazer versos.

BEATRIZ

E a musica?

SUZON

A musica? Está feita! *(Espanto. Ela cantarola a marcha da "Viuva Alegre").*

TODAS

Magnifico! magnifico!

SUZON

Vamos, perfilar. Beatriz ao piano. *(Vendo*

que Branca e Nadir ficam sentadas). Então Dona Branca? Então Dona Nadir?

BRANCA

Temos tambem que cantar o tal hino?

SUZON

De certo. Mas não se assustem: "cela n'engage à rien". Pronto! "En avant la musique!"

(Cantam em coro o hino feminista).

SCENA V

As mesmas e a criada

ANA, *aproximando-se de Laura*

O marido da senhora... *(ri-se).*

BEATRIZ

Porque está a rir?

ANA

Por nada não senhora... *(para Laura)* O marido da senhora manda-lhe dizer que está á sua espera *(sae). (Laura tem um movimento da alegria, e, risonha, despede-se rapidamente das amigas).*

GÉGÉ, *comentando essa alegria*

Como ela vai contente... por nos deixar.

LAURA

Podéra! Deixo a guerra... Vou para a paz... *(a todas)* "En avant". Bôa noite, e bôa presa a cada uma *(sai)*.

NADIR

Tambem nós deixamos a guerra. Temos hora marcada...

BRANCA

Vamos á conquista dos nossos maridos.

NADIR e BRANCA, *despedindo-se de todas*

"Buona fortuna"! *(Saem rindo)*.

SCENA VI

Todas, menos Laura, Nadir e Branca

(Ha um momento de silencio grave em que parece cada uma sente a melancolia de não ter uma afeição que tambem a venha buscar. Silvia para interromper a tristeza apanha do jornal que Suzon deixara, com a raqueta, no piano, e percorre as noticias).

BEATRIZ

Ficamos como se fosse o primeiro revés!

GÉGÉ

Como se fôra uma deserção... antes da lucta.

SILVIA, *interrompe a leitura e diz com melancolia*

Foi de facto uma deserção... para a felicidade. Em nossa guerra a victoria de cada uma é cair prisioneira...

(Retoma o jornal; de repente a mão lhe treme, abaixa os braços, "A Noticia" escapa-se-lhe das mãos; cae no canapé com uma vacilação de vertigem. Beatriz que vê de longe, acode e exclama:)

BEATRIZ

Acudam a Silvia... Ela vai desmaiar...

(Alvoroço. Todas cercam a moça, meigas, compassivas, indagando do que sente. Frascos de saes, copos dagua, perguntas).

SILVIA, *muito palida, sorrindo sob a emoção*

Nada... foi nada... Sou sujeita a estas vertigens. Passou... já estou bôa... Vou-me embora.

BEATRIZ, *solícita*

Não, assim você não vai... Pode ter alguma coisa no caminho.

SILVIA *dá alguns passos*

Não tenho mais nada... Passou. Vou-me embora *(sorrindo para tranquilizar as outras)*. Devo estar cansada... da guerra...

DULCE

Eu te acompanho.

SILVIA

Não... não precisa... O automovel está á porta... Muito obrigada... *(Despede-se. Recomendações. Solicitudes)*.

DULCE

Não... vou comtigo... E' melhor... Fico no Monroe: talvez ainda alcance um resto de sessão... (*Saem*).

SCENA VII

Todas, menos Dulce e Silvia

(Miloca que se apoderou do jornal caido percorre as noticias com ansiedade).

GÉGÉ

Que procura você aí?

MILOCA

A causa do chilique da Silvia.

BEATRIZ

N'*A Noticia?*

MILOCA, *sem tirar os olhos do jornal*

Ela estava lendo... quando viu alguma coisa que a desgovernou... Hei de achar (*As outras se aproximam. Uma pausa. De repente, exultante, lendo*) "Chegou de S. Paulo hoje pelo nocturno de luxo o ilustre Sr. Dr. Ulisses Mascarenhas, tão conhecido e apreciado em nossas rodas mundanas"...

GÉGÉ

Está aí... Recomeça, e talvez vá acabar o tormento de Silvia. Lembram-se do que ela disse ha pouco: "Em nossa guerra a victoria de cada uma é cair prisioneira"?...

MILOCA, *irritada*

Isto é que é deserção... Entregou-se ao inimigo! (*Numa profunda mágoa, como a suspeitar*

das outras presentes). E com essa gente é que havemos de combater!

SUZON, *indiferente*

Vocês têm a arte de prolongar os menores sucessos. Sorpresas, comentarios, desapontamentos por um chilique.. Se eu achasse um homem que désse chiliques casaria com ele... em sinal de sensibilidade... de fraqueza... Quem tem horas?

GÉGÉ, *olhando no braço a pulseira*

Cinco e quarenta e cinco...

SUZON, *inopinadamente, apodera-se da raqueta e põe-se a cumprimentar as amigas*

"Je file"... Vou a correr. Tenho ainda lição de tango, antes do jantar... Sempre me prezei de bôa aluna. *(Sae. Miloca e Gégé entreolham-se).*

SCENA VIII

Todas, menos Suzon

MILOCA

E nós que fazemos?

BEATRIZ

Ainda é tão cedo!

GÉGÉ, *como procurando uma resolução*

Não... talvez. *(Decidida)* Vou ao "Parisiense". Ainda assistirei á ultima fita.

MILOCA

Você vai a um cinematografo, a esta hora?

GÉGÉ

Não faço questão de todo o programa...

MILOCA

E porque ao "Parisiense"?

GÉGÉ

O programa hoje é novo... Nesses dias os frequentadores não faltam...

MILOCA, *compreendendo*

Oh! já sei... *(para Beatriz, à meia voz)*... O Senador... *(alto)* Pois vou com você...

(As duas despedem-se e saem).

SCENA IX

Beatriz só; depois a creada

BEATRIZ, *ao ver sair as duas ultimas, entre indignada e sorpresa*

E' assim... Nenhuma resiste... Uma, volta

para o nomorado, que se arrependeu... Outra, não se pode privar dos politicos... Aquela, atira-se ao professor de tango... Estas vão concorrer ao mesmo Senador, que procura mulheres no cinematografo. Nenhuma resiste... Por isso, eles abusam da victoria. Podendo vencer, elas entregam-se, os pulsos estendidos para os grilhões... *(Considera em si)* Não... ao menos uma será digna... (*Ouve-se o signal da campainha*)... ficará onde está, recusará firme todas as propostas de paz, e, embora na defensiva, dará exemplo á covardia de todas... de guerra sem trégoas e sem termo...

ANA, *a criada, entrando, embaraçada*

Eu disse que a senhora não recebia... Mas ele teimou... e não quer sair por nada...

BEATRIZ, *espantada*

Ele... quem?

ANA, *mais confusa ainda*

O patrão...

BEATRIZ, *depois de um momento de sorpresa*

Mas, criatura, eu não lhe disse que nesta casa não havia de entrar mais tal pessôa?

ANA, *animando-se*

Eu disse isto a ele... que a patrôa não o queria ver nem pintado... mas ele abanou a cabeça e disse que bem que a senhora o havia de receber...

BEATRIZ, *séria, dá alguns passos pela sala, reflectindo. Depois sorri levemente; á criada*

Faça-o entrar. (*Dá um olhar ao arranjo dos moveis em torno; concerta as almofadas; dirige-se a um espelho e arranja os cabelos. Vira-se para a platéa com um sorriso brejeiro*): Na guerra, como na guerra!

(*Cae o pano*)

*

DESCONCERTO

Amam os homens menos ao objecto do seu amor, que a esse mesmo amor. Disse por eles Santo Agostinho: *Amabam amare.* Ao envês, as mulheres gostam de ser amadas, ou melhor, amadas a seu geito: gostam de ser louvadas.

A uns enleva sua paixão, a outras o incenso que esta lhes offerece. Ninon de Lenclos, que

tinha experiencia como poucas, aconselhava a certo rapaz noviço na arte, que lhe fazia confidencia de amor incipiente: "Só por atenções, cuidados constantes, infinita solicitude, eternas homenagens, conseguireis participar do imenso afecto que vossa amada tem á sua beleza. Falai-lhe sempre dela e, raramente, de vós. Persuadi-vos que ela é cem vezes mais encantada de suas graças, que de toda a confissão dos vossos sentimentos..."

Isto é que é falar claro. E é por um tal desentendimento que ha tantos desencontros e desacertos de coração. Eles pensam que lhes basta confessar, publicar, e provar, o seu amor. Elas acreditam que todos os galanteios, louvores, exaltações, de outros que melhor as conhecem, são esse amor. Duplo engano: ha por isso tantas ingratas e outras tantas atraiçoadas. *Sic visum Veneri...* (1)

---

(1) *Sic visum Veneri, cui placet impares*
Formas atque animos subjuga ahenea
Soevo mittere cum joco.

HORAT., *Carm.*, l. I, XXXIII.

Assim o quís Venus, que faz o jogo cruel de reunir, sob o mesmo jugo de ferro, as almas, as naturezas mais diversas.

E' exacto que se não as houvesse, tambem não haveria a literatura, nem talvez nos ficasse interesse para viver. Bemdito desconcerto!

*

FRUTA BRAVA

A Eloy de Souza.

Havia um mês que o não via. Ter-lhe-ia sucedido alguma coisa? Vagamente soubera que um caso sentimental o ocupava, desde a chegada da provincia, mas como não me dissera nada, de nada indaguei. E' imprudente saber dos amores dos outros: causam sempre inveja, ou desdêm, e a gente se aborrece ou descontenta os amigos. Mas que se ha de fazer numa tarde desocupada?

Tomei o bonde e saltei numa pensão do Catete. Ele estava. Fui atravessando corredores e aposentos e, por fim parei diante dele, absorto, com os olhos pregados no macisso imponente do Corcovado, estampado em negro no lusco-fusco da tarde que morria. Apesar da penumbra do quarto, pareceu-me ver na sua fisionomia o vinco

profundo de um sofrimento. Alheiava-se, olhando parado e estupidamente para fora, para a vida tranquila das coisas, como a fugir.

— Em que pensa?

— A vida, meu amigo, é uma historia... inverosimil, o que é mais. Pobre imaginação que inventa casos pueris, quando eles, tragicos até o sangue, comicos até as lagrimas fervilham por aí...

Senti que uma confidencia chegava. O meu animo curioso em ouvi-lo, sensibilizava-se, porque agora, além de vivido, tinha o seu caso, o caso do meu amigo. Um dos seus, devia dizer, porque, reparo, ha pessôas predispostas a estas aventuras na vida. Eu o desejo muito, mas o meu é vulgar e indiferente, como uma folha de papel branco.

— Conte lá! Ha sempre pausa de sofrimento na confidencia. Aproveite...

Ele se dispôs a isto. Mas, bom narrador, até da propria mágua, não anunciou coisa espantosa. Ajeitou-se sobre a cadeira. Parou um instante, e começou:

— E' preciso dizer do principio. Você que é

sertanejo, exilado e nostalgico, lembra-se de uma daquelas caminhadas árduas pelos nossos carrascos ou chapadas bravias, queimadas de sol, em que as leguas se ajuntam ás leguas, no indefinido dos desertos, sem uma sombra demorada, sem uma frescura de águas? Aqui e além, ao alcance do braço, os ramos despidos expandem-se em flores tristes e frutos extravagantes. Como a bôca sêca implora uma gota de umidade, tenta-se alcança-la, levando aos dentes, mordendo e provando as frutas silvestres. A voz solicita do camarada intervem:

— Meu amo!... é perigoso provar fruta brava...

E com a segurança do seu empirismo, mais forte do que as nossas sciencias vacilantes, o conhecimento do tropeiro se resume num aforismo:

— Fruta do mato é venenosa!

E embora a bôca se torça muitas vezes no travo do tanino, se encha d'agua ao azêdo do sumo, ou dôa na ardencia das sementes... instantes depois, de nova estirada, torna a ansia desse amargor, desse azedume, dessa dor, bemditas no

meio do deserto, porque concedem a satisfação de uma curiosidade ou de uma distração, no indefinido das distancias, com a variedade dos encontros imprevistos...

São frases... Repare como as frases criam estados de alma, tão deliciosos de serem avaliados, como dolorosos de serem vividos... Assim, meu amigo, na banalidade de uma capital de provincia, ocilando entre o vazio de minhas preocupações e o tedio dos meus sentimentos, surgiu um dia, inesperadamente, uma mulher. Não sei de onde vinha. Como as flores silvestres não tinha arrebiques, de cultura, mas era fresca, engraçada, desenvolta, independente, como as flores do campo, sem jardineiros, adubos, tutores, nomes de convenção... tinha, a mais, o que é tudo, perfume, que é o sentimento. Vimo-nos, olhamo-nos, longamente, penetrantemente, durante uma festa de igreja. E passamos, e nos perdemos. Procurei-a, nos dias imediatos, com empenho, mas não logrei encontrá-la. Descoroçoado, no despeito do insucesso, entro uma noite em casa, quando o criado, o unico companheiro de meu lar provinciano, diz-me, com rosto brejeiro:

— Ha muito tempo aí está uma senhora, á espera. Disse que o senhor sabia quem era...

Tive um sobresalto. Bateu-me o coração apressado, num desejo. Seria ela?

Entrei e na meia luz discreta de minha sala, vi-a de pé, junto ao sofá, de onde se levantára quando minha mão torcera o fecho da porta de entrada. Mas, incoerente com a sua posição decidida, uma voz suave, entrecortada e por vezes velada, disse-me:

— Desculpe-me ter vindo. Não sei onde tinha a cabeça. Não pude resistir. Mas já me posso ir embora...

Não contava com esse introito. Achei-o simples e eloquente. Estupidamente, fiquei calado. Ela mais decidida então, continuou:

— Vi-o algumas vezes. Ha alguns dias, vimo-nos. Senti que havia alguma coisa nova em minha vida. Quís reagir, mas não pude. Fugi, viajei, mas aqui estou. Sou uma tonta. Vim vê-lo. Desculpe-me. Posso agora ir-me embora...

— Não. Fique um instante. Andei tambem a sua procura. Não pude esquecê-la, da vez que a vi. Este momento é de-veras agradavel para mim...

Não foi um momento que ela ficou, mas definitivamente. Não sei de uma ligação mais franca, mais pronta, mais original. O resto se afinou pelo começo. Você não imagina! Você não sabe que furia sagrada a nossa. Só o nome é comum com esta flor de estufa, que é o amor elegante, meio-"flirt", meio-decepção, ou esta flor de montureira, o amor galante, meio-espasmo, meio-nojo. Tenho vivido um pouco, e entretanto não o conhecia...

O meio provinciano, bisbilhoteiro, enredava-me. Foi preciso de apressar a vinda para o Rio: trouxe-a. A principio amedrontada, depois confiante, transplantei-a. Em poucos meses, a flor silvestre tinha-se domesticado e viçava num vaso de porcelana, feiçoada nas modas e nas maneiras, como se houvera nascido numa chacara da Tijuca ou num jardim de Botafogo. Lembrou-me a Dubarry, tambem flor do campo, que Versailles viu, sem a transição de aprendizagem entrar na corte, duqueza e cortezã.

No intimo, para a banalidade de minha vida, entre a Cámara e a esquina do Watson, das intrigas politicas aos escandalos mundanos, ela ficou a mesma flor do mato, o mesmo fruto

bravo, de gosto sem raro, sempre com ansia apetecido, como os gravatás asperos e providenciaes das estradas sertanejas.

Do seu passado quase nada soube. "Nasci, vivo, desde o dia em que te vi. Morrerei no dia em que não gostares mais de mim. O mais não me importa!"

Alfa e ômega podiam ser falsos: uma sequencia de desejos, emoções, arrebatamentos, desesperos, de beijos que vertiam sangue, espasmos que tinham a imagem da morte, diziam numa continuidade e uma ascenção que eu sofria a felicidade. As minhas ocupações, deveres, interesses eram apenas o intermedio apressado e malsofrido, como os trechos urentes do caminho sertanejo, entre as pausas de um goso violento e incansavel.

Houve pausa. Na meia sombra que já era, divisei entretanto que os olhos do meu amigo se fechavam ás ultimas palavras. Estirou os braços num gesto languido de desejo e preguiça amorosa, um instante, como evocando esse tempo. Eu tive a sensação diabolica que ele gozava ainda a lembrança do que fôra... Ia, porem, pungir-se na saudade do que passara... e não volta mais.

— Como não me era licito sair sempre com ela, principalmente de dia, enamorada do Rio e dos seus armazens de modas, saia muitas vezes só e, ao volver, me dizia:

— E' quase impossivel a uma senhora andar hoje nas ruas. Você não imagina quanta gente mal educada tem esta cidade. Uma mulher desacompanhada parece-lhes presa facil, e assim, ao longo das ruas, na porta das lojas, nos corredores das costureiras, na estação dos bondes, sentados ao nosso lado, são indiscrições admirativas, cumprimentos inesperados, propostas indecentes, que fazem irritação e vergonha. Chegam a seguir, a acompanhar, saltar no mesmo ponto, parar defronte da porta, até escrever... Não fosse medo de um escandalo já teria quebrado leque ou sombrinha num destes atrevidos...

Eu compreendia isto, perfeitamente. Ela era bonita e bem feita, vestia-se bem, tinha ar esquivo e modesto de provinciana; de outro lado os cavalheiros do Rio sofrem da falta de educação e da falta de mulheres. Comtudo, nunca me inquietei porque tinha confiança nela e conhecia que não me era possivel educar os rapazes finos da Carioca.

Um dia, á tarde, um pouco mais cedo do que de costume, fui vê-la. Ao chegar ao patamar da escada, a criada que a servia passava e, sem que eu lhe perguntasse nada, um tanto confusa, disse-me:

— A senhora... saiu... Creio que foi á costureira...

Ah! as costureiras... Parece que as criadas já conhecem a desculpa classica. Mas eu não desconfiava de nada. Tranquilamente afirmei:

— Eu espero...

E fui varando pelo corredor, abri a antecamara que faz de sala de espera de seus aposentos. A porta que dava para o quarto estava fechada. Ensaiei o fecho: estava trancada. Olhei pela fechadura: estava a chave por dentro.

Se a criada não me tivesse falado, pensaria que estava dormindo, mudando de roupa, e não me inquietaria. Ensaiei novamente o fecho, com resolução. Ouvi passos que se aproximavam. A chave deu uma volta, e a porta se abriu... Um homem, fardado, um oficial de marinha, extremamente palido, estava diante de mim.

No primeiro momento não vi mais: tive uma

sensação rápida de tudo, objectivada naquele homem de pé que me defrontava.

— Estou ás suas ordens... Chamo-me F..., primeiro tenente de marinha. Devo-lhe porem dizer mais... Não me desculpo, explico. Sou um desastrado, um louco. Vi esta senhora, ha dias na rua do Ouvidor... segui-a, acompanhei-a, falei-lhe, escrevi-lhe... todos os dias. Nunca me atendeu com um olhar, um gesto, uma palavra. A principio indiferença, depois indignação. Hoje passava diante desta casa; como tenho feito estes dias todos — tenho-o visto varias vezes... — quando a vejo só, á janela. Não reflecti, galguei as escadas, não respondi á criada que me indagava do que queria, abri a primeira porta, abri ainda esta e achei-me diante dela. Falei-lhe, repeliu-me. Ameaçou-me de gritar, de dar escandalo. Fechei a porta resolutamente, disse-lhe que não a queria pela violencia, mas apenas dizer-lhe umas palavras... ir-me-ia depois. Um escandalo deixaria na duvida sempre uma cumplicidade... um homem dentro do seu quarto... Este argumento foi decisivo... Comecei a falar, a dizer as loucuras que tenho na cabeça, ha dias. Ouvi os seus passos, o fecho

da porta agitado freneticamente... ela que se atira desesperada sobre o leito, a chorar... eu que abro a porta para lhe dizer estas palavras, que são a absoluta verdade...

Após uma pequena pausa, diante de minha ironia despeitada de descrente...

— Não tenho nenhum direito a merecer a sua confiança. O que lhe disse é, porem, a absoluta verdade. Aquela senhora está pura para mim, como minha mãe. Ha uma aparencia desgraçada produzida pela minha loucura. Sou um homem de honra e estou disposto a dar-lhe todas as satisfações.

Como eu tomasse uma atitude de desdêm brincando com a corrente do relogio entre os dedos, ele atravessou a portada, fez-me um cumprimento rispido e repetiu:

— F..., oficial de marinha, Flamengo 20, ás suas ordens.

E saiu. Não lhe dei palavra.

Dei mais um passo, notei a ordem do quarto e vi-a apenas, caida de bruços sobre o leito, chorando sem ruido, com a face sobre os braços cruzados, agitando o busto de quando em quando por um soluço mais fundo. Olhei tudo aquilo

com desdêm, ou despeito... Mais desdêm, que despeito. Acendi um cigarro com lentidão afectada, para dominar a minha indignação... e ia sair sem uma violencia... Mas não pude, ou pensei não puder: automaticamente, impulsivamente, todas as fezes de meu caracter se revolveram cá dentro e sairam numa injuria de viela, num calão de bordél. E lhe atirei, a palavra de insulto.

Saí. Mas não volvi a casa. Chamei um carro e mandei tocar para longe. A passo, para a Gavea! para Copacabana! para o inferno! Caminhe, não me pergunte nada! Errei assim toda a noite, até se cançar a parelha. Quís pôr em ordem os meus sentimentos, minhas idéas e não pude. Havia dentro de mim um demonio a espicaçar-me. Quando a inteligencia lucida ia recompondo a scena e achava coerencia nas palavras que ouvira, o maligno, no intimo, friamente, ironicamente, insinuava-me: ingenuo! E crescia e fervia dentro de mim o despeito, a indignação, o asco, a raiva, feitas de uma perversidade, de uma vilania, de que não me supunha capaz. O amor proprio ofendido, embora apenas por uma aparencia — como isto é bárbaro! —

deixa a besta deçaimada para todas as violencias, brutalidades, torpezas!

Depois andei febrilmente, andei até esgotar o meu despeito e a minha raiva no cansaço.

Dormi profundamente. Ao acordar, tarde, no outro dia, tinha o corpo moido numa fadiga extrema, a alma cansada, como se viesse de sofrer longa doença moral. Estava inerme, vencido. Já não tinha ódio: apenas desprezo. A mesma brutalidade, com outro nome, aspecto diverso. E tinha uma resolução. Ha resoluções feitas para todas as situações. A gente já não resolve por si; uma serie infinita de outros idiotas, outros brutos, já codificou uma resolução para todos os casos. E' seguí-la! Eu tinha, pois, minha resolução:

— Não admitir explicações... Eu não era um ingenuo... A mulher de Cesar é a mulher de todo o mundo — nem sequer suspeitada! Não a queria ver mais. Eu era um homem digno!

E com toda a ênfase humana pronunciei varios termos sonoros e limpos... dignidade, brio, asseio...

Como para me conformar a estas deliberações, barbeei-me, banhei-me, vesti-me, al-

mocei. Eu era um homem! Não saí, porem. A' tarde o criado trouxe-me um cartão de mulher, de nome desconhecido, sob o qual estava escripto a lapis: "Precisa absolutamente dizer-lhe uma palavra".

Haveria conexão com a minha aventura? Talvez. Devia receber? Não! Eu era um homem: não queria explicações! estava decidido, minha resolução era inabalavel!

Mandei entrar.

Era uma senhora simpatica e discreta. Cumprimentou-me com a cabeça; sentou-se na cadeira que lhe ofereci; fiz um gesto de quem estava disposto a ouvi-la.

— Venho falar-lhe de Rosa...

Era inevitavel! Era a comadre, a intermediaria, a panos-quentes...

— Ah, não!, interrompi, violentamente. — E' inutil continuar... Eu devia imaginar que haveria uma... uma onze letras... para a acomodação!

A mulherzinha levantou-se, indignada.

— Perdão... O senhor não tem o direito de insultar-me, a mim, uma mulher, que não lhe

posso responder á insolencia, e de mais em sua casa...

Gosto de mulheres fortes. Envergonhei-me da minha brutalidade; foi agua na fervura do meu arranco.

— Peço-lhe desculpas. Compreende o meu estado de espirito desde ontem. Diga o que quer, mas previno-lhe que é absolutamente inutil qualquer tentativa de conciliação.

— Não foi a que vim... Conheço de mais o bruto orgulho dos homens, que só amam através do seu amor proprio. Não é disso que me vim ocupar. Devo, porem, para que me acredite, confiar-lhe antes os meus sentimentos a respeito da sua crise. Creio que gostava muito, e ainda gosta da Rosa. Sei disto por ela mesma, nas raras confidencias que, curiosas de afecto e companheiras de casa, viemos a fazer. Ela gosta do senhor, até a morte. Estou certa pelo que sabia antes, principalmente pelo que soube depois.

Um gesto de impaciencia de minha parte, fê-la compreender que enveredava por caminho desagradavel.

— Não irei lá... Depois do que houve ontem existirá entre ambos, sempre, uma duvida aos

infernar, se se podessem unir de novo, até os separar, miseravelmente. Melhor vale agora. Deixe contar-lhe um caso pessoal.

O seu modo de falar, preciso, correcto, a sua simplicidade e elegancia de trajar, predispuzeram-me a seu favor simpaticamente, talvez superior pela condição e pelo sofrimento á primeira idéa que me ocorrera.

— Em meio de uma vida de desvario depois que abandonei meu marido, o meu primeiro engano de mulher, encontrei alguem a quem o acaso a principio, um doce habito depois, uma paixão retribuida em seguida me uniu na unica felicidade que já gozei. Era casado, com dois filhinhos, uma esposa moderada, em todo o caso tolerante. Não lhe perturbei a paz domestica. Maltratei-me, venci-me no meu feroz exclusivismo amoroso e subjuguei-me a situação de o amar só quando ele podia ser meu. Fui-lhe absolutamente fiel desde aí. Os meus conhecidos, os meus amigos de outro tempo, espantaram-se de minha virtude intractavel. Evitava-os, não lhes permitindo me frequentassem. Um dia, um deles, um delicioso rapaz que tão mal empregava sua primeira afeição e desde antes do outro

ia á minha casa, fala-me, pede-me para deixar-me ver, conservar-se-ia á distancia, seria meu amigo, não me seria nocivo nem importuno... Apenas isso, ver-me... Tudo o que, o senhor deve saber, com que se finge o amor dissimulado e vigilante. Numa noite estava só, enervada, saudosa, triste, havia tres dias que não via o meu amigo, quando me entra por casa o outro, o rapaz, com os seus pés de lã de amoroso sem pretenções, e fala-me, fala-me, lentamente, sentidamente... Por fim, convida-me para um passeio; era tarde, em Copacabana, não haveria indiscrição, uma companhia apenas afectuosa, voltariamos quando eu quizesse, viriamos inocentemente como foramos. Não sei como me deixei enganar; julguei-o, e era, incapaz de uma ousadia, como eu de uma fraqueza. Cedi, reluctante. Fomos, passeiamos simplesmente, castamente. Quase meia noite voltamos. Fazia calor na cidade e na praia de Botafogo. O meu companheiro imprudentemente fez descer a capota do carro. O nosso destino depende ás vezes de um gesto imprudente destes. Rua Marquês de Abrantes. As luzes do Largo do Machado. Vazia a praça: apenas no passeio tres pessôas...

um velho empregado dos bondes e... um homem e uma senhora... Quem havia de dizer? Sim "ele" e a mulher... Ha verdades inverosimeis. Preciso jurar que a despeito de ter entrado em casa e ter persistido como o meu amigo me deixara havia tres dias antes, a sua convicção absoluta foi que eu lhe mentia, tinha outro amante, que até me conduzia desaforadamente a passear, de carro descoberto? Não houve entre nós explicações. Evitou-me sempre, a despeito de uma encanzinada tenacidade posta ao serviço da minha defesa. Não houve meio, não me quís nunca atender. Silencio..., indiferença... responderam sempre á minha perseguição. Assim tres anos. Enviuvou, mas não mudou de proposito. Um dia, no "High-Life", sentado a uma mêsa vejo-o solitario, num canto. Aproximei-me resolutamente. Não me evitou. Disse-lhe tudo, redisse-lhe os meus tres anos de aflictiva necessidade por esse momento. Ouviu tudo, toda a verdade. Ao sair acompanhou-me, subimos para um carro, rodamos para minha casa. Na porta quís deixar-me. O cocheiro assistiu á manifestação da minha sinceridade, sem palavras. Desatei a chorar. A porta se fechou sobre nós. Imagine

depois o que foi, pensando num desejo, quase uma raiva, de tres anos seguidos. Tarde, muito tarde, cuidamos em dormir. Fechei os olhos pensando nisso, mas vi-o que se sentava na cama:

— Que tens?

— Tu me perdôas que te diga?

— Dize...

— Tu não és mais a mesma... Como me enganei!

Houve um grande silencio. Uma claridade enorme fez-se em minha consciencia. Vi-me por dentro. E o que é mais, vi-o tambem, senti-o.

— Tu me perdôas que te diga?

— Dize...

— Tu não és tambem mais o mesmo... Como nos enganamos!

De facto, não eramos mais os mesmos, haviamos de ter mudado um para o outro. Como não nos amavamos mais, e bem tristemente nos convencemos, vemo-nos ainda algumas vezes. Somos amigos, simplesmente, indiferentemente amigos...

Houve uma pausa. Senti no abafamento de sua voz ás ultimas palavras, a emoção da sua saudade. Continuou: — Se amou a Rosa, se a

ama ainda, pela raiva de sua suspeita, é ainda uma maneira de amar, não tente debalde conquistar uma felicidade que passou... Não corra atrás de uma decepção... Ao fim de muita lida e talvez muito sofrimento, o desengano lhes daria talvez malquerer. Melhor vale romper agora...

Calou-se de novo. Compreendi que a verdade falava pela sua boca. Mas a minha desconfiança pareceu-me perguntar: — Mas porque aqui estás? a que queres chegar? Ela mostrou compreender.

— Mas não vim a isto. Contando-lhe a minha historia quís justificar a sinceridade de meu pedido. Não sou a alcoviteira ou a onze letras do seu insulto: sou uma pobre mulher sensivel, que sofreu, que tem pena! Ela ficou num estado desesperador, rasgada, descabelada, numa furia de possessa, na intermitencia de um chôro que não cessa. Não ha consolo possivel para ela. Tenho medo até de um acto de desespero. Não se rïa, que é esta a minha impressão. Está guardada para não cometer um desatino. Talvez os seus nervos sejam doentes, talvez uma histerica, mas é uma criatura que sofre... A vida

é já bastante triste na sua banalidade para não lhe ajuntarmos uma crueldade inutil a exasperá-la... Venho pedir-lhe simplesmente que vá vê-la... tranquilamente, calmamente. Finja, represente. E' homem, e forte: seja caridoso. Vá dizer-lhe que não lhe quer mal, que acredita na sua afeição, que lastima uma ocurrencia desgraçada... mas essa suspeita mesma seria capaz de os fazer dagora por diante infelizes, atormentados numa duvida constante. Emfim, o senhor saberá melhor do que eu. Acalmar-se-hão. E viverão, esquecidos e indiferentes... Porque ha de um gozo de amor terminar na brutalidade de uma violencia?

Continuou assim por muito tempo, catequizando-me o animo barbaro. Por fim, partiu levando a minha promessa de atendê-la. A's nove horas lá estaria. Podia avisar a Rosa. Não queria porem encontrá-la no estado em que me descrevera. Detestava estes espectaculos. Queria conversar com ela tranquilamente, como me recomendara.

Mas não fui. Meu orgulho, meu amor proprio, minha crueldade, insurgidos logo após não

me deixaram... Ao outro dia, pela manhã recebi esta carta.

Tirou da secretaria um papel azulado, e deu-m'o a ler:

"Senhor. Não imaginei que fosse tão estupidamente cruel. Voltando da sua casa, arranjei a scena, contando á pobre Rosa a defesa que dela fizera no seu animo, deixando entrever suas disposições, consolando-a emfim sobre o inevitavel desenlace. Apesar de reluctante, acabou por aceitar tudo e disse-me: "Pois bem! Será! Viverei! E com o tempo hei de convencê-lo!" Pareceu-me conformar-se. Vestiu-se, ageitou-se. Depois, de quando em quando, perguntava inquieta: "Ele virá mesmo?" Ela previa-o. Passaram-se algumas horas. Quando toda a esperança foi perdida, trancou-se no quarto, onde debalde quís entrar. Depois de bastante tempo abriu e chamou: "Aqui tens umas lembranças minhas para você que foi bôa. Aqui uma nota de outras pequeninas lembranças, para amigas. Uma carta para a justiça: não culpo a ninguem da minha morte: digo que estou aborrecida de viver. Silencio absoluto sobre os meus pesares, está ouvindo? E' como se não existissem. Acabo

de dispor de tudo: tomei uma droga mortal. Não tente salvar-me, para quê? Recomeçaria..." E mostrou-me um copo onde havia ainda um residuo branco. Era tão lucida e tão calma, que cheguei a duvidar um momento. Depois vi-a cambalear e dizer: "sinto a cabeça tonta... começa!" Aos gritos chamei por socorro, mandei buscar medico, fizemos tudo o que foi possivel: vomitivos, injecções, tudo. Está agora inanimada, num estado de sonolencia, só interrompido por gemidos. O doutor diz que não escapará. Morrerá hoje? Deus o queira. Acabará de sofrer. Quanto a mim, acho-o, cruelmente estupido, como lh'o disse no começo desta, e repito. Não poderia, depois do que fez, vir vê-la pela ultima vez? Seria talvez uma impressão feliz que ela levaria. Posso assegurar-lhe que a sua dignidade de homem não correrá perigo: ninguem o verá. — *Luiza*".

Devolvi-lhe o papel e acrescentei:

— Que ironia neste final!

— E justa...

Continuou depois de uma pausa: — Vestime, profundamente comovido e abalei para lá. Ao entrar na ante-sala, encontrei Luiza, num de-

salinho afflicto, que saía do quarto. Olhou para mim, rancorosamente e disse-me num desdêm macabro:

— Chegou á hora... Está morta!

. . . . . .

Aí tem uma historia funebre. Tenho eu o coração num aperto indizivel. Remorso? Saudade? Não sei. A consciencia, essa, emquanto se lembrar, terá um peso em cima: um cadaver sobre ela...

Fez-se um silencio lugubre.

Depois a voz sumida do meu amigo, como vinda de longe, murmurou:

— As frutas do mato são venenosas!

Enoitecera completamente. Lá ao longe, sobre o macisso do Corcovado, uma estrelinha brilhava timidamente.

*

"NIHIL NOVUM"

Sur des pensers nouveaux faisons des vers antiques...

Foi Chenier, presumido, cuidando possivel um pensamento novo, quando a sorte dos que

pensam, dizem ou escrevem é insistir nas mesmas idéas velhas pensadas, ditas, escriptas, muitas vezes, antes de nós, quem o disse...

La Bruyère calculou em sete mil anos, pelo menos, a idade de qualquer dos nossos pensamentos. A originalidade é o nome enfatico ou disfarçado da mesmice.

E essa decepção, se é uma, nem é ao menos apenas debaixo do sol, como queria o antigo Salomão, *sub sole,* mas, até acima dele, *supra sole,* na lastima recente de Guyau: a analise espectral revela que os outros mundos não diferem do nosso, ao menos na identidade de substancia.

Esta reflexão me vem, agora, relendo Juvenal. Não ha quem não suponha o "snobismo" ou os "snobs", vicio e ridiculos contemporaneos. E não são. O exemplo citado é o mais extraordinario que se pode conceber, porque é o de "snobismo" mais intimo e secreto.

As damas romanas desdenhavam a lingua nacional e queriam parecer helenas. Falavam grego.

Hoc sermone pavent, hoc iram, gaudia, curas,
Hoc cuncta effundunt animi secreta...

Sat., VI, 189, 190.

Nessa lingua se assustam, por ela suas cóleras, alegrias, penas, por ela todos os segredos dos seus corações se revelam... E o poeta, como se ainda tivesse maior delação a fazer, pergunta

...quid ultra?
Concumbunt graece.

Id., 190, 191.

Amam em grego. O verbo latino é mais explicito que o português; entretanto Juvenal, adiante, para maior clareza, exemplifica. Conta que nos momentos de mais secreta e mais intima expansão elas se exprimem pelo dito lascivo, *"lascivum"*, "minha vida e minha alma!" mas em grego, *zoè kaí psychè*...

Não é levar o snobismo ou a afectação a um excesso em que, pela ocasião, pareceria sinceridade? Velho mundo! Mesma gente!

*

EM DEFESA DE D. FRANCISCO MANOEL

Amigo meu, de severos costumes e letras eruditas, espantava-se o outro dia, condenando D. Francisco Manoel de Mello, o grande escriptor, o nobre cavalheiro, a quem a Posteridade deve tanto, louvando-lhe o genio, para compensar os contemporaneos, que o fizeram injustamente tão infeliz.

Por isso, Camillo, outra grande victima, disse dele, para o nosso respeito e admiração, que tivera duas realezas, a do talento e a da desgraça.

Procurada a razão da injustiça, era esta: na *Carta de Guia de Casados* desculpara o autor a certos maridos o baterem ás mulheres, disciplina ás vezes proveitosa a ambos. *Felix culpa!* Por isso?! Objectei que tempos e logares eram diferentes e — a pratica justificada — excepção, talvez necessaria, naqueles costumes. Não quís atender; como todo o mundo, julga a todos por si, ou por nós.

Lembrei-lhe o caso de Henrique Heine, obrigado pela mulher, uma formosa mulher,

Mathilde Mirat, a bater-lhe, para felicidade dela, que provocava e vencia o poeta á essa violencia. — Perversão, com o vicio estudado sob o nome de "masochismo"!...

Contei-lhe então o proverbio que me referira Aluisio Azevedo, consul muitos anos em Espanha, e que consagra costumes ibericos: "se queres ter bôa amante, bate-lhe; mas não muito: não te largará nunca"...

— Isto era em Espanha, replicou o meu amigo.

— Portugal não era o mesmo, D. Francisco Manoel não vivera quando os dois eram um, e nas duas linguas não lograra a mesma fama?

Para corroborar, este pedaço de dialogo, que ouvi, na calçada, emquanto passava. Conversavam duas raparigas do povo. Seriam portuguêsas, pela graça e pelo acento da linguagem. Uma concluia, triste na sua convicção:

— Não, ele não gosta mais de mim...

— Que provas tens disso, criatura?!

Abaixou os olhos, a outra, confusa, como se fosse revelar o mais secreto do seu pudor, a intimidade de sua afeição, e balbuciou apenas:

— ... Não me bate mais...

D. Francisco Manoel conhecia melhor a sua gente, e o outro sexo, para saber-lhes os gostos, e dar-lhes justificação...

*

ELES E ELAS

Ali mesmo onde estava, ela me recebeu, num recanto do seu parque, á sombra macia de velhas árvores, á cheirosa frescura de flores novas, assistindo á passagem lenta das horas, cosendo o seu *tricot,* vendo os filhos brincarem perto, e, longe, o pensamento a divagar... Escusava o marido, ausente, esquecido do encontro marcado, andando por aí alem, distraido, gastando o tempo, á procura de outras curiosidades...

A essa colaboração de minha malicia na frase de desculpa, não pude deixar de unir uma ironia, por conclusão: entretanto, passando ao lado, fugindo á felicidade, que deixara em casa, para buscá-la por aí afóra, onde, certo, não a encontraria. Parece que os meus olhos o diziam, porque, vi nos dela passar um véu de melancolia, e as agulhas de *tricot* lhe tremerem nas mãos

bem tratadas. Esse momento de mutua e involuntaria confidencia, foi interrompido por algazarra e chôro das duas crianças, que se desavinham, em clamoroso debate.

Ralhos, apelos, indagação severa do que fôra. O pequeno, mais moço, queixava-se da irmãzinha. "Não foi não", contestava esta, "eu quero brincar com as minhas bonecas e ele só com os seus brinquedos novos. Briga e bate-me porque não lhe faço a vontade. Não brinco, que não quero!"

Conselhos, consôlos, concessões mutuas, promessas, e os dois adversarios, reconciliados, lá se foram para os seus brincos.

Volvendo ao seu logar e retomando a lã e as agulhas, ela sorriu, com uma pontinha de ironia:

— E' assim, o eterno desacordo. Ela, fiel, quer o mesmo jogo, no qual não se cansa a vida inteira, as suas bonecas, grandes ou pequenas, de mentira ou de verdade; ele, inconstante, pensa a cada momento em um outro prazer, que não o retem senão até o proximo novo prazer...

Compreendi, sorri tambem, mas quís defender o meu sexo, da feia pécha. Seria infidelidade e inconstancia? Sim, mas sem maldade

voluntaria, um capricho da natureza. Agora mesmo, com o emprego das mulheres nas industrias da guerra, modificaram-se completamente os habitos do trabalho industrial. Os homens, poucos dias depois de uma ocupação, aborreciam-se, e pediam outra, embora mais árdua, ameaçando de gréve, a não serem atendidos. Facilmente as mulheres se fixam, dando toda a paz ás industrias, na continuidade do trabalho, sempre o mesmo, só reclamando quando é preciso mandá-las a outro serviço; ainda que este seja mais leve ou mais agradavel, não mudam, e se põem a chorar, que é o modo delas fazerem gréve. E', pois, condição natural. E concluí: gostam os homens de mudar, mesmo para pior; as mulheres não, ainda para melhor.

Ela abaixou a vista, e uma emoção lhe passou na voz:

— Infelizmente, não é só nos jogos, ou no trabalho...

A MEMORIA DO CORAÇÃO

Em amor, se ha uma lei averiguada é a dos contrastes. Não dão bons pares os semelhantes. Ilustra a tése. o caso dos homens e mulheres de letras. George Sand teve genio, um ardente coração, mocidade, beleza e, alem de tudo, a experiencia do sofrimento por amor. Pois bem, Jules Sandeau, Prosper Merimée, Alfred de Musset... não tiveram dela a felicidade e lhe deram repugnancia e decepções. Eram semelhantes...

De Sandeau se conta que, uma vez, chegando improvisamente George Sand, de Nohant a Paris, para lhe fazer uma bôa sorpreza, encontrou-o muito entretido com a lavadeira. Scena, rompimento, e, magnanimidade inconcebivel!, deixa-lhe a casa, já paga por ela, e ainda lhe dá dinheiro para se ir consolar da aventura, na Italia. Muitos anos depois, nos escriptorios da "Revista dos Dois Mundos" um velho calvo se encontra com uma senhora alentada e se atropelam.

— *Pardon, Madame.*

— *Pardon, Monsieur.*

O homem depois de assentar-se pergunta a um conhecido, ao lado, quem era a dama contra quem se chocara. "— E' você, Sandeau, que me pergunta isto?... E' George Sand!" Amara-o, dera-lhe celebridade e lhe imortalizara o nome, como seu pseudonimo...

Depois, foi a vez de Merimée. Deu-se-lhe George Sand de corpo e alma, corpo novo e alma ardente. Egoista, sêco, desconfiado, não tomou Merimée ou não soube aproveitar o que lhe deram e, alguns dias depois, desavinham-se. Despachou-o, como se faz a um criado. Dizem que por vingança o amante lhe deixou sobre a chaminé uma moeda de cinco francos. Após essa ligação de oito dias, que prosaicamente ele chamou "uma asneira", George Sand chorava "de *souffrance,* de *dégoût,* de *decouragement*". Quinze anos mais tarde (1833-1848), Merimée escreve a uma das suas correspondentes, a Condessa de Montijo (a mãe da Imperatriz Eugenia), dando conta de um jantar a que assistira, entre varios politicos e tres damas. "Uma delas tinha belissimos olhos, que abaixava sobre o talher. Estava em frente de mim e seus traços

não me eram desconhecidos. Por fim, do vizinho, indaguei-lhe o nome. Era Mme. Sand. Pareceu-me infinitamente melhor que outr'ora. Não nos dissemos nada, é bem de ver, mas nos entreolhamos bastante..." Tambem o coração deste não tinha memoria, mas, tanto tempo depois, talvez o pesar de não a ter sabido lograr faz que lhe pareça infinitamente melhor. E' certo que não se dá atenção á felicidade, quando se a tem entre os braços...

De Musset, todo o mundo sabe a historia: não ha mais escandalosa historia de amor entre os grandes amores publicos, que a desses dois atribulados corações. Ao menos se tiveram todas as maguas da decepção, todos os tormentos da traição humana, conheceram tambem todas as delicias da felicidade, todos os divinos extases do amor. Quando não se podiam mais amar, já não se puderam mais desamar.

Nos amantes separados, irremissivelmente, persistia o amor. Os que se meteram de permeio sairam corridos e envergonhados, de um zêlo inutil. As ultimas palavras do coração dela passaram a ser repetidas pelo genio dele, na bôca

de uma das suas personagens: "Sofri longo tempo; enganei-me algumas vezes, mas amei. Fui eu que vivi e não um ser ficticio, criado por meu orgulho e meu tedio". Quando não se lerem mais os romances de George Sand, falar-se-á ainda do seu genio e por ele se lerá o romance de sua vida e se amará ainda o seu coração. Apesar do que sofreram, haverá quem inveje a Musset e a Chopin. Sainte Beuve os invejou, em vida...

Se o coração ás vezes esquece, outras faz desejar...

*

APRENDE A DUVIDAR

Parece que Pirro tinha razão: na duvida está a razão humana. Não ha "certeza" de sciencia e de moral cuja relatividade não nos humilhe, como tara ou enfermidade do nosso espirito imperfeito. Depois das suas fumaças de pouco conhecimento, por isso as suas presunções á infalibilidade, os meios sabios deram a palavra aos demais sabios, para a conclusão: a verdade é uma certeza provisoria, em marcha para a acquisição de outra certeza, menos provisoria.

Não possue a moral, tão pouco, uma definição da verdade. Cristo poderia tê-la dado, definitiva, se o sceptico Poncio Pilato, que por ela indagara, — *quid est veritas?* — não duvidasse do proprio Deus, levantando-se, sem esperar a resposta. Ficaram revelações e preceitos, materia de fé ou imperativos de razão, contingentes porque humanos ou naturaes.

A melhor prova dessa duvida está mesmo no menos discutido, no indiscutido mandamento cristão, lei eterna dos homens, e já aplicada á moral das nações. John Hay, o grande secretario de Estado da Norte America dizia que a doutrina de Monroe e a *golden-rule* eram a essencia da politica americana.

Ora, a doutrina de Wilson, de intervenção na Europa, arruinou irremediavelmente a outra, que impedia as intervenções européas no Novo-Mundo: lá se foi parte da essencia, e por Americanos, que corrigiram uma certeza ou verdade internacional americana.... Ficou a *golden-rule*, a "regra de oiro", isto é, o preceito evangelico: "não faças a outrem o que não queres que te façam" ou, na versão activa, "faze a outrem o que queres que te façam".

A aplicação deste daria os mais comicos resultados. Imaginem a Suissa exigindo da Inglaterra a liberdade dos mares, necessaria ao abastecimento helvetico ou a Inglaterra impondo á Suissa uma frota poderosa, necessaria aos vitaes interesses maritimos inglêses. Lembra-me um amigo que me dava a comer, em sua casa, as iguarias que o seu paladar mais apreciava — rã, miólos, rim — que eu não posso suportar. E estava perfeitamente na regra cristã, obrigando-me ao martirio do engulho ou da fome. Portanto, não faças a outrem aquilo que desejas que te façam: vocês podem não ter os mesmos gostos, diz o humorista Bernard Shaw...

Tudo é relativo, diria o sceptico, ainda a Sciencia, até a Moral...

*

LOGICOS

Como para o punir, disse Platão: "O sceptico, que destroe tudo, destroe a si mesmo..." Seria ilogico que se poupasse... absurdo, se fôra poupado...

*

EVOLUÇÃO E INVOLUÇÃO

Nas florestas de Ceilão existe o remanescente de um antigo povo indigena, projectado para o interior pelas migrações invasoras. São os Vedah. Baixos de estatura, quase anões, tem cabeça exigua, face volumosa, nariz chato, grande queixo; são veludos, musculosos, ageis e trepam com grande facilidade ás arvores, de cujos frutos vivem. Não têm casa, mas se abrigam em grotas ou sob ramagens; não usam do fogo; não se lavam, não contam, não distinguem as cores, não indicam a successão do tempo, e com quanto chorem e gritem não sabem rir. Escusado será dizer que não apresentam vestigio de organização politica e religiosa. São o mais atrazado povo da terra.

Os etnografos concordam entretanto que não são rudimentares, antes decaidos em civilização: esses pre-simios são degenerados humanos.

A sciencia não logrou apanhar os traços de passagem, do antropoide ao homem, cujo parentesco com o macaco teria uma solução de continuidade, só compreendida pela mutação. Esses

Vedah permitem entretanto outra suposição: ao envês de macacos aprefeiçoados — os homens primitivos, seriam os antropoides — homens decaidos. A religião talvez não se recuse a admitir o retrocesso, de anjo a besta. Já o admite entretanto a intuição popular, opondo-se ao transformismo evolucionista, podendo dar por prova esses Vedah.

Você diz que se admira
De macaco andar em pé:
Pois macaco já foi gente,
Pode andar como quiser.

A' doutrina da degeneração do individuo, ou da familia, e da raça, é preciso acrescentar a de regeneração, outra banda da verdade: ha evolução das especies sim, é preciso, porem, não esquecer tambem ás vezes a involução, que é o retrocesso. Assim vae e vem o mundo.

*

O HOMEM

Alarmava-se Theophile Gautier com a incapacidade do progresso humano. que, em alguns milenios, não achara sequer um novo pecado mortal. Quem quer que estude, ainda superficialmente, a vida dos animaes, terá maior sorpresa: não encontrar nada no homem, que antes não esteja na zoologia!

A gente é até tentado a formular em latim barbaro o aforismo: *nullus est in hominibus, quod prius non fuerit in animalibus...*

Mas então, nada? Nada, do crime á virtude, dos pequenos ridiculos individuaes aos grandes sistemas politicos. Não ha frivolidade humana, costume humano, instituição humana que não tenham similares, antecedentes forçados na animalidade. O namoro, a vaidade sexual, a eleição, a garridice, as negaças, o pudor, a rendição, a fidelidade, a poligamia, a poliandria, o divorcio, a facilidade, a inconstancia, a promiscuidade, as perversões sexuaes, como este diamante de melhor agua — o amor materno — com os seus

sacrificios, extases, sublimidades, tudo é comum, sem vantagem nenhuma para nós outros...

A escravidão, o militarismo, a disciplina social, a exploração do proletariado, as classes favorecidas, a monarquia, a republica, o comunismo, as classes inactivas, o sacerdocio, o furto, o assassinio, o infanticidio, as aberrações mentaes, tudo, tudo, o codigo penal, o codigo do bom tom, todos os codigos moraes, lá estão, naturalmente sem os nomes: é a nossa vantagem..., em exemplos sem conta.

Resulta apenas para os fatuos e presumidos de uma humanidade derivada de anjos decaidos, humilhação por sentirem que nenhuma originalidade nos resta, nem para o bem, nem para o mal...

Resulta para os conformados e resignados deterministas, o alivio que essa benemerencia, como aquela execração humana, não dependem de nós, e vem de longe, impostos a nós por uma infinita e complexa causalidade...

Resulta, principalmente, para aqueles que não tem nenhuma dessas ênfases, nem anjo decaido, nem simio que se torna anjo, a convicção que o homem nem é o melhor nem pior dos

animaes, nem baixo nem cimo de escala nenhuma, um bicho, um genero de bichos, como tantos, esgalho de um tronco comum, ramo que não sabemos onde vai dar, mas que certamente não leva vantagens naturaes a outros ramos, que não é dono, nem senhor da arvore, e em cuja ponta ainda pode e ha de talvez florir outro ser, não melhor nem pior do que o homem de hoje — o homem do futuro, diferente, outro, "pro-homem", "dis-homem", que nos julgará, como nós aos nossos parentes... Oxalá não seja a mesma, a medida!

*

EROS

Antes de todos os outros deuses,
Eros foi criado.

PARMENIDES DE ELÉA.

Com a irreverencia da sua impiedade refere Anatole France aquela prece de uma camponesa italiana: "Oh Virgem concebida sem pecado, concedei-me pecar sem conceber!"

Não serão só as rústicas que hão de misturar a santidade ás suas lidas de coração. George Sand, depois de encontrar Alfred de Musset,

escreve a Sainte-Beuve: "Blasfemei da natureza e talvez de Deus, em *Lelia:* Deus, que não é mau, e tem mais que fazer que se vingar de nós, tapou-me a boca, restituindo-me a mocidade de coração e forçando-me á confissão que pôs em nós alegrias sublimes". Que funcção indecorosa atribuia á divindade!

Não são porem só as mulheres, ignaras ou geniaes, que confundem o profano das suas paixões com o sagrado do nosso culto... tambem os homens, e até os mais misticos, os mais santos... Por isso, temos a mais sublime das religiões a bemdizer o fruto de um ventre, a insistir na obra e graça do Espirito Santo, a impor o dogma da imaculada Conceição, e até o milagre da virgindade antes e após o parto... que sei?! Obscenidades pias com que se entretem a castidade das almas puras...

Não tiro a conclusão que até a piedade é indecente nos homens, mas que só o amor, todos os amores, que são aparencias do mesmo e do unico, contam na vida e que por isso não ha nada, impio ou divino, sem ele! No principio, como sempre, foi o Amor...

*

RELIGIÃO

De "heliotropismo", andar em busca do sol, girar em torno dele, devoção de certas plantas, e que deu nome aos girasoes e aos heliotropos, derivou a noção de uma ordem de fenomenos, comuns e contingentes a toda a natureza, ora estudados na Biologia: são os "tropismos".

Ha-os diversos e multiplicados. Sejam quaes forem as razões, nem sempre bem explicitas, os tropismos existem. As plantas demandam a luz, pelas hastes e vergonteas: é o "fototropismo"; pelas raizes e caules subterraneos aprofundam-se no solo, é o "geotropismo".

Os animaes infimos procuram apoio de repouso e segurança na protecção de uma superficie qualquer, pedra, talude, pau ou folhagem, a que se encostam: "topotropismo"; tambem nós, animaes superiores estamos melhor andando rentes ás paredes ou dispondo a nossa cama num canto de quarto, instinctivamente tranquilizados pela defesa mais facil e segurança mais eficaz, contra as agressões possiveis da vida.

Estes tropismos (não são apenas nomes, mas

nomes que designam factos; o que pode ser duvidoso será a explicação dos factos...) reconhecidos até nos seres unicelulares, complexos, diferenciados, sob avatares irreconheciveis, são tambem apanagio dos chamados seres elevados, dos que se presumem até de ultimos na escala da animalidade.

Sem nenhuma ousadia retorica poderiamos dizer que a necessidade imperativa de educação, de cultura, de iluminação intelectual, é um "fototropismo" humano. Seria apenas metáfora representar a paz internacional, a ordem interna, a justiça e a policia sociaes, desejadas, reclamadas, indispensaveis á nossa tranquilidade e confiança de viver, como um "topotropismo" humano.

Na esfera moral, as desegualdades e injustiças do destino nos desorientam; o sofrimento, a doença, a morte, se nos apresentam absurdos inexplicaveis e revoltantes; a contingencia e a necessidade nos dissipam e aniquilam todas as fantasias. Abre-nos os olhos a Sciencia, desenganando-nos sobre uma finalidade presumida e a esse desmentido acrescenta um determinismo logico que nos humilha o orgulho da inteligen-

cia. Como essa Terra que anda por aí tonta rolando na sua orbita, outras ha no mesmo sistema e infinitos são os outros sistemas e as outras terras, mundos sem fim, porque

Par delà l'infini, l'infini recommence...

A alma atribulada não tem um ponto de apoio nesse imenso universo, e presa, e aguilhoada, dessa inexoravel necessidade, busca-o, para seu repouso, sua paz, sua segurança... A razão lh'o nega; clama por ele o sentimento: Deus aparece!... A finalidade da vida, a predestinação, a expiação necessaria, a alma imortal, as recompensas e castigos divinos, a justiça imanente, a bondade final... o Infinito limitado e cheio pela Fé e com a Esperança...

— A Religião é um tropismo humano.

*

CRER

Pedia a Sciencia um ponto de apoio, fóra do mundo, que o suspenderia; o sentimento achou um, a Fé, com que logrou mais... compreender o mundo.

*

IMORTALIDADE DA ALMA

Contou-me o Dr. Marcos Cavalcanti, e depois m'o confirmou o Dr. Lopes Trovão, como foi que ela assim ficou. Ha bom meio século eram eles estudantes de medicina e com outros reunidos em associação scientifica e literaria, discutiam esse problema transcendente. A discussão já ia delongada, sem resultado, como é regra nas reuniões academicas, quando a tenacidade dos contendores entendeu por termo á disputa. Discutir-se-ia até tarde da noite, mas uma votação poria termo ao debate.

Os dois partidos eram, porem, de forças eguaes, doze por doze, sendo inevitavel que o voto de qualidade decidisse a pendencia. Ocorreu então ao "leader" dos espiritualistas, o Lopes Trovão, um estratagema politico. Chamou o Cavalcanti e, em segredo, explicado o ardil, mandou que se retirasse, e fosse á Praia Grande buscar um camarada, que era dos seus parciaes. Até lá protelaria a discussão. Não foi dificil, porque os adversarios vendo os outros desfalcados de um voto, tendo por certa a victoria, mesmo sem des-

empate, tiveram a longanimidade de aturar a perlenga. A um signal convencionado esta cessou, a discussão foi encerrada e ia ser posta a votos. Entrou então o Marcos, com o correligionario de Niteroi, e, por um voto de maioria, foi a alma declarada imortal.

E o é, desde aí, porque não ha outra votação em contrario. Que não podem estudantes?! Marcos Cavalcanti foi depois professor de cirurgia, Lopes Trovão, senador da Republica: não sei se nas operações e na politica tiveram tanta habilidade, quanta disposeram uma noite, de ha cincoenta anos, para darem imortalidade á alma.

*

O IDEAL

Entre as tantas palavras vans que disse, Madame de Stael disse estas, que devem ser repetidas sempre: "O nosso destino não é a felicidade, é a perfeição". Resumem a moral; trocam uma ambição, individual, contingente, irrealizavel, de cada homem, por uma aspiração, collectiva,

necessaria, talvez possivel, da humanidade toda. Achamos a nossa finalidade: — o ideal!

*

DEUS

O que excede e sobra do homem na natureza é Deus. No "homem" se inclue tudo o que ele é, possue, conhece ou adivinha. Por isso, á medida que ele é maior, ou mais poderoso, ou mais inteligente, Deus discretamente se afasta e o abandona. Não desaparecerá de todo, porque alem da faculdade "divina" de duvidar que nos deu, uma enfermidade do nosso espirito nos impedirá sermos tudo, dominar, compreender e conhecer tudo. Isso que falta, a causa primeira, o incognoscivel, impenetravel, absoluto, perpetuo, divino, é o Eterno, será sempre Deus.

III

MIRAGENS

"HISTORIAS UNIVERSAES"

Procurei-me, a mim mesmo.

HERÁCLITO DE E'FESO.

FLOR, MULHER, POESIA!

Em Napoles, por Posilippo, Piedegrotta, Pozzuoli, na gente do povo, procurava sempre, com uma obcessão no olhar, as primas de Grazziela... Como são tantas! Vi-as muitas, muitas, com a sua formosa face morena, os belos cabelos negros encaracolados, o busto em botão desabrochando em mulher, pés no chão, andrajosas, ás vezes pedindo esmola.

Um dia, diante das ruinas poeticas do velho Palazzo Don'Anna, no passeio que eu seguia, uma me estendeu a mão, inocentemente, sem confusão ou sinal de humildade, rindo com os miudos dentinhos brancos que lhe aljofravam a rosa fresca da bôca:

— Um soldo, um vintem, para comer...

Nunca vira mendiga mais linda. Emquanto metia a mão no bolso do colête, mirava-a e admirava-a, reconhecendo uma vez mais, nela, a filha de pescadores que amara Lamartine, e nos en-

canta e comove ainda hoje, a todos os que leram o mais formoso romance de amor que se escreveu. Dei-lhe uma moeda de prata. Recebeu-a, de olhos arregalados, entre sopresa e feliz, e, sem mesmo me agradecer, abalou pela ladeira abaixo, na direcção de Chiaia.

Continuei o meu passeio, entre o céu, o mar, a terra em flor, num embevecimento de extase que o ditado justifica. Ver Napoles e depois morrer... ou viver em Napoles!

De volta, pela mesma altura, já me esquecera... de uma loja de casa pobre sae-me ao encontro, a correr, uma rapariga. Não a reconheci no primeiro momento. Dava-me, rindo, os seus agradecimentos. Tinha agora os cabelos lindamente penteados e neles ardia um cravo encarnado. Assim tratada, a face era uma maravilha. O mais, o busto em flor, a mulher que já se pressentia, continuavam sob os andrajos e sobre os pés sujos, descalços, que pisavam a lama da sargeta.

Fiquei embevecido e sorpreso. Compreendi e por isso perguntei-lhe se comêra. Com ingenuidade e no seu expressivo dialecto, explicou-me: como não lhe dera um soldo, mas uma

lira, mandara toucar-se por uma penteadeira e comprara aquele cravo. E ria-se, mais feliz do que se abastecida de iguarias. Dei-lhe, prosaicamente, com que comer, ou talvez, melhor, com que pagar outros cravos e penteados.

Ganhei a minha tarde. E fui por aí, descendo a estrada nova de Posilippo... Terra divina de luz, de calor, de poesia, de encantadora imprevidencia... Sexo divino, de beleza, de galanteria, de amor, de deliciosa vaidade! Bemditos sejaes, num mundo feio e azafamado, entre homens praticos e utilitarios!...

*

PENÉLOPE E NAUSICAA

A Aloysio de Castro, ateniense de hoje...

Em vez de Bœdecker, ou Joanne, numa peregrinação pelo Mediterraneo classico, levei comigo a *Odisséa*. Saberia menos hoteis confortaveis, ou as curiosidades recentes por ver, mas teria a alma encantada ou comovida, com as sereias, os ciclopes, as ilhas em flor, as cavernas dos ventos, sobretudo Circe, Helena, Calipso,

Atenê dos olhos claros, tribulações ou conselhos do sábio Ulisses. Em Corfú, a antiga Corcira, reli a VI Rapsodia...

Quando, subindo ao Achilleion, divisei de longe, á esquerda, a pequena baía em cuja barra um rochedo figura ainda hoje o navio de Odissêus, aí sossobrado, "o escólho de Ulisses", e entrevi na campina circundante o Crescida, o regato de aguas claras, onde Nausicaa e suas aias lavavam as belas tunicas e os lindos corpos, os hexametros do poeta me passaram na memoria... Vi o heroe cuspido na praia, com a salsugem amarga da onda, emquanto a teoria buliçosa das raparigas animava a paisagem elisia de um encanto divino...

Primeiro a jovem filha de Alcinoos, "semelhante ás Imortaes na graça e na beleza"; depois o sonho, influição de Atenê para ir á fonte, lavar a roupa, "pois que a bôa fama entre os homens vem dos belos vestidos"; finalmente já compostas, enxutas e dobradas as tunicas, o encontro com Ulisses, esqualido e despido, que afugenta as servas, porem não a Nausicaa, destemida porque intemerata, tanto a inocencia traz bravura, mas a quem o ardiloso grego sabe tocar, com lisonja:

"parecida a Artemis, filha do grande Zeus, pela beleza, estatura, graça..."; com a inveja: "feliz, entre todos, o que, cumulada de presentes do himenêu, te conduzir a sua casa..."; com a arte suprema do elogio ático, a cujo efeito ninguem resiste: "uma vez, em Delos, diante do altar de Apolo, vi um tronco novo de palmeira... longo tempo quedei admirado nalma, que tão bela arvore tivesse saido da terra... assim, eu te admiro, mulher, e me espanto e tremo de te enlaçar os joelhos..." Conta-lhe então as suas desgraças, pede-lhe socorro e tem ganhada sua causa, porque, dos ouvidos, portas do coração, são chaves as palavras de louvor, as mesmas que de caricia...

Subi ao Achilleion... á presumida vila onde a Imperatriz Elisabeth d'Austria escondia ás vezes o seu tedio, onde o Imperador Guilherme d'Alemanha, dono imediato, deixou os vestigios do seu mau gosto, e, nem a banal imitação de coisas passadas, na revolta, nem a paisagem ambiente, na admiração, me comoveu. Ao "Aquiles moribundo", uma truculenta e macissa escultura alemã, preferi a lembrança do sagaz e fino

Ulisses, que Homero esculpiu para a admiração das edades...

Depois de Nausicaa, princesa dos Feacianos, em Cercira, lembrou-me Penélope, rainha de Itaca, ilha desse mesmo mar, onde o esperou, ao vagabundo Odisseus, gastando a mocidade, aturando a ousadia e a intemperança dos Pretendentes, tecendo a famosa tela, — feita e desfeita, que seria imagem imortal da astucia feminina, — conservada e intacta pela maravilha dos deuses, nesses vinte anos de ausencia do esposo, "maior, mais majestosa", "mais branca que o marfim recentemente trabalhado", "mulher que nenhuma das mortaes sobre a terra imensa valeria", casta, fiel, prudente, guardada, como um simbolo eterno de perfeição conjugal.

As lembranças do passado deixam arido o coração; as paisagens da natureza, quando o enlevam, fazem-no ansioso... Tornava eu, buscando um encanto humano e presente, — Nausicaa e Penélope não teriam descendentes? — que me completasse esse estado de alma, sequioso e triste... Ali ao lado da estrada, numa casa rustica de camponeses, esperava-me, como um voto realizado, o meu desejo.

Era uma rapariga, muito jovem, que ao ruido do carro, em transito pela estrada, parara na sua faina. Os olhos maravilhados se me debruçaram muito abertos, ao extase dessa visão. Fiz suster a carreira do veículo, e parei, a admirá-la. Sobre um cúmulo de esterco, que revolvia com o garfo, no qual agora se apoiava, ela se perfilara, atenta á curiosidade. Vestia humildemente uns trapos sujos que lhe moldavam, e mal cobriam, o busto forte e em botão. O pescoço liso, torneado, perfeito, suspendia, como uma peanha de marfim, a gloria da face, alva, risonha, graciosa, cujas minucias resistiam ao exame mais exigente. Um lenço dobrado passava-lhe pelos cabelos negros como uma banda ou fita de penteado classico, o daquelas atenienses preciosas do V.º Seculo. O perfil nitido de estátua, o olhar claro de deusa, o sorriso casto de criança, a graça florida de mulher... tudo isto realçado por um contraste humilde de santa, sobre o lixo de um esterquilineo... exaltaram minha imaginação.

Vi, claramente visto, o simbolo da Grecia, divina Hélade de outr'ora, que agora afundava os pés na vulgaridade mediocre e degradada de sub-nação balcanica...

Disse algumas palavras ao cocheiro para demora, saquei da bolsa a tiracolo o meu "Kodak" e dispunha-me a trazê-la comigo em imagem, quando, a estes aprestos, sumiu-se a visão, fugindo a rapariga, logo recolhida á casa. Tentei tudo para conduzi-la de novo á "pose". Explicações, rógos, ofertas de dinheiro... nada serviu; os paes estavam ausentes; já fôra demais aventurar-se a ser olhada e falar a estrangeiros. Por isso não logrei trazer aos meus contemporaneos do Ocidente a unica figura de deusa antiga, que meus olhos fascinados pelo passado encontraram, nesse devassado Oriente de agora.

Vim, caminho da cidade, reatando a marcha, a pensar na minha visão. Ao meu despeito, pensei que era justo o que me acontecera.

A casta e doce, terna e fiel Penélope, que vinte anos soubera lastimar Ulisses, e defender-se dos Pretendentes, sempre lembrada e sempre esperançosa, depois de todas as provas que ele tornara, duvidara ainda, embora quisesse crer, mas duvidava sempre, porque temia o ardil de um engano irreparavel: nenhum sinal lhe bastou e só ao segredo mútuo do seu leito se rendeu: "Deixem-nos a sós; temos sinais que todos

ignoram e só nós conhecemos..." E só a estes, o coração e os joelhos de Penélope se vergaram tomados da certeza, a feliz certeza experimentada pela prudencia.

Tambem Nausicaa impedira que Ulisses a seguisse, para evitar o perigo da suspeição e da aleivosia... Parasse aí pelo caminho algum tempo, a dar-lhe tempo de chegar á casa. A' maledicencia se tiraria o menor pretexto, que a honra das virgens é melindrosa.

Onde são os homens ardilosos, as mulheres são prudentes... Foi esta a primeira lição da sabedoria grega, que Atenê dos olhos claros me deu, em sua terra, na esquivança de uma linda camponeza de Corfú, que não trouxe no meu "Kodak", mas conservo na minha memoria.

*

HELENA

Cheguei ao Cairo e, sem me deter, parti, nesse mesmo dia á tarde, para Heluan. Estava farto da pior das solidões, a que é acompanhada por estranhos, e ia rever o meu querido Fernando, aí em férias, fugindo do inverno europêu, numa

estação de repouso, em Al-Hayat, á vista do Nilo, á orla do deserto.

Fiz a sorpresa de minha chegada, aboletei-me confortavelmente, informei-me logo de tudo, — o campeonato internacional de "tennis", ali mesmo nos *"grounds"* do "Palace", — a semana próxima de aviação em Heliopolis, — a Bartet e o de Feraudy no Teatro Khedivial do Cairo, — principalmente, agora que tinha comigo o meu amigo, o que sobrava, a curiosidade que logo suscitam os forasteiros. Numa estação de semanas e mêses, quase sempre em casa ou nas muitas diversões em torno, o grande hotel era uma enorme familia ou uma pequena sociedade, limitada e, portanto, interessante. Fernando em poucas palavras traçou o perfil moral de cada um dos nossos convivas, dando com as apresentações a tempo a chave ou a interpretação daqueles exemplares internacionaes ali reunidos. Generaes russos, "lords" ingleses, negociantes levantinos, industriaes tedescos, americanas "globe-trotters", actrizes francesas e um ou outro raro argentino, australiano, canadense ou japonês.

A maior curiosidade, porem, do hotel, era

uma belissima grega, de Alexandria, que aí passava os invernos na companhia de um filhinho, de saude delicada, e a que o marido, retido na cidade maritima pelos negocios, vinha visitar todos os sabados. Em torno dela, e na ausencia dele, palpitava toda esta ansia, feita de admiração e de desejo, que suscita sempre uma mulher formosa e sem dono, a homens cubiçosos e desocupados. Fernando era um dos seus satelites, o que lhe gravitava mais perto e portanto mais voltas lhe dava em torno: sem explicar-me a solidão em que me deixava, deu-me a compensação de umas apresentações, prometendo-me em outros dias pagar com assiduidade a privação destes, em que lá estava percorrendo a sua orbita.

De facto: nesses dias, meio da semana, todo o tempo era pouco para estar ao lado da bela Helena, em excursões pelos arredores, descendo e subindo o Nilo, indo e vindo ao Cairo, chás á parte no terraço do Al-Hayat, passeios á fimbria do deserto proximo, carregado de suas charpas, sombrinhas e agasalhos, rindo e conversando, bebendo os ares dela, e recebendo, alem da ternura liquida de seus olhares, longos e pesados, a frescura branca e rosa de seu sorriso de deusa. O meu

amigo chegou tarde para o jantar e mal o acabou, ás pressas, lá se foi, sempre com ela, a sós, para o pequenino salão, a conversarem, no "tête-à-tête" mais delicioso. Mais tarde dei com eles ao piano, ela a desfolhar notas de Glinka e de Tchaikowsky, pensativa e enternecida, ele grave e fremente, a lhe volver as paginas da musica.

Como eu errava pelas salas sem achar paradeiro, porque atiçada a minha curiosidade na observação do amigo, uma senhora das minhas novissimas relações, russa experta em sensualidade, e cujo marido no "baccarat" lhe dava folgas á bisbilhotice, ofereceu-me logar ao seu lado e, sem demora, referindo-se ao isolamento em que me via, convidava-me a imitar o meu amigo, se não queria esperar por ele. A' minha curiosidade, provocante, foi dizendo. Era assim, pelo meio da semana; depois, esfriava numa reserva, obrigada pela vinda do marido, no sábado, á noitinha, pelo comboio das seis. Esta noite de sábado, todo o domingo, eram deste, exclusivamente, sem um olhar sequer, ou um cumprimento a ninguem. Então, o Fernando, e os outros, tornavam á sociedade. Recomeçava o jogo segunda-feira, e ia num "crescendo", até os idi-

lios, a dois, no deserto, no terraço, no salão de musica, ou no discreto salãosinho dos "tête-à-tête".

— Não sei se mais, depois; mas é de prever, concluia maliciosamente a minha informante. Felizmente, decresce, pára, na pausa dos sábados e domingos, embora para recomeçar, num ritmo constante. Já os observo ha um mês, e é isto. Não é interessante, como regime sentimental?

Ri-me, pensando na intriga, que parecia entretanto acertada, e quando, de facto, me tornou, dias depois, todo meu o meu amigo, no sábado e domingo de seu retiro, indiscretamente procurei entrar-lhe no segredo, já divulgado. Ao lhe referir a malicia que me contaram, Fernando divertiu-se, como se nada houvesse de maior na aventura, para convir, fleugmaticamente:

— E' verdade, é mesmo assim. E o mau, ou o bom, é que não ha "o mais", que seria de prever, como o supõe a suspicacia das outras ou a inveja dos outros...

Fiz, naturalmente, cara de incredulidade. Fernando continuou:

— E' o que te digo: o que vês, e o que não vês. Que queres? E' assim. Não ha mais, e não o

procuro, nem m'o oferecem, porque isto me basta. E' apenas o perfume da ternura, que só a mulher nos dá, que nos delicia quando ela é bonita e sensivel, e nós educados e voluptuosos, para nos inebriarmos, contentes com ele. Este ritmo, este crescendo que, de vivissimo se atenúa, piano, pianissimo, e cessa, para recomeçar — é, para ela, de explicação facil... Para mim, que não vim ao Egipto, ao Cairo, a Heluan, buscar aventuras ou enredos de drama, tambem não me desagrada, repõe-me no que quisera ficar, para tornar a ir ficando como quisera.

Pareceu-me a teoria paradoxal. Esta dosagem regulada, este freio posto ao sentimento, não me parecia natural; disse mesmo, que não era humano.

— Natural, como grosseiro, primitivo, talvez seja que tenhas razão; mas polido, sentimental, preferencia ou "flirt", se o quiseres, sem consequencias, tambem é humano, e disso aqui tens um exemplo.

— A tua Helena é, portanto, uma "coquette", que brinca com o fogo, mas não se queima, por não se querer queimar, mas que não sei porque

brinca com ele. Então é que falta ao fogo, torno eu, brasa ou chama, para isto. Não me parece, portanto, natural, nem a ti, nem a ela.

— Não conheces todas as mulheres, e menos certas mulheres. Esta Helena, meu amigo, é como a outra, como infinitas outras que existem, que a despeito das aparencias ou das leviandades só amam ao seu amor, que é, ás vezes, o seu marido. A de Troia, raptada por Páris, só foi dele, porque assim o quiseram os deuses: tal premio déra Afrodite ao seu juiz. Na *"Iliada"* ela chora de vergonha, saudosa do seu lar. Ao velho Priamo, que a respeita e a consola, diz: "Porque não sofri eu a negra morte, quando segui teu filho?" A Afrodite que teima em lançá-la nos braços de Páris, exora: — "Má! Porque me queres enganar ainda?... porque me armas novos embustes?" (1) E' ela quem favorece a espionagem de Ulisses, disfarçado em mendigo, ela ainda que facilita a irrupção dos guerreiros guardados no bojo do cavalo de madeira, dentro da cidadela, para incendiá-la e vencê-la, e entre eles estava Menelau, a quem se restituia, assim, por

(1) *Iliada*, III.

gosto, para lhe tornar com a felicidade, a que se descreve na *"Odisséa"*. Homero garante a constancia de Helena na mesma infidelidade. Teria sido apesar disso galante, "flirtaria", ou iria alem, com Páris, Aquiles, Heitor, Deifobio, mais tarde Telêmaco, heroes ou jovens que encontrasse, e lhe rendessem a homenagem tácita, ou declarada, da admiração e do desejo? Talvez; mas para Menelau guardaria suas intimas ternuras, fogo ateado durante tempo num incendio de brasas vivissimas e altissimas chamas, em que só ele se aqueceria. "Porque, diz ela, já eu tinha no coração o designio de volver a minha casa e chorava o destino que Afrodite me impusera, quando me conduziu, enganando-me, longe da terra querida da Patria, de minha filha, de minha camara nupcial, e de um marido, que não é privado de dom algum, nem da inteligencia, nem da beleza" (1). Não podia ser mais explicita.

De outro lado, concluia Fernando, se ha Páris e Deifobio, impostos pela força do destino, haveria os Aquiles, Heitores, ou Telêmacos, que

---

(1) *Odisséa*, IV.

a admiraram e desejaram, talvez, mas se contentaram de a ver, ouvir, sentir, o que não é pouco, e, ás vezes, é demais. A outra Helena é caluniada em poemas, telas, marmores, como um simbolo cruento da infidelidade: entretanto essa mulher infiel só amou ao seu marido; esta, merece a malicia das outras mulheres e a intriga dos outros homens, suspicazes ou cubiçosos... Que não lhe falte a carta anonima, de algum Homero contemporaneo, que é como hoje em dia se propagam, aos interessados, prosaicamente, estas historias de maridos roubados...

Acendendo negligentemente um cigarro, pedia-me o assentimento.

— Porque esta, não seria egual ás outras, á outra Helena?

Talvez. Talvez filosofia de sábado e domingo; pensaria assim tambem nos outros dias da semana?

*

HOMENS E BESTAS

Bestificar, humanizar, são dois verbos, tendenciosos: traem o preconceito, do mal que se quer ás bestas, do bem que pretende para os homens. Comtudo, essas palavras injustas prestam-se a um sentido perfeito naquela expressão árabe, que aprendi a um amigo no Egipto.

—*Auhachtuna anestuna!*

Emprega-se como uma saudação, quando duas pessôas dadas se revêm, depois de longa separação. Quer dizer, literalmente: — Você me bestificou (com a sua ausencia) e agora (pela presença) me humaniza; isto é, no isolamento em que andava de sua amizade fiquei selvagem; de novo torno a homem, graças a sua convivencia.

Tem sentido profundo. Só, consigo, no seu orgulho, no seu egoismo, na sua dor, na sua independencia, sem limitações aos instinctos, o homem, genio ou louco, é um monstro e dá numa besta; acompanhado, dependente, relativo, obrigado ás deferencias, ás maneiras da convivencia que a cidade impõe (urbanidade, de *urbs;* polidez, de *polis:* cidade) restringe-se, limita-se, contém-se e com os outros homens forma uma

humanidade, expressão conjunta de todas as pequenas perfeições humanas.

Entre a saudação cristan e a muçulmana, um voto para a eternidade, *a Deus,* ou a simples verificação de um proveito conseguido, de bondade terrena, fico nesta preferencia:

—*Auhachtuna anestuna!*

*

A BÓA ESCÒLHA

Optimam partem elegit...
LUC., X, 42.

Naquele tempo Jesus e seus discipulos vinham de Galiléa para Jerusalem, pelo caminho de Samaria.

Os tres dias de róta batida já duravam uma semana, porque, na estrada, precedidos pela fama dos milagres, acorriam cegos e estropiados, para lhes impor as mãos o Messias e os sarar com a sua benção.

Tirava o sol forte faiscas do cascalho desagregado e levantava acima da terra um vapor

trêmulo que subia incessante, quando, transposta uma curva de atalho, os olhos dos peregrinos deram com o imenso panorama da Judéa, que se descortina das alturas de Beeroth. De um lado, bem proximo, era um declive lento, formando um seio de vale, coberto de vegetação. Aguas vivas borbulhavam abundantes, de uma fenda de pedra, dando graça e viço áquele recanto. Do outro, a montanha subia ainda, com o casario branco da aldeia, que se derramava pelas encostas.

Cansados e sequiosos, os apostolos se aproximaram da fonte, beberam e banharam as mãos aridas na caricia fresca da corrente. Propondo uma pausa na jornada, um deles lembrou que estavam apenas a tres horas de Sião e podiam, á sombra, esperar que se quebrasse o sol. Jesus accedeu, e a pequena caravana procurou a protecção de um sicômoro, á beira do caminho. Uns se encostaram em torno do tronco, outros se estenderam na relva sob a cópa, e todos calados, como que recolhidos, aumentavam a grande paz que a hora encalmada espalhava em derredor. Só o ruido das aguas distraia alegremente aquela

solidão e a zoada dos moscardos impertinentes interrompia a modorra que ela ia favorecendo.

Jesus apoiara-se na arvore e olhava com descanso o panorama que se oferecia á admiração... Em frente a descida lenta e tortuosa dos barrancos, entre pedrouços e urzes dispersas, os pequenos cubos alvadios das povoações no percurso, ás vezes com um penacho azul de fumo, e, lá bem longe, sumida na caligem da distancia, Jerusalem. A' mão direita, do outro lado do caminho, Beeroth, primeiro pouso das caravanas que deixam Sião por Samaria e Galiléa; do outro lado a descida, o vale proximo, outras ribanceiras, até muito em baixo, e muito distante, um traço verde no chão, lá na planicie, seria o Jordão... Adiante, uma chapa de espelho, com o seu clarão branco, era o Mar Morto, batido pela luz, e alem ainda como suspensas no ar, leves, imateriaes, de um azul de turqueza transparente, as montanhas de Moab, que a gente não contempla sem encher os olhos de maravilha.

Essa paz de encanto e de recolhimento foi interrompida pela voz de alguns rapazes que subiam do vale, e iam feitos a Beeroth. Eram

quatro meninos, já crescidos, ainda longe de homens, mandados á procura de lenha, ramos e hervagens sêcas, combustivel tão raro naquele solo ermo da Palestina. A pequena distancia dos forasteiros que repousavam á sombra, tambem eles foram solicitados ao descanso, antes do resto do caminho. Arriaram os seus feixes de maravalhas e gravetos, mas não pararam a favela, indiferentes aos estranhos:

— Vão para Jerusalem... disse um dos moços, em voz reservada, indicando os peregrinos.

— Quem me dera a mim ser um deles... acompanhá-los por aquela estrada... Deve ser linda Jerusalem!

— A estes pobres homens não seguiria eu... replicou um outro. Desejaria chegar á cidade santa no séquito de um grande. Se passasse por aqui o Procurador, com as suas tropas... sim! Escoltado de força é que seria bonito chegar a Sião.

Como a voz se elevasse, alguns dos homens amodorrados accordaram; outros se puseram a ouvir. Dada a emulação, outro rapaz expôs tambem a sua preferencia:

— Pois eu, não... Bem me importam esses estrangeiros orgulhosos. Preferiria, para os seguir, que por aqui passasse o Sumo Sacerdote, aparamentado como num dia de festa, indo celebrar o "sabat" ou a lua nova... Assim, havia gloria de entrar na cidade santa...

O terceiro rapaz, o maior deles, sorriu dos dois, como se, mais crianças, tivessem desejos ainda inocentes:

— Nem Procurador Romano... nem Sumo Sacerdote... Mas se a filha do rei Herodes, aquela a cujas dansas ninguem resiste, se Salomé passasse na estrada, eu a acompanharia e com ela chegara em triunfo a Jerusalem, invejado de toda a gente.

Olharam-se os dois primeiros, confusos, como se confessando batidos na sua aspiração: e, para se vingarem do exito do outro, disseram para o quarto companheiro, até aí silencioso:

— E tu, Joab?

Reflectiu o menino um instante e, de um gesto energico, levantou-se.

— Se por aqui passassem o Procurador, o

Rabino, Salomé... não os seguiria. Agora, eu iria apenas a minha casa, onde minha mãe me espera.

Sopesou o seu feixe de lenha, pô-lo sobre a rodilha de pano, na cabeça, e tomou resolutamente pela encosta, subindo a Beeroth.

Riram-se os outros da escolha imprevista, levantaram-se tambem, sem palavras, seguindo ao da dianteira, dissipada a van imaginação.

Quando já andavam á distancia, entre os tres discipulos que perto de Jesus prestaram atenção á scena, levantou-se discussão:

— Eu, disse Pedro, com a singeleza habitual, fui moço e nas minhas tribulações guardei lembrança do amor... Dos tres meninos, se fosse como eles, faria como o que desejou acompanhar a enteada do Tetrarca de Galiléa. Deveras que havia de ser belo, sendo moço, entrar com Salomé em Jerusalem...

— Não me tenta a beleza, exclamou rudemente Judas, mas o poder... Este sim! Eu seguiria o Procurador Romano, a frente de suas alas e coortes para Jerusalem, ou melhor, para Cesaréa, de onde governa a todos os Judêus...

— Nem o prazer efêmero, nem o orgulho

vão... Eu, balbuciou João, gravemente, numa contrição mistica, como uma daquelas crianças, só acompanharia ao Sumo Pontifice, paramentado com as insignias do seu sacerdocio, de tiara, tunica de bisso, cinto, e no peitoral a lámina de oiro onde vem escrito o nome santo de Javeh... Este sim, eu seguiria...

Risonho, Jesus ouvira a porfia. Como os discipulos notassem a atenção que dera ao caso, pediram que lhes dissesse quem tinha razão. O rosto divino tomou então aspecto severo:

— Em verdade, em verdade vos digo, que nenhum dos tres... Quem tem razão é Joab. Salomé, o Procurador, o Sumo Pontifice que passam... imaginações! O amor, o governo, a sinagoga, são vaidades do mundo... Só Deus é real, só Ele é certo e eterno. E quem cumpre o seu dever, simplesmente, tem Deus consigo.

*

OCASIÃO

A Jackson de Figueiredo,
teologo e filosofo.

Quando peregrinei pela Terra Santa, acolhi-me, em Jerusalem, na locanda dos Padres Agostinianos que, alem de amena hospedagem, me deram tolerante e erudita companhia, ainda agora lembrada com saudade. Nas minhas excursões pias e curiosas por Sião era guia um padre, mestre e camarada, sempre admiravel. Certa manhã, porem, não apareceu ninguem para me acompanhar, e, a esmo, sem proveito, andei de déu em déu, até que tornei ao pouso, aborrecido e enervado.

Fôra o dia ingrato; soprava um vento quente, dessecante, como suspendendo uma atmosfera de poeira impalpavel, que curtia a pele, gretava os labios, fazia arder os olhos e irritava o animo até a exasperação. Tinham as oliveiras as folhas flácidas, o ar era pardacento, vermelho o sol; raros e agitados os transeuntes procuravam o descanso na sombra e na paz dos abrigos. Dia perdido.

Na manhã seguinte tudo mudara. Ao exce-

lente padre Barnabé, que me apareceu, perguntei porque me deixaram na véspera ao desamparo.

— Não reparara que havia soprado o sirôco, o camsim, o terrivel vento de sudeste, que vem do deserto?

— Que tinha eu com isso?

Explicou-me, então. Nesses dias tinham ordem de fugir a qualquer convivencia; não havia no convento oficios colectivos; ao refeitorio não compareciam, e todos se quedavam isolados e reclusos nas suas celas.

Parece que a minha fisionomia denotava muito espanto. O padre rematou:

— Quando ele sopra, nós fugimos, e todos o devem fazer, á ocasião certa de pecado... O camsim dispõe á irritação e á cólera.

Merecia meditação a confidencia. Aqueles santos homens, virtuosos por indole, disciplina, piedade, confessavam tacitamente a fraqueza humana, experimentada e vencida pelas contingencias naturaes... Onde estava o livre arbitrio do dogma? A virtude era "determinada" por um artificio ou precaução, contraria ao vicio, possivel de ser "determinado" por uma ocasião.

Aliás a Egreja sempre sabiamente mandou fugir ás ocasiões.

Lembrou-me, por oposição, o erro oposto, dos materialistas, que supõem mau ou bom o homem, irremissivelmente tarado para o bem ou para o mal, nato para o crime, pelos seus instinctos pervertidos ou degenerados. Não se faz o ladrão, assim nasce. *Fur non fit, sed nascitur*. Diz melhor o povo: é a ocasião que faz o ladrão.

A concordancia seria talvez que o ladrão nasce feito, são todos: a ocasião, diria Machado de Assis, é que faz o roubo, ocorre a alguns... A enfermidade, que nos faz trôpegos e decaídos, é natural; a moral nos disciplina numa atitude aprumada e digna, que é a virtude.

JUDITH, OU A GRATIDÃO DO POVO

A Constancio Alves.

(Como é sabido, nunca se conheceu o original do "Livro de Judith": ha traduções, e tantas, e discordes, que já se pensou não tenha existido um texto hebraico e, portanto, as chamadas versões sejam apócrifas. As numerosas

traduções (só gregas ha para mais de trinta) são todas divergentes, como anacronica e infiel é a historia contada por elas. A mesma versão latina de S. Jerônimo não será rigorosa, pois foi feita com auxilio de alguem que lhe transpôs um texto aramaico em hebrêu, emquanto o santo doutor mudava este em latim escripto, trocando antes o sentido que as palavras: "magis sensum e sensu quam ex verbo verbum transferens".

O traslado que hoje publicamos é, pois, tão autentico como os outros: a heroina biblica não perde nada da sua bôa fama e a alegoria que a creou serve a outro ensino, razão do sub-titulo de nossa historia. Isto nos conforta ainda mais na admiração a Judith, a mulher que até agora ainda nenhuma egualou no emprego da beleza e da astucia, armas onipotentes do sexo).

I

Mais uma vez, com os pretextos procurados pelos seus arrogantes embaixadores, ou sem eles, dispensados na espectativa da victoria, que tudo havia de justificar, as hordas Assirias, sempre

cheias de apetite, transpunham as fronteiras do Imperio, agora na direcção do Ocidente.

Haviam subjugado a Média e chegado ás praias do Mar Cáspio: queriam ir ao Mediterrâneo, do outro lado, através de montanhas e vales, rios e desertos, cidades por arrasar, vinganças por exercer, gente, gado e riqueza por adquirir. Passaram o Eufrates, alem da Mesopotamia e cairam sobre Sóba, sobre a Lícia, a Idumêa, a Síria, e iam direito a Israel.

Todos os dias chegavam foragidos, apavorados, correndo na frente da invasão, como folhas sêcas diante da tempestade: preparavam pelo mêdo e com a imaginação assustada a submissão facil aos invasores.

Excediam as noticias todos os horrores já sabidos desses Bárbaros. Campos talados, searas destruidas ou apoderadas, povos prisioneiros ou trucidados, cidades postas em saque, e depois no incendio, universaes desgraças que apenas avultavam mais que os horrores miudos infligidos a cada um dos miseros vencidos: velhos e invalidos acabados a ferro por incapazes, chefes esfolados vivos ou empalados nas encruzilhadas, para escarneo e terror; crianças mutiladas nas mãos ino-

centes e nos pés que ainda não sabiam andar; donzelas entregues á bruta lascivia dos batalhões; homens e mulheres marcados a fogo para uso dos conquistadores, bestas de carga e criados de servir, agressão na vanguarda aos proprios irmãos, ou anteparo inerme contra o primeiro embate das novas batalhas.

A's cidades e aldêas de Israel vinha todos os dias o éco dessa ameaça de destruição e de morte. Tomou o Sumo Sacerdote de Jerusalem, Joacim, o comando da resistencia, com as preces publicas, os jejuns, as penitencias, que deviam abrandar o Senhor: como complemento, ordenou que as gargantas dos montes fossem guardadas, dispostas trincheiras, e, nas avançadas, por declives e pincaros, dispersas sentinelas para darem o rebate contra o inimigo.

Quando o soube, acendeu-se Holofernes em cólera contra esse povo orgulhoso, que preferia a destruição após a lucta; reuniu os seus maioraes, deu-lhes ordem, e endireitou as tropas para o baluarte do inimigo, Betulia, que se julgava defendida por encostas inaccessiveis. Cento e vinte mil peões, vinte e dois mil cavaleiros, trem de

guerra para sitio e ataque, alem de inumeraveis despojos e prisioneiros das terras já conquistadas, apareceram um dia, por todos os lados, derramados entre vales e barrancas, trepando nos taludes, nas cercanias da cidade.

Antes, porem, das hostilidades, teve o Assirio alegria diabolica ao encontrar, no cerco que apertava, o aqueducto (1) que conduzia águas a Betúlia. E então, expandiu-se-lhe a face larga e barbuda, numa tremenda vingança a tirar contra o orgulho de Israel: pois que se armaram para combatê-lo, haviam de render-se, sem combate. Mandou cortar os canaes, guardar as fontes de ao pé das montanhas, e acampou as suas hordas, á espera da capitulação, pela sêde.

II

A fé em Deus, propiciado por orações e sacrificios, não abandonou Israel, sempre pugnaz e irreductivel, ainda na desgraça, quando restava uma esperança. Seria agora o milagre. Mas o céu estava sereno e sem nuvens, implacavel-

(1) JUDITH, VII, 6.

mente limpo e azul, as cisternas se esvasiavam, minguavam as rações dia a dia, até que se desvaneceu a ilusão e eles compreenderam que foram abandonados pelo Senhor á fúria dos bárbaros inimigos.

Não seria melhor se renderem logo? Ao menos, talvez abrandassem a cólera dos vencedores, que deles haveriam alguma piedade. Se não, feridos e ultrajados seus filhos e mulheres, não seria menos cruel ter, com o oprobrio, a morte, nesse momento, que esperá-la mais alguns dias inuteis, de pranto e desesperação?

Por toda a parte eram soluços e lagrimas, cabeças enlutadas de cinza, imprecações e promessas a Iaveh.

Alguns, com mêdo á morte proxima, matavam-se antes e apareciam dependurados na trave das casas. As mães rasgavam as vestes e apertavam aos peitos os filhinhos, preferindo talvez sufocá-los, aos ver espostejados para comida de cães. Homens e mulheres, corações retalhados de paes, esposos, irmãos, crentes, viam Israel destruido e, pior que a morte, a escravidão e o êxodo.

Na praça, em torno de Osias, principe de Judá, a multidão gemia e suplicava remedio imediato, fosse ele a rendição, para que ao menos se cumprisse, sem detença, a vontade de Deus, castigo ás culpas de uma geração amaldiçoada.

Quando a fadiga das lamentações inuteis apaziguou a população num entorpecimento resignado, Osias pôs termo ao comicio, declamando:

— Ainda existe agua para cinco dias. Esperemos, pois, irmãos, pelo socorro do Senhor: se até lá não vier, seja feita a sua vontade, e, sem maiores sacrificios, entreguemo-nos nas suas mãos e á mercê dos vencedores.

Recomeçaram as lamúrias: a mercê dos vencedores, eles o sabiam, antecipadamente, eram o morticinio, a escravidão, o oprobrio de Israel; a misericordia do céu, eles estavam vendo, era a cólera de Javeh, voltada contra o seu povo.

III

Judith ouvira as terriveis palavras de Osias, que repercutiam no seu coração, ainda mais que o éco das lástimas da cidade. Cinco dias! Mar-

cava-se prazo á piedade de Deus... Cinco dias! E depois...

Fechou os olhos, como que tranzida de um pensamento mau, repugnante, que afastou com os braços estendidos e as mãos espalmadas, a defender-se. Não era possivel. Porque não morrer antes?

Moça, formosa e rica, enviuvara cêdo, e o que Manassés deixara, a sua juventude, a sua beleza, a sua bondade, dera-os a Deus. Não lhe faltaram pretendentes, dos mais nobres e dos mais pios. Recusara-os todos. As riquezas que sobejavam, a caridade inesgotavel distribuia-as aos mendigos, que lhe entravam sempre ás portas, e mais agora, nesses dias de miseria, como procissão num templo. A formosura cobria-a com os olhos baixos, os véus espêssos, a roupa de dó das viuvas, subtraida aos olhares da curiosidade ou do desejo, lá na estancia apartada da sua casa, que mandara construir para si e suas aias... onde orava, jejuava, e trabalhava, para Deus e para os pobres, seus favoritos.

Este sacrificio da mocidade forte, da beleza casta, da ternura sem emprego, tantas riquezas dadas ao Senhor, seriam agora, inopinadamente,

desviadas para premio de algum soldado bruto, cúpido e lascivo, que o havia de profanar, com a mesma torpe inconsciencia com que iam ser poluidas as virgens e as esposas de Israel.

Não... não podia ser. Tomou-a estremecimento de horror, na repulsa a esse nojo e a essa miseria, de si, das outras, de toda a pureza consagrada a Deus, que os Bárbaros iam conspurcar.

Concentrou-se na sua alma. Não; não devia ser. O Senhor por certo, reservara socorro a seu povo. Qual? Em cinco dias, esgotada a agua, a cidade se renderia. Nestes cinco dias de tentação a Deus, as penitencias haviam de pedir e lograr misericordia. Iaveh inspiraria uma idéa de salvação aos homens santos, aos anciãos e sacerdotes de Israel.

Os homens... desesperavam, como as mulheres. Cinco dias contavam todos... De onde então o auxilio, a providencia?

Uma idéa lhe foi vindo á mente... E se fosse ela a predestinada a salvar o seu povo?... Como?... Outras idéas vieram chegando. Fechou os olhos de novo, os braços estendidos e as mãos abertas, como repelindo alguem que a buscasse

prender... Mas subito o corpo se lhe endireitou, inteiriçado, resoluto, e exclamou:

— Antes da profanação, que seja tentado o impossivel, pelo bem de todos. Se for inutil o sacrificio, precederá apenas alguns dias ao de minha gente, de minha terra, de meu Deus!

Estava decidida. Mandou chamar a Gotoniel e Chabre, dois velhos sacerdotes, e exortou-os á fé e á esperança, eles que tentaram Iaveh, marcando prazo á sua misericordia. Entregassem súplicas, privações, penitencias, sem condição, á sua infinita bondade. Que se cumprisse em tudo a vontade do Senhor. Ajudassem a cumprir a dela, pedissem a Deus que lhe ratificasse o intento, e concluiu:

— Não quero que se saiba o que vou fazer. Dizei a Osias e aos outros chefes que me esperem ao cair da noite, na porta da cidade. Irei ter ao campo do inimigo... e se antes de cinco dias não tornar, é que Deus não se apiedou de nós.

IV

Partiram os sacerdotes. Chamou Judith a sua aia e deu-lhe ordens. Dentro em pouco havia azáfama pela casa, idas e vindas, arcas e cofres abertos, aguas de purificação e de perfume, como se preparassem grande festim.

No recato da cámara despia as roupas de viuvez que lhe ocultavam a beleza ainda intacta e desapertava o cilicio que lhe magoava os flancos delicados. Lembrou-lhe um banho aromatico o tempo da felicidade, em que se preparava para acolher Manassés.

Servas diligentes, umas se empregavam em cuidar-lhe do corpo maravilhoso, lavado e enxuto, outras em ungí-lo com unguentos preciosos. Restituiam as arcas profundas e os cofres selados, estôfos e adornos, expostos em profusão, para a escolha.

O ambiente morno saturava-se de perfumes orientaes, capazes de perder todas as cabeças, — frascos de alabastro, ambulas de onix, ánforas de barro cozido, vidros fenicios, estojos de metal, guardavam megalio, telino, malobatro de Sidonia, nardo da Persia, opobálsamo, cinamomo,

gábano, ládano, cássia, mirra... que davam delicia e vertigem.

A Judith lembraram, na confusão do olfato, no apelo que todos eles faziam á memoria, o que lhes devêra, chamados alguma vez para aumentar-lhe a graça, no desejo do esposo. Era Manassés levantino, como os outros, e gostava de ser preso á distancia: o perfume, dissera o poeta semita, é o laço invisivel que atrae de longe o amante e o encaminha para os braços desejados...

Olhou-os todos, como indecisa, e por fim preferiu mistura sua, usada outrora, que ás mulheres de Betúlia pusera curiosas, por saber e imitar, e aos homens, indiscretos, do proprio Manassés indagar, porque o não logravam aspirar de perto.

E com esse óleo perfumado a aia paciente ungiu-lhe a pele doirada, lentamente, minuciosamente, dos cabelos longos aos pés miudos.

Ao labio lhe aflorou malicioso sorriso, emquanto o corpo era acariciado pela serva de mãos macias e untuosas: havia de ser muito exigente

Assuero, para Ester se ter de macerar um ano inteiro em taes odores e unguentos (1).

No intimo do seu pudor perguntou se não confiava demais em si, contentando-se com a unção de alguns instantes. Olhou-se então com solicitude carinhosa, tomou de um espelho de prata, mirou-se descansadamente, sorriu á pergunta que fizera, e, levemente confusa, abaixou os olhos, como se dissera, tacitamente, que não precisava de mais, que não era enganada consigo.

Depois o esmalte das unhas, dos pés e mãos, avivadas a cinabrio, como os lóbulos das orelhas, as faces, o canto de dentro dos olhos, que um traço negro de carvão e resina prolongara, como arqueara as sobrancelhas e fizera mais pesadas e compridas as pestanas. Os cabellos, negros e profusos como chuva de tinta, foram armados em penteado alto e nobre, onde as fitas que compõem a mitra se entremeiavam, semelhantes a serpentes de oiro, mergulhadas em ébano lustroso.

Reparou então nos adereços que havia de

---

(1) *Ut sex mensibus oleo ungerentur myrrino, et aliis sex quibus dam pigmentis et aromatibus uterentur.* ESTER, II. 12.

levar. Não bastava ela só? Considerou que o fausto é a moldura do amor no Oriente. O Assirio era ainda mais do levante e mais levantino. Mas custou decidir-se (1).

Eram colares e gargantilhas, de aljôfares e amoras de oiro, ponteados de prata; pulseiras e braceletes; aros para os tornozelos; cadeias para os pés; ligas para as pernas; céstos e cintos, esmaltados de gemas raras, nos quaes todo o luxo e elegancia da Oriental se requinta, porque dos ornatos femininos é o que primeiro o amor desenlaça e desusa na maternidade. Jeremias (2) dissera que Deus não abandona o seu povo, como a Judia não esquece o seu "quissur". Sem belo vestido ou enfeite precioso, haverá felicidade perfeita para uma dama? Anunciara Isaias (3), como castigo tremendo, que as filhas de Jerusalem seriam privadas de petrinas e cintos... Para uma mulher haveria maior punição?

... Eram aneis, arrecadas, pedras gravadas dos colchetes que fecham as túnicas, cheiradoresinhos que levam aromas, serpentinhas, luêtas,

---

(1) Isaias, XV, 23.
(2) Jeremias, II, 32.
(3) Isaias, III 20.

pingentes lapidados e faiscantes que caem sobre a fronte, barrieiras ou diademas que a alteiam regiamente, garavins ou tramas de fio de oiro, engastados de diamantes e pequenos discos redondos, rebrilhantes como soes, que abrigam o cabêlo no penteado...

Depois, os vestidos de reserva e de cerimonia ou de festa, túnicas, paliolos, mantos, véus, charpas, volantes, coifas de renda, lenços e listões bordados, de varios matizes, pintados com agulha em Ninive, de linho fino do Egipto, de lã macia de Mileto, tintos de purpura na Fenicia... Finalmente, as sandalias, de pele branda, entretecida de oiro e pedrarias...

Mulher nobre e de gosto podia bem privar-se de adornos somenos, se duas grandes perolas nas orelhas, um cinto de gala, alguns aneis caros e umas sandalias magnificas bastavam para realçar-lhe a beleza. E o que desdenhou para si, para captar os Bárbaros, mandou adereçar na aia que a devia acompanhar e conduziria num saco de coiro as provisões e as roupas para esses cinco dias.

V

Quando, na hora marcada, diante dos chefes e sacerdotes, á porta da cidade, ela apareceu, houve admiração geral. Nos olhos baços fuzilou relampago de pasmo e de cubiça. Diziam as bocas decerradas, mais que qualquer louvor á maravilha que contemplavam (1). Esqueceu-lhes por um momento a sorte de Betulia e o duro egoismo de velhos distraiu-os do proprio interesse.

— Como se deixaria partir assim, para o inimigo, o tesouro de mais preço que possuia Israel?

E o despeito ralou aqueles anciãos, levitas e chefes, com o resto de ciume que lhes ficara da mocidade. O menos encanecido deles, Achab, murmurou ao ouvido de Sedecias:

— Os Assirios ao vê-la chegar no acampamento, nos vão desprezar ainda mais... Hão de pensar qu não houve aqui um homem capaz de prendê-la.

---

(1) JUDITH, V, 7.

Cofiou o outro a vasta barba branca e sacudiu a cabeça, quase com raiva:

— E de facto, ela que se oferece agora aos Gentios, nos desdenhou a todos. Nestes tres anos e meio ninguem logrou dar descendencia a Manassés... (1)

Zachêu, num outro grupo, talvez porque fosse mais idoso, disse para Gotoniel:

— A fúria dos inimigos vae crescer contra nós, para nos acabar mais depressa: por ela vão julgar todas as mulheres de Israel.

Mas essas oposições debeis não tomaram corpo. Judith, depois do silencio que a admiração impusera a todos, falou comovida, dirigindo-se ao principe de Judá:

— Vou atravessar a porta com a minha aia. Nestes cinco dias rezai por que Deus se condôa de nós. Depois, num pudor secreto, a voz lhe tremeu, abafada, para acrescentar: — Não quero que se pergunte o que fui fazer. E insistiu: — Rezai por mim.

Pela porta entreaberta os dois vultos, á luz

---

(1) JUDITH, VIII, 4; XV, 11; XVI, 26.

dos archotes, transpuseram o batente e se acharam no campo.

Dentro de alguns instantes toda a cidade sabia da partida da heroina: os sacerdotes e anciãos não diziam ao que fôra, mas adivinhava-se: ora, mulher moça, formosa, sem defêsa...

Foi dado o sinal para o começo das préces publicas, que iam durar cinco dias, mas nas imprecações e nas litanias ninguem se distraiu dela, um instante.

Pensamentos sacrilegos, maldosos, ironicos, crédulos, confiantes, abnegados... todas as fézes, toda a essencia do coração, a um tempo impuro e santo dos homens, acompanhavam Judith.

VI

Noite fechada, começaram Judith e sua serva a descer as encostas que vão dar em Dotain, ao encontro das avançadas do inimigo. Ao longe, de quando em quando, perdidos no vale, como vagalumes na treva, viam os fógos do campo de Holofernes.

Pela manhã, nas primeiras claridades da ma-

drugada foram detidas por exploradores Assirios. Que faziam nesse andar?

A Judia disse quem era; vinha de Betulia e ia em busca do Conquistador; abandonava os Hebreus que não queriam capitular para merecer a graça dos vencedores, e entretanto, já sem provisões de bóca, ofendiam o Senhor, comendo coisas impuras. Ia ensinar ao general como acabar com esse povo obstinado, sem a perda de um só homem.

As sentinelas a ouviam, já sem atender ao sentido das palavras, empregados nela todos os sentidos (1). E entre si deploravam que ela viesse falar ao chefe e trouxesse propositos de tanto valor para a sorte da guerra. Conduziram-na e a serva, através de atalhos, por entre as barracas do acampamento ainda adormecido, ao pavilhão do comando.

Quando foi possivel falar ao Capitão, disposto a recebê-la, já a Hebréa estava cercada por uma multidão de oficiaes, curiosos e admirados, que procuravam achar graça nos seus

---

(1) *Et cum audissent viris illi verba ejus, considerabant faciem ejus, et erat in oculis eorum stupor, quoniam pulcritudinem ejus mirabantur nimis.* — JUDITH, X, 14.

olhos, abaixados, timidos e discretos, como convinha a uma prisioneira.

As cortinas da tenda se abriram e o Principe apresentou-se sentado á levantina, no seu leito, que um mosquiteiro de tela diafana, broslado de pedras de côr, protegia e dissimulava. O espanto e a admiração logo seguidos do gôso de presa tão rica e magnifica passaram no rosto de Holofernes (1). Logo o olhar se lhe quebrou, lascivo, nessa rendição tácita que o desejo impõe primeiro aos homens.

Examinou-a: os cabelos lustrosos e pesados que esmaltavam as fitas e gemas da mitra; o rosto sério e resplendente que a ternura e o prazer haviam de tornar, sem duvida, jocoso e meigo, num contraste delicioso; o pescoço torneado, como torre de marfim antigo, côr de mél doirado; o tumulto do cólo, entrevisto nas pregas moles da túnica, afrontado do caminho e da comoção; o cinto maravilhoso, de pedrarias e de oiro, que lhe abraçava os flancos e no qual pusera toda a sua arte de sedução. A roupa lhe escorregava

---

(1) *Cumque inirasset ante faciem ejus, statim captus est in suis oculis Holofernes.* — JUDITH, X, 17.

sem pressa dos quadris redondos e descia quase aos pés, não sem deixar espaço para que eles fossem vistos, pequenos, roliços, afogados nas sandalias bordadas de gemas preciosas e esmaltes raros: o Oriental ficou com os olhos atados (1) a esse mimo de pés, joias de um escrinio tão rico, com que ela calcava a vista deslumbrada dos homens e a poeira ingrata do chão.

Depois de exame mudo e lento, rejubilou a cara larga do Assirio, mostrando através da vasta barba trançada, pelos labios entreabertos, a dentuça branca e forte de animal carniceiro. Fez-lhe sinal que falasse.

Ia-se a Judia prostrando-se ao chão em reverencia, quando o chefe ordenou que a levantassem os guardas. Disse-lhe então quem era, porque abandonara Betulia, punida da cólera divina e ainda empenhada num sacrificio passivo e inutil, em vez de render-se para alcançar a misericordia dos conquistadores. Nabucodonosor, rei da terra e o mais poderoso dos homens, seria o castigador das impiedades de Israel, pelo

---

(1) *Sandalia ejus rapuerunt oculos ejus...*" — JUDITH, XVI, 11.

braço possante de Holofernes. Levantou os olhos e encarou-o (1):

— Os homens te servem e até os animaes te obedecem; tua prudencia é celebrada no mundo e teu reinado forte e generoso exaltado entre as provincias que conquistaste. Eu sei disso e para não ter a sorte dos maus Hebreus, e para vingar a Deus, ofendido por eles, venho a ti, para te ensinar os seus segredos, com que os dominarás em poucos dias sem a perda de uma só das preciosas vidas que te foram confiadas.

Para tanto orgulho e arrogancia, a lisonja pareceu sinceridade; o desprezo aos estrangeiros e a certeza da victoria proxima reafirmada pela prisioneira exaltaram-lhe a fé, sem vacilação. Já de antes, porem, Holofernes estava disposto a confiar nela: crer vem de querer. E o Assirio, desde o primeiro olhar (2), que precedera as palavras, já a queria. Quando ela terminou, e o rosto do chefe se rejubilou de novo, retratava-se a mesma impressão na fisionomia dos oficiaes que enchiam o pavilhão. Uns para os outros di-

---

(1) JUDITH, XI, 5, 6, 10; X, 13.
(2) JUDITH, X, 17.

ziam: — Não haverá no mundo mulher semelhante, na atitude, na graça, no juizo (1).

Procedem sempre os argumentos, quando procedem de uma bôca bonita. Teve sempre razão dos homens a beleza. Por isso, esses Bárbaros, cuja disciplina era entretanto uma segunda natureza, talvez mais forte que a outra, deixaram a tenda com uma ponta de inveja ao Principe; mas sairam confiados, risonhos, senão contentes, porque a formosura alegra e encanta, ainda extranha e inaccessivel.

E naqueles dias a imagem da Hebréa sorriu nos sonhos acordados de um exercito inteiro.

VII

Pois que a tinha ali, sua, não abusou o Capitão, do seu poder; saberia esperar que ela se désse. O amor no Oriente é violento, mas não é bruto: não desespera o desejo contra a paciencia, porque ela o cria forte e mais belo, para o premio da posse. Holofernes esperou.

---

(1) *Non est talis mulier super terram, in aspectu, in pulcritudine et in sensu verborum.* — JUDITH, XI, 19.

A' Judia foi destinado pavilhão junto ao do Principe, onde estavam os seus tesouros, e ela estaria em liberdade com a sua aia; consentiu-lhes o chefe que comessem das provisões que trouxeram; que fossem e viessem, através do acampamento, ás fontes, para as suas abluções; que rezassem a sós no campo, ao seu Deus.

Mas os dias e as noites passavam... Já não dormia Holofernes, não pensava mais em Betulia, que não se rendia e só em Judith, que se não entregava. Ao quarto dia mandou-lhe emissario e convite para ceia no seu pavilhão e noite de nupcias. Temía o Bárbaro esquivança no momento, e era do caracter dos Assirios (1) nem das mulheres sofrerem recusa. Vágaò, com bôas maneiras, ia convencê-la de uma e outra condescendencia, quando a Hebréa que esperava esse instante, exclamou:

— Quem sou eu para contrariar o meu senhor? O que lhe agradar será o meu agrado, o maior prazer da minha vida.

Levantou-se, chamou a serva e começou a

---

(1) *Foedum est enim apud Assyrios, si femina irrideat virum, agendo ut immunis ab eo transeat.* — JUDITH, XII, 11.

vestir-se e a se adornar, para aparecer ainda mais formosa.

Bateu rijo o coração de Holofernes dentro do peito (1) quando trouxe o eunuco as palavras de resposta á embaixada.

A mêsa se armou no pavilhão, como por encanto apareceram vinhos e baixelas lavradas, brandões acesos, tapetes, divans, musicos e convivas, para, num grande festim, celebrarem-se os esponsaes do Principe.

— Bebe e come alegremente, disse-lhe ele, de olhos dependurados, porque achaste graça na minha vista.

Como vencida, respondeu-lhe Judith, em palavras que a comoção entresachava de pausas (2):

— Eu o farei, senhor, porque neste dia me sinto glorificada mais do que em todo o resto de minha vida.

Contentou-se o Bárbaro ruidosamente, rindo e cantando, e mandou servir aos assistentes os

---

(1) *Cor autem Holofernes concussum est: erat enim ardens in concupiscentia ejus.* — JUDITH, XII, 16.

(2) *Et dixit Judith: Bibam, domine, quoniam magnificate est anima mea hodie proe omnibus diebus meis.* — JUDITH, XII, 18.

seus vinhos mais capitosos. As endeixas e os canticos, amorosos e heroicos, todos os poemas de amor e de sangue, do Oriente, ao som de citaras e de harpas, foram entoados por aquelas gargantas avinhadas.

Quando o silencio espaçava pausa na vozeria, esperava Holofernes ter um momento de atenção da bela Judia e lhe entornava a ternura liquida dos olhos negros, ou se aproximava mais do seu divan... pedia Judith ainda uma canção, outra, mais outra. E o vinho corria, como a melopéa das cantigas do amor e da morte.

Foram os escravos conduzindo os embriagados. Vágaò, o eunuco que vigiava sobre os prazeres do principe, transportado o ultimo, despediu os serviçaes e, discreto, foi-se tambem, cerrando a porta. Holofernes cantava e bebia sempre.

Ordenou Judith que estivesse a aia alerta, do lado de fora, e ficou a sós com o monstro. Ia cumprir-se o sacrificio: a mão trêmula apalpou na cinta o cabo de um punhal.

Tonto de desejo e de vinho, com esforço, levantou-se o Assirio do leito, para prendê-la nos braços... Mas a embriaguez, mais forte que a

luxuria, atou-lhe os movimentos incertos e dubios, fê-lo tropeçar e cair de novo, pesadamente, sobre o divan. E aí, numa posição contrafeita, congesto, roncou forte, porem vencido, á discrição de uma fragil mulher.

Judith, que encomendara a alma a Deus, na lucta que ia travar para se defender, para salvar Israel, esperou repor-se na calma, e acertar uma decisão perfeita.

Puxou da cinta o punhal, debaixo do manto, inclinou-se para agarrar os cabelos do Bárbaro e, com dois golpes firmes no pescoço, nos quaes pusera toda a sua terrivel audacia, tirou-lhe a vida, e depois a cabeça do tronco. A um movimento de repulsa, o corpo decepado rolou sobre o tapête da cámara.

Olhou em torno, despregou o cortinado do leito para levá-lo por testemunho, chamou a aia, e na sacola de coiro deu-lhe a cabeça a guardar. Compuseram-se, apagaram as tochas fuliginosas e sairam ao campo, como para rezar e fazer as suas abluções costumadas. As sentinelas deixaram-nas passar, como nos outros dias. E' proprio de homens não se lembrarem de desconfiar.

VIII

Feita a volta do vale, subida a encosta da montanha, pela madrugada, bateram á porta de Betúlia.

— Deus não nos abandonou! Chamai o povo, pequenos e grandes, para verem o milagre!

E, diante da cidade expectante, Judith tirou do saco de coiro o troféu sanguinolento.

— Aqui está a cabeça de Holofernes, principe das milicias assirias, destruidor de cidades e de imperios... Aqui está o seu cortinado, dentro do qual jazia ébrio e onde, por mandado de Deus, a minha fraca mão o puniu com a morte (1).

Antes que, voltados do espanto, algum pensamento mau a ultrajasse, numa suspeita, acrescentou:

— Juro, pelo Senhor, que a sua guarda não me abandonou no partir, ao permanecer entre os inimigos, ao volver ao meu povo. Juro que Ele não permitiu fosse a sua serva deshonrada... e, sem mácula de pecado, me restitue a vós, para

---

(1) JUDITH, XIII, 18, 19, 20.

a celebração da nossa victoria. Louvai a Deus; rendei-lhe graças pela sua misericordia!

Aos chefes ordenou então que suspendessem do lado de fóra, bem á vista, a cabeça do monstro. Preparassem as tropas para uma sortida, antes que os Assirios dessem fé da perda que sofreram. Quando, agredidos, viessem a conhecê-la, tomá-los-ia o horror dos inimigos e o desbarato seria completo.

IX

Assim foi. A investida inopinada dos Judeus tomou os sitiantes de sorpresa, no acampamento adormecido. Dado o rebate, faltava o chefe. Vágaò temeu-se de o despertar, numa manhã de nupcias.

Por fim, urgido pela necessidade, ousou. O corpo de Holofernes lhe embargou os passos, antes de se aproximar do leito, de bôrco sobre o tapête.

Correu ao pavilhão de Judith, e achou-o vazio. Clamou então a traição, o Principe morto, e as hostes dos Assirios sem comando.

Uma voz só, rapida, propagou-se ás tropas:

o inimigo conseguira matar o chefe, e agora, animado, caía sobre os seus soldados para os exterminar. Faltou-lhes a confiança. Vacilaram.

Veiu o medo, um medo panico, de tanta força misteriosa e tão maravilhosa ousadia, e o Grande Exercito recuou, disperso, em debandada, numa fuga espavorida.

Ficaram no campo refens, gados, tesouros, das provincias e reinos conquistados: trinta dias levaria Israel só para recolher esses imensos despojos (1).

A alegria da salvação, e da posse de riquezas sem conta encheram naqueles dias as ruas de Betulia de uma franca e festiva alegria. Hosana! Hosana!

Foram mandados avisos ás outras cidades de Israel e Joacim, o Sumo Sacerdote de Jerusalem, veiu, com todos os anciãos, ver a heroina da sua raça, mimo do povo eleito do Senhor, cujo coração forte, cuja mão delicada, salvara a terra, a gente, a fé, contra inumeravel e invencivel exercito de gentios...

---

(1) JUDITH, XV, 13.

Nenhuma gloria humana, naqueles dias, em Israel, foi mais alta e maior do que a de Judith.

X

A vida quotidiana readquiria, porem, a sua mesquinha placidez, apenas interrompida pelo ruido das festas e consagrações aos triunfadores.

A victoria foi atribuida aos sacerdotes e aos chefes, aos anciãos e aos jovens, aos homens de lei e aos cabos de guerra, e todos, alternativamente, successivamente, tiveram o seu quinhão de gloria. Com a ousadia ou audacia de uma voz forte, na inconstancia da multidão se impunham e se revesavam as famas efêmeras e injustas.

Anotaram os escribas o traslado dessas historias, que testemunhavam falso, como todas as outras; gravavam os artistas, na pedra, baixos relevos de congratulações, interesseiras, como são os louvores dos dependentes. Aqueles que o saque e o negocio dos despojos enriqueceram foram havidos por mais benemeritos.

A Iaveh rendiam graças, por certo, talvez na intenção de o não indispor no futuro, mas a gloria dos grandes homens, na voz do povo,

que á propria chama voz de Deus, era muito maior.

Judith despira os vestidos de gala e as joias de custo, que foram para as arcas profundas e os cofres selados; retomara o dó de viuva, o cilicio, os jejuns, a modestia e o retraimento de sua cámara, agora que só lhe restava o cuidado de Deus, pois não havia mais pobres em Betulia.

Mas havia murmuradores. Queriam saber como fôra. Indagaram das criadas, tentaram corromper a aia com dádivas e agrados, para a indiscrição e a calunia. Os olhos maliciosos riam, quando a boca não comentava, numa injuria. Já não lhe chamavam mais a viuva de Manassés...

Um dia, reunia-se na praça o povo para atribuir aos chefes, aos sacerdotes, aos anciãos o melhor das presas, o tesouro dos Bárbaros, achado entre os despojos que a soldadesca saqueara. Dons magnificos tocaram a todos sem esquecer um só.

Quando chegou a vez das alfaias e joias, objectos de uso (1) do Chefe, apesar da cobiça dos velhos e da ambição de partilha da plebe, uma scentelha de malicia brilhou nos olhos da gen-

(1) JUDITH, XV, 14.

talha, que um sentimento só dominava, e daquelas bôcas todas irrompeu a resposta, que Osias pedira: — A quem deve caber a herança do Principe dos Assirios?

— A' viuva de Holofernes! A' viuva de Holofernes!

E a multidão inteira ria, como se tivera uma só bôca, num escarneo infinito.

No silencio do seu retiro chegara o éco do insulto: sentiu Judith lhe saltarem as lagrimas, de revolta e de dor. E arrependeu-se, no intimo do coração, como se arrependem sempre os que servem ao Povo. Talvez que o soldado Assirio, a quem coubesse por sorte, no dia da ruina de Betulia, lhe fosse mais respeitoso...

*

AS AMAZONAS

A' margem de Herodoto, "Melpomene". CX a CXVI.

Amazonas do Termodon ou da Scitia são as mesmas mulheres, quase viragos, quase castas, independentes, ousadas, crueis, simbolos vivos do sexo inimigo, hoje capturado e submisso, cada

vez, porem, mais rebelde e talvez dominador, sobre a natureza inteira que expolia para se enfeitar, principalmente sobre o homem, sua victima de predilecção, empregado no mundo apenas ao seu serviço.

Combatidas pelos Gregos, que amavam as mulheres conquistadas á força, foram as Amazonas de Termodon constrangidas a prisioneiras, e tres naves as transportavam para longe das suas terras, quando, primeiro e fatal descuido dos vencedores armou, pela astucia branda de mulheres, o braço das vencidas, que os subjugaram em boa hora, e, depois de torturas, lhes deram a morte e tumulo no oceano. Livres, mas ignorantes da arte de navegação, erraram com as naus ao capricho dos ventos e mares, até que foram levadas a Cremnes, na Meotida, terra dos Scitas. Desembarcadas, andaram á procura de rebanhos de cavalos e, depois, sobre estes, da vida de aventuras, morticinio e pilhagem, aprazivel ao seu natural.

Eram formoso esquadrão, de ágeis e destros cavaleiros, todos moços, como homens imberbes e de encantadora presença, que teriam de enfrentar as aguerridas tropas dos Scitas. Das que

morreram no sanguinolento combate vieram eles colher, tomados de sorpresa, o segredo dum milagre. Esses jovens herois eram apenas mulheres, que estavam habituados a vencer em prelios menos violentos! A jactancia de homens, senão a malicia, arma favorita dos sexos, inspirou-lhes então outra estratégia. Mulheres, fossem até Amazonas, deviam ser vencidas com brandura.

Chamaram a postos, não a provectos capitães, encanecidos na experiencia da guerra, mas aos rapazes mais bem parecidos, tantos por tantas que calcularam, e lhes passaram ordem de as seguirem, por onde fossem, sem agravo. Se lhes opusessem bravura a bom trato, agressão a bom intento, fugissem sem combate, mas, passada a refrega, tornassem para junto delas, sempre vizinhos do acampamento inimigo. Conheciam os velhos Scitas, autores desse plano de campanha, a bôa tática.

Assim foi. Compreenderam finalmente, e se não de antes, começaram as terriveis guerreiras a sentir, que outra guerra, com outras efusões, queriam esses amaveis adversarios. Com o entendimento das disposições pacificas os acampamentos se foram aproximando, até se reunirem e

uns e outros, em emprêsas comuns, em cavalgadas indistintas, marcharam todos para o esforço ou a peleja solidaria.

Não se atreviam, porem, diante de todos, a chegar ao que bem queriam. Notaram entretanto os jovens Scitas que suas companheiras tomavam repouso ao meio dia, na hora mais encalmada, e uma a uma, aos pares, ou pequenos grupos, procuravam recantos de gruta, ribeiro ou ramagens, onde logravam descanso, em propicia solidão. Dêles, um mais atrevido, que a fortuna queria ajudar, seguiu a sua preferida, de longe, dissimuladamente até que, a distancia, e a sós, se lhe fez encontradiço. Realizou-se o que os velhos Scitas previram: o que o orgulho coletivo das Amazonas não consentia, permitiu a sensibilidade de mulher moça, presa mimosa de rapaz amavel e amoroso. Como Hercules, que desatara outrora o cinto duma das suas rainhas, este Scita, depois do mesmo gesto desejado, foi nos braços da sua Amazona inimiga, um homem feliz.

Ignoravam a linguagem um do outro, mas a lingua do amor é comum e êles se entenderam que era dado prazo para o dia seguinte, no

mesmo refugio e mais, que cada qual devia trazer um companheiro.

Ao outro dia, na hora mais encalmada, foram dois os pares felizes. Correu a noticia, a meia voz, que é proprio do amor não ter resguardo mas falar baixo, de modo que um a uma, dois a duas, todas as Amazonas e todos os Scitas tiveram ameno emprego nas suas séstas, quando o sol a pino fazia outros trabalhos mais ingratos. Por fim, o segredo de cada par, de todos os pares, se revelou na publicidade que a civilização, sem decoro, chama casamento: o amor confessado.

Pois que começaram a dar-se a eles, deram-se completamente. Primeiro o pudor, depois submissão ao habito, acordo, concordancia, desejo de agradar, agrado em se submeter. Aprenderam a linguagem deles, para a convivencia da alma. Para a do coração suportaram a maternidade, cedendo na obediencia domestica o melhor da altiva e nomade independencia. Não reservaram nada; tudo lhes sacrificaram.

Aos maridos que as queriam conduzir a sua terra, deles, misturar-se ao seu povo, objectaram a diferença que havia entre elas e as mulheres

Scitas e a condição diversa, portanto inferior, em que iriam ficar aos olhos de todos e até daqueles a quem tinham dado tudo. Se correspondiam a esse amor tornassem a sua terra, se despedissem dos seus, trouxessem a parte que lhes cabia nas alfaias e joias, utensilios e haveres, e então, definitivamente estabelecidos, constituissem o seu povo.

Assim cumpriram. Como estavam presos a elas pelos laços do amor e do sangue, desataram os outros, menos fortes, e aos pais, aos parentes, aos sitios da infancia, á patria, disseram adeus para sempre, não sem profundo pesar, mas na esperança maior de novo lar, com a esposa e os filhos, na patria nova que vinham fundar.

Quando chegaram, as esposas jubilosas os receberam, para alcançar outro sacrificio: aquela terra lhes havia sido teatro das tropelias e depredações, quando guerreiras salteadoras; agora domesticas e inermes pagariam no futuro com seus filhos as certeiras represalias do inimigo. Fizessem mais ainda por elas, atravessassem o Tanaida, caminhassem alguns dias para o norte da Meótida e achariam o sossêgo, em terra que elas conheciam.

Custou-lhes abandonar a região dos seus antepassados, terra onde nasceram, se criaram, viveram conformados á mesma natureza, de que eram o reflexo, mas por elas, pelos seus filhos delas, fariam ainda mais. Chegados a terra extranha aí se estabeleceram com os seus, e a alegria, sem desconfiança e temor, foi a recompensa desse povo feliz.

Certa manhã, porem, sem que nada o anunciasse, na previsão, havia no acampamento das Amazonas uma exaltação de jubilo, de que só as mulheres participavam: entre os seus braços, na calada da noite, desamparados no sono, todos os Scitas acharam a morte... Nos seus leitos inocentes todos os meninos tinham padecido a mesma sentença.

Readquiriram as Amazonas a sua feroz independencia. Teriam sim, de futuro, conhecimento de outros homens, mas não pertenceriam a êles; seria apenas o meio de haverem outras Amazonas: guardariam as meninas e aos pais distantes mandariam os filhos varões, se os quisessem. Mas sem submissão ao amor, sem as fraquezas da maternidade.

E o credo fundamental do seu povo ficou

que nenhuma rapariga seria maior, Amazona como as outras, capaz de criar outras Amazonas, sem primeiro ter morto um homem. Um pelo menos, como as primeiras Amazonas da Scitia, para começar; outros podiam vir, viriam com certeza. Com o inimigo, porque é, não haveria remissão: sacrificá-los-iam a tudo.

Tal é a lenda das Amazonas. Aos Scitas amorosos deram a flor do seu corpo, criaram no seio o fruto do mútuo amor, padeceram longa e dolorosa a maternidade, e de indomitas guerreiras nómades se fizeram esposas domesticas e submissas... Depois, roubaram-nos ao seu antigo lar, deprezados os pais e os penates, conduzidos a longes terras, privados da gloria e da vida, sem memoria no coração das viuvas, sem perenidade na descendencia dos filhos...

Não é o simbolo dessa luta, quotidiana e milenaria, que se dá por toda parte, entre qualquer homem e cada mulher que se amam? "Ela tudo lhe sacrifica; depois, sacrifica-o a tudo".

*

MIRAGEM

Com os olhos e a alma cheios de maravilha á paisagem deliciosa de Brusse, embalsamada pelas cerejeiras e amoreiras dos pomares, junquilhos e narcisos da varzea que regam as aguas da Nilufer, — uma ribeira que tem nome de princeza—, depois de embeber a vista e o pensamento no macisso imponente do Olimpo, solido e inabalavel assento onde moravam os deuses da imaginação grega e onde vivem ainda as imagens classicas de todos os tempos e todos os povos civilizados; de admirar sem fadiga e com devoção esta miraculosa Mesquita Verde, cujos marmores e faianças, cujos arabescos e florões fazem-na talvez a flor do Islam; de ter na cidadela, no Hissar, contemplado os tumulos singelos dos fundadores da dinastia dos Osmanlis, os soberanos cubiçosos que se avizinhavam sempre mais da presa certa, o Imperio do Oriente, se detiveram, um instante, nessa ultima pousada da Asia, antes do assalto decisivo á Europa... depois de viver no tempo e no espaço horas supremas, passadas, mitologicas e tragicas, horas serenas, presentes, extasiadas e

contemplativas, tornava eu a Constantinopla, refazendo o caminho feito dias antes, por montes e vales até Mondaniah, por aguas tranquilas e azues do Mármara, entre ilhas em flor e no meio da festa de luz, do ceu, da terra, do mar... de novo me tomava o feitiço de Stambul, cujo soberano perfil, da proa do navio que placidamente rasgava o peito das ondas, espiava aparecer, de um momento a outro, como num encantamento.

No horizonte branco, lentamente, como evocadas numa bruma de sonho pela lembrança, surgiam indecisas as linhas esbeltas, desses repuxos de pedra que são os minaretes, depois as massas rendadas, anfractuosas, salientes e reintrantes, dessas arquitecturas sorpreendentes das mesquitas, otomanas e bisantinas, Hagia Sofia á frente, na ponta do Velho Serralho... Stambul começava a divulgar-se no seu esplendor lilaz, e proximo, á direita, como um simbolo de dominação inevitavel, na colina fronteira, que subia, Gálata, a cidade popular, maritima e comercial, entre Suburra e Pirêu, que serve de pedestal a Péra, a cidade internacional, banal e movimentada, vã e presumida, como todas as metropoles

da civilização. Os minaretes brancos das mesquitas e os ciprestes dos cemiterios e turbês, disseminados pelo panorama, riscavam no ar azul os seus perfis serenos, de arte humana e divina, pautas dessa sinfonia maravilhosa de Bisancio — Constantinopla.

Mais proximo, sempre mais proximo, um espectaculo estupendo me conteve a vista, numa contemplação atonita entre certeza e vacilação, realidade e sonho, na qual não queria crer, mas já não podia duvidar.

Entre os confins do Mármara e do Bósforo, em torno da Ponta do Serralho, que termina como um cabo a terra de Stambul, estendia-se, até longe, sobre as aguas, um imenso e prodigioso tapête persa, cujas cores vivas, encontradas, refrangentes, misturadas, divergentes, baralhavam-se nas mais extranhas e garridas figuras, nos arabescos mais formosos e inverosimeis, eram ateiadas em chamas faiscantes pela reverberação do sol a pino, batendo de chapa o espelho partido das aguas, disseminado e disperso, no baloiço irrequieto das marêtas...

As gaivotas debruçavam-se sobre as aguas, tornavam a erguer o vôo, subindo sempre, pai-

rando, descendo novamente, entre a terra e o ceu de sonho e o mar sobre o tapête fabuloso que o cobria...

Compreendi, pela primeira vez, a magia incrivel dessa palavra sem par: "miragem"!

Fora, e era tudo, uma miragem, de meus sentidos, que me mentiam á imaginação... A proximidade, que se encurtava cada vez mais, me veio desenganando... A trama do meu tapête era agua suja do mar no desaguadouro das servidões da Metropole... Eram as côres persas de meus arabescos e bordados, os dejectos do lixo, atirado á praia, que as marêtas arrastam e que fluctuam nos baloiços da onda, trapos brancos de papel, cascas vermelhas de laranja, verde tenro dos restos de legumes, longas e emaranhadas linhas e debuxos que as palhas douradas dos colmos sêcos põem entre os outros residuos pardos e negros do cisco, e da imundicie. As gaivotas que se repastam, descendo ao rés dessas miserias e que se alçam na sublimidade da altura, para engolir e esmoer estas podridões... eram o comentario gracioso de movimento á fantasmagoria dos meus sentidos enganados.

Como o imenso tapête persa estendido aos pés

de Stambul, uma miragem, e uma decepção, é esse Oriente... sujo, tôrpe, cruel, banal, entre ceu de festa e terra de maravilha; de vidrilhos, de missangas, de côres crúas de tecidos estampados em Manchester, de pacotilha metalica exportada por Hamburgo; em torno dos palacios de marmore e das mesquitas de faiança; lazarado de chagas, comido de vermina, de vicios, de traições; explorado e a esmolar; admirado e tratado a ponta-pés; sempre entretanto, com a mente escandecida, a imaginar prodigios e aventuras, "mil e uma noites" da realidade e da fantasia... tudo apenas uma miragem que, na imaginação pueril deles, os mentirosos levantinos, e na nossa imaginação artificial, de romanticos mentirosos, faz esse grande ironista — o Sol, apenas com esta eterna e deliciosa mentira da luz, a mais bela das ilusões da vida...

*

QUERER BEM

Vindo de Constantinopla, desembarcara em Constantza, no Mar Negro, tomara o trem para Bucarest, onde amanhecera, ouvira missa na Metropole, percorrera a carro a cidade, e, só comigo, ia almoçar, num dos belos restaurantes da "calea Victoriei", quando, por companhia, trago um jornal, que em francês era escripto, e só por isso preferido aos de lingua indigena. Emquanto me serviam, passeava os olhos vagamente pelas noticias politicas e mundanas, que pouco interessavam: a proxima queda do ministerio Bratiano; uma nova obra de Carmen Sylva; a generosidade da princeza Maria egual a sua formosura, uma poesia de Helena Vacaresco; recordação que era romena, princêsa Brancovan, essa genial poetisa francêsa, a Condessa de Noailles... Caiu-me a vista, por fim, num *faits divers* que esse me prendeu mais que as vaidades dos poderosos.

Era um pequeno drama, que tinha intima significação. Nos arredores de Galatz, á beira do Danubio, uma formosa rapariga fora cortejada por dois belos e fortes rapazes, que ambos a me-

reciam e ambos, alternativamente, lhe inspiravam a mesma paixão. Os psicologos podem discutir a tese, que dá ao coração a propriedade de não ser ocupado a um tempo por dois amores, como a extensão não permite a dois corpos tomarem o mesmo logar no espaço, mas a realidade era esta, ela amava os dois. Quando estava com um deles, era este o preferido e as razões da preferencia se impunham, tão persuasivas, que ficava resoluta, pedra e cal, que seria desse. Aparecia o outro, a pedra e cal amoleciam e lá se iam delidas, ao encanto novo que a tomava, a convencia, a vencia, só agora certa que este sim era o seu preferido, o eleito, o unico, o senhor do seu coração. Nessa perplexidade vivia, decidida a cada instante, indecisa entre eles, quando longe dos dois se lembrava deles ambos, para ver-se combatida e sem resolução, repuxada sempre em sentidos contrarios.

Um dia, os dois, que esta situação por egual desagradava, apareceram-lhe juntos e pediram-lhe, sem piedade, a rejeição de um, com soberbia, a exaltação do outro... Errou os olhos por ambos, lembrada disto e daquilo, cada vez mais perplexa e confessou toda a sua dolorosa e irre-

movivel indecisão. Só a sorte a livraria dessa duvida, pois que os santos, a quem rezara, não lhe deram recurso: a novena a santo Anastasio, o orago da terra, fora inutil. Pois bem, exclamaram os rapazes, venha a sorte...

Ela reflectiu e o Danubio aos pés deu-lhe uma sugestão: a nado o atravessassem, fossem a outra banda e tornassem: o primeiro a chegar seria o escolhido... Mediram os rapazes a largura do rio, aí quase maxima, porque já perto da foz... sentiram o frio da agua, agora no começo da primavera, quando a neve das nascentes se funde e augmenta a correnteza... mas era mais comprido e mais ardente o amor de moços. Despiram as roupas superfluas, e puseram peito á caudal.

Correu a voz no povoado e a multidão da aldeia, logo dividida em dois partidos, olhava com ansia, votos e aclamações os dois bravos contendores, que pareciam ter o mesmo fôlego. Foram e tornaram quase sem distancia, braçadas eguaes, apesar da grandeza do esforço e do tempo demorado posto em o vingar. Mas, devia ser assim, um deles conseguiu a ultima braçada, junto á margem, antes do outro: era o vencedor!

O rival chegara tambem segundos depois, e só chegava atrasado porque todo era agitado num calefrio intenso. Tomaram-no com piedade, deram-lhe estimulantes, enxugaram-no, aqueceram-no, mas nada lhe valeu porque, instantes depois, ardia em febre, o peito opresso, a pontada do lado, numa pneumonia fulminante. Dois dias depois, era cadáver.

Quando tornou do cemiterio aonde levara o rival, procurou o vencedor uma folha de papel e escreveu á nomorada: "Ganhei a sua mão, mas, porque estou certo de não ter tido jámais o seu coração, lh'a venho restituir. Em nossa lingua amar é querer bem. Você não me podia, nem ao meu infeliz companheiro, amar, pois que nos sujeitou a um perigo, do qual podiamos morrer, como de facto morreu meu desgraçado rival. Podia ter sido eu. Empreguei portanto mal o meu amor, em quem não me queria bem. Perdôe-me o erro, como eu lhe perdôo o risco que me fez correr... Baste-nos o remorso da vida que fizemos perder-se..."

Talvez o jornalista pusesse sal no estilo da carta, mas o facto era este. Amar não pode jámais ser querer mal. Como em português, no

romeno, lingua irmã, tambem é querer bem. E bem longe, no extremo dos Balcans, numa sala de restaurante, em Bucarest, lembrou-me uma historia, que bem podia ser réplica desta outra.

Trabalhava eu no Serviço Medico-Legal do Rio, quando um dia, preparado para as autopses, que aí se faziam todas as manhãs, ás vezes numerosas, disse-me o escrivão que me tomava as notas para o laudo: — Temos, hoje, apenas um caso... o de uma rapariga que se suicidou. Parou um instante e ajuntou: — Uma historia comovente... valia a pena ouví-la antes de começar.

Embora apressado, e a emotividade romba de medico, que se embota mais que o gume dos canivetes, levantei a vista e pedi-lhe que m'a dissesse, sem delonga.

— Foi este o caso. Era uma rapariga geitosa, morena, cabelos pretos anelados, apenas de dezeseis anos. Pode vê-la, sobre a mêsa, não terá mais disso: a morte ainda não lhe tirou o mimo. Só ela nos deixa agora ver todo ele: como era bonita! Pois bem, dois rapazes se engraçaram dela e ambos puseram taes extremos em lhe agradar, que a rapariga, que não sabia ser ingrata, embora tivesse a sua preferencia, não

soube ou não pôde manifestá-la claramente. Os dois porfiam e como não era pequena a paixão, sobreveiu o ciume e, depois, o odio. Os rivaes juram-se, e se querem matar. A pobresinha vem a saber e pretende intervir. Eles o disseram, haviam de cumprir: um era de mais sobre a terra. Exactamente o mais fraco ou mais delicado seria o preferido, e o outro era mais turbulento e desabrido... Procura-os, não os encontra. A rixa ia ter, a qualquer momento, o seu desfecho: só um, o vencedor, apareceria. Nessa tribulação, de homens que a amam e se vão matar por ela, nessa maior porventura de perder aquele a quem ama e vir a ser do outro a quem não quer bem, chega-lhe a resolução desesperada. Escreve-lhes uma carta e ingere uma dose de veneno. Na carta dizia que não lhe seria possivel ter paz na consciencia, com uma morte, por causa dela. Não poderia ser mulher de seu amado, se ele fosse assassino, menos ainda do outro, se désse a morte ao seu preferido. Só achava uma solução: desaparecia! Perdoassem-lhe, continuassem a querer-lhe, na saudade; ela queria tanto a um deles que para salvá-lo de ser morto, ou ser assassino, chegara a morrer...

Talvez empreste ênfase ao escrivão, ou á pobre rapariga: o facto era porem este. Na carta não declarava o preferido: ficava a possibilidade, a cada um, de o pretender, dentro de si... Eles se reconciliaram e agora estavam aí fora, para vê-la, para lhe prestarem os ultimos carinhos de afeição. Como eu duvidasse da historia, que me parecia demasiado romantica, disse-me o escrivão:

— Eles aí estão na sala de espera, juntos, e não cessam de chorar...

Entrei a espiá-los, e vi-os, pobres diabos, um a consolar o outro, tambem em pranto: falavam dela, naturalmente. Penetrei então na sala de autopse. Ela parecia dormir, hirta e fria, sobre a mêsa de dissecção, já sem resguardos de pudor. "A morte não lhe tirara o mimo...", não seria a minha impiedade de perito que o havia de fazer. Mandei que a vestissem, piedosamente, e sem detença. Ao escrevente ditei um laudo de exame cadaverico: uma escara anegrada no labio confirmava o toxico, que fora o lisol.

A' tarde, seguia o humilde prestito funebre para S. Francisco Xavier. Alem dos parentes, de algumas amigas, iam os dois namorados, por

quem morrera, por bem querer. Num automovel os acompanhou um desconhecido, que assistiu comovido á sepultura que se abria para recebê-la... Nas flores que sobre o tumulo singelo lhe deixou, não se foi entretanto toda a sua comoção, pois que ainda agora revive, numa terra longinqua, entre gente diversa, mas que fala uma lingua irmã da nossa... Em romeno, como em provençal, como em português, irmãos mais moços da latinidade, amar é "querer bem". Das duas historias, se posso tirar uma conclusão, é que lá — na minha terra, se ama melhor: aqui, ás vezes, se mata por querer bem; lá, ás vezes, a gente morre por bem querer.

*

FOLHA AO VENTO

Tornando do Oriente, disse-me Fernando, minha ultima impressão recolhida, a imagem final que se juntou ás outras e lhes serviu de indice, ou de simbolo, foi uma mulher. Rolava de Bucarest para Viena, no Orient-Express, quando, em Buda-Pest, porta doirada que deste lado

comunica duas eras, duas civilizações, dois continentes, a Asia que ainda vem até aí, a Europa que daí começa, o mundo antigo e o mundo moderno, a balburdia oriental e a policia do Ocidente..., quando em Buda-Pest, no meu compartimento de primeira classe, penetra uma linda rapariga. Acomoda a sua pequena "valise", protege um ramo doirado de junquilhos, toma de um livro e senta-se junto á janela, defronte de mim. Era quase alva, ainda morena, mas rosada, com uns formosos e abundantes cabelos castanhos com reflexos de cobre que lhe incendiavam uma aureola discreta sob a pequenina "toque" de palha, esbelta de corpo, vestida com simplicidade e elegancia por um "tailleur" de pano havana, que a cobria e entretanto não a dissimulava, delicada e fragil no porte, entretanto resoluta de maneiras, bem feminina no todo, com esse encanto multiplo e variado na mesma criatura, tão particular dessa fusão de raças da Austria-Hungria. Abaixou a vista sobre o livro e não fez caso de mim: só em minha direcção saía, de sob uma amostra da fimbria rendada da saia branca, cruzadas as pernas, a ponta esguia

de um pé que oscilava num ritmo, apenas sensivel, como se pulsasse, ou houvesse nele tambem coração.

Pouco adiante, o sol forte, mais ousado do que eu que a mirava por debaixo dos cilios, pôs-se a namorá-la, através da vidraça, aquecendo o compartimento; tentou abaixar o vidro, ela sem forças, ele obstinado: levantei-me, pedi-lhe licença, e fiz o que queria. Um imperceptivel movimento de cabeça agradeceu-me o gesto. Não durou muito; ainda sob a luz franca, começou, de açoite, uma chuvinha fina. Tentou então levantar a vidraça; de novo corri em seu auxilio: desta vez compensou-me um sorriso. Nem de proposito; a chuva cessou, rapidamente, e outra vez voltou o calor, abafado, dentro do carro. Terceira tentativa, que minha solicitude impediu ainda completar-se: desta vez uma palavra de agradecimento lhe veiu aos labios. Aventurei, como resposta, esta imprudencia:

— O tempo nem mais parece "o" tempo...

— Porque?

— Parece antes "a" tempo...

— Não compreendo...

— Tão inconstante, que se diria do outro sexo...

Ela sorriu, e o ligeiro tom de rosa se acentuou na face.

— Faz então este juizo das mulheres, de todas as mulheres?

Estavam atadas as relações, e uma deliciosa palestra, um dialogo discreto, respeitoso, inteligente, espiritual, insinuante, intimo, confidencial, como o imprevisto das viagens o permite a dois desconhecidos educados, que se encontram ao acaso, e sabem que não virão mais a se encontrar... Dela apenas soube o que me disse, tudo o que eu desejaria saber. Era uma jovem cantora da Opernhaus, o teatro lirico de Viena, e viera em visita á familia, na Hungria; tornava agora, saudosa dos seus, mas encantada com a esperança de muitos aplausos e da gloria definitiva, na estação que ia começar. Como tambem eu ia para Viena, convidou-me a ir ouvi-la. Cantava a "Manon", de Massenet, no proximo sabado e queria ver-me nas primeiras filas. Como gabava essa musica, a mais sensual das que gostava de ouvir,

prometeu-me que diria para mim aquela deliciosa aria, de resignada desilusão:

Voyons, Manon,
Pas de chimères...

A' medida que o comboio nos aproximava da Capital, parece que encurtavamos, na camaradagem, a cerimonia desse primeiro encontro. Lembrou-me a palavra de oiro de Sainte Beuve: aquele que não logrou a intimidade discreta e respeitosa de uma mulher inteligente e sensivel, não conheceu o mais delicado prazer da vida...

Foi com uma mútua tristeza que nos vimos cercados da formosa cidade, a nos envolver por todos os lados, agora ainda os suburbios, daqui a pouco no coração de Viena. Disse-me, gravemente, que nos iamos separar; ao chegar a estação, esperava do meu cavalheirismo que não mostrasse conhecê-la; fosse aplaudi-la á Opera, escrevesse-lhe para a posta-restante do Graben. Levantou-se, guardou o livro, tomou os junquilhos, deu-me ainda um sorriso, apertou-me francamente a mão e, logo depois, fechou o rosto, ergueu o busto, perfilou-se, distante e alheiada a

mim, não me conhecendo mais. Quando o trem, no ultimo ofêgo, parava na "gare", debruçada na portinhola, já sorria para alguem que a esperava, um jovem esbelto e loiro, que lhe sorria embevecido, e lhe tomava, ainda do vagão, a pequena "valise", e lhe beijava sofregamente a mãosinha enluvada. Eu já não existia para ela; deixara-me a melancolia por companheira.

Desci tambem do carro e para o salão das bagagens me dirigi, sem a perder de vista na multidão afanada de passageiros e carregadores, ao fim do longo corredor de saída: emquanto o rapaz se entretinha em entregar ao guarda o seu bilhete, ela voltou-se rapidamente e encontrou, como desejara talvez, o meu olhar que a seguia. Mas foi um instante, imperceptivel. Reassumiu logo a sua afectuosa posição ao braço do seu cavalheiro, todo embevecido nela, toda ela caida sobre ele, dada a ele...

Sacudiu Fernando a cinza do seu cigarro e ajuntou com tristeza:

— Como o tempo, tambem elas são inconstantes... como esse Oriente, movel, variado, sempre diverso e, por isso, eternamente encantador.

Notas

O automovel e o carro de bois. "Você apenas é visto..." Idéa semelhante ocorreu, soube-o depois, a Robert de Flers e G. A. de Caillavet, no seu drama *L'Eventail*, que vi representado recentemente no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Não pude conferir o texto, mas ouvi que, "de automovel, em vez da gente ver a paisagem, é a paisagem que vê a gente". O encontro de pensamento me desvanece. O meu carro de bois foi entretanto alem: "Você apenas é visto, mal-visto..."

Guerra aos homens. Em plena guerra, a "Liga Brasileira pelos Aliados" entendeu, uma vez, angariar donativos em beneficio dos Belgas: foi anunciado um espectaculo publico. Luís de Castro compôs um belo programa, com uma opereta e uma pantomima, e numerosos monologos, cantos, fados, recitativos, que dariam ensejo ás habilidades de formosas senhoras da sociedade. Reparou, porem, o organizador, que, isolados, pareceriam numeros de "café-concerto"; teve então a idéa de uma peça, de que fossem o recheio. Reclamou-a de José Verissimo, presidente da "Liga", cuja autoridade se exerceu, designando-me para este serviço, quasi... militar, a que não era licito furtar-se um aliado. A *Guerra aos homens* foi assim escripta, ensaiada e representada, em alguns dias: teve a

casa cheia de grande espectaculo, e os aplausos entusiasticos do publico ás improvisadas atrizes que a representaram:

Sra. Carlos de Carvalho.....		*D. Beatriz*
Senhorinha	Lidia Licinio Cardoso..	*Suzon*
"	Helena Van Erven ...	*Gégé*
"	Silvia Nioac de Souza.	*Miloca*
"	Lilah de Barros	*Silvia*
"	Lelia de Barros	*D. Laura*
"	Aurora Caldeira.	*Dulce*
"	Guilhermina Lemos ...	*D. Branca*
"	Adelia Theile	*D. Nadir*
"	Maria Emma Freire ...	*Anna, creadinha*

A 1.ª representação foi no Teatro Municipal, do Rio de Janeiro, a 4 de Novembro de 1915.

Depois do Rio, S. Paulo, Campinas, Santos, Sorocaba... têm visto representar a *Guerra aos homens.*

Fruta brava. Este conto foi publicado na *Revista da Academia Brasileira,* n.º IV, ano II, 1911, pags. 313, etc., sob o titulo "*Fruta do Mato*". Mais tarde, dei o mesmo nome a um romance de costumes sertanejos, sem nenhuma relação com esta narrativa, a não ser o tema, alegorico. Para não haver mais confusão, uma variante dele crisma presentemente esta historia: "Fruta brava"...

INDICE

I PARENTES POBRES

"HISTORIAS NATURAES"

	PAGS.
Seixo rolado	7
Bondade imoral	9
Indecencia	11
Dialogo mudo	11
Mistérios	16
Sem inveja	17
Deus proverá	18
Formigas carregadeiras	20
Fruto bichado	22
Romeu e Julieta	22
Enterro de formiga	24
Apressados	25
E' de mais!	26
O que não se perdôa	27
Nosso premio	27
"Brasilia sive Papagalli Terra"	30
Uma teoria da linguagem	32
Domesticação e educação	35
Bicho-homem	37
Civilização	38
Cão e gato	38
A vida dolorosa dos tico-ticos	40
Lembra-te de desconfiar	44

PAGS.

O Bello Sexo 44
Imagens 45
O Automovel e o Carro de Bois 46
Ironia a Civilizados 51
Cigarra e Formiga 54
Reys do Brasil 57
Imortalidade 57
Mucharana 61
Feros 65
Poltrões 67
Incoerencia 68
Bom Ensino 68
Scepticismo 69
Tela de Penelope 71
Etica amorosa 73
Livre arbitrio 76
Vontade 78
Imbecis 78
Nem obstinação, nem veleidade 80
"Pedigrée" e Historia 83
Compensações 84
Comparações 86
A Alma das multidões 87
Matar por matar 90
Um monstro 94
Injurias 96
Nossos parentes pobres 97

II INTIMIDADES

"HISTORIAS ANTIGAS E MODERNAS"

Profecia 103
O símbolo do Brasil 104

PAGS.

Antecipação 107
Métodos 110
Educação, Instrucção 112
Honras 113
Esaú e Jacob 115
Gloria 118
Sciencias e Letras 119
Carnaval 121
Até o Céu 123
Franqueza 125
Desejo e Fastio 126
Preferencia 128
Menina e Moça 130
Quem é que sabe? 132
Feias e Bonitas 136
Idéas Encontradas 138
Guerra aos Homens 140
Desconcerto 180
Fruta Brava 182
"Nihil novum" 205
Em defesa de D. Francisco Manoel 208
Elles e Ellas 210
A Memoria do Coração 213
Aprende a duvidar 216
Logicos 218
Evolução e Involução 219
O Homem 221
Eros 223
Religião 225
Crer 227
Imortalidade da Alma 228
O Ideal 229
Deus 230

III Miragens

"Historias Universaes"

PAGS.

Flor, mulher, poesia! 233
Penelope e Nausicaa..... 235
Helena 241
Homens e Bestas..... 250
A Bôa Escolha..... 251
Ocasião 258
Judith, ou a Gratidão do Povo..... 260
As amazonas..... 292
Miragem 300
Querer bem..... 305
Folha ao vento..... 312
Notas 319

N. 1.244 — Officinas Graphicas da Livraria Francisco Alves

PQ
9697
P35P3
1920

Peixoto, Afranio
Parábolas

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 01 06 14 024 0